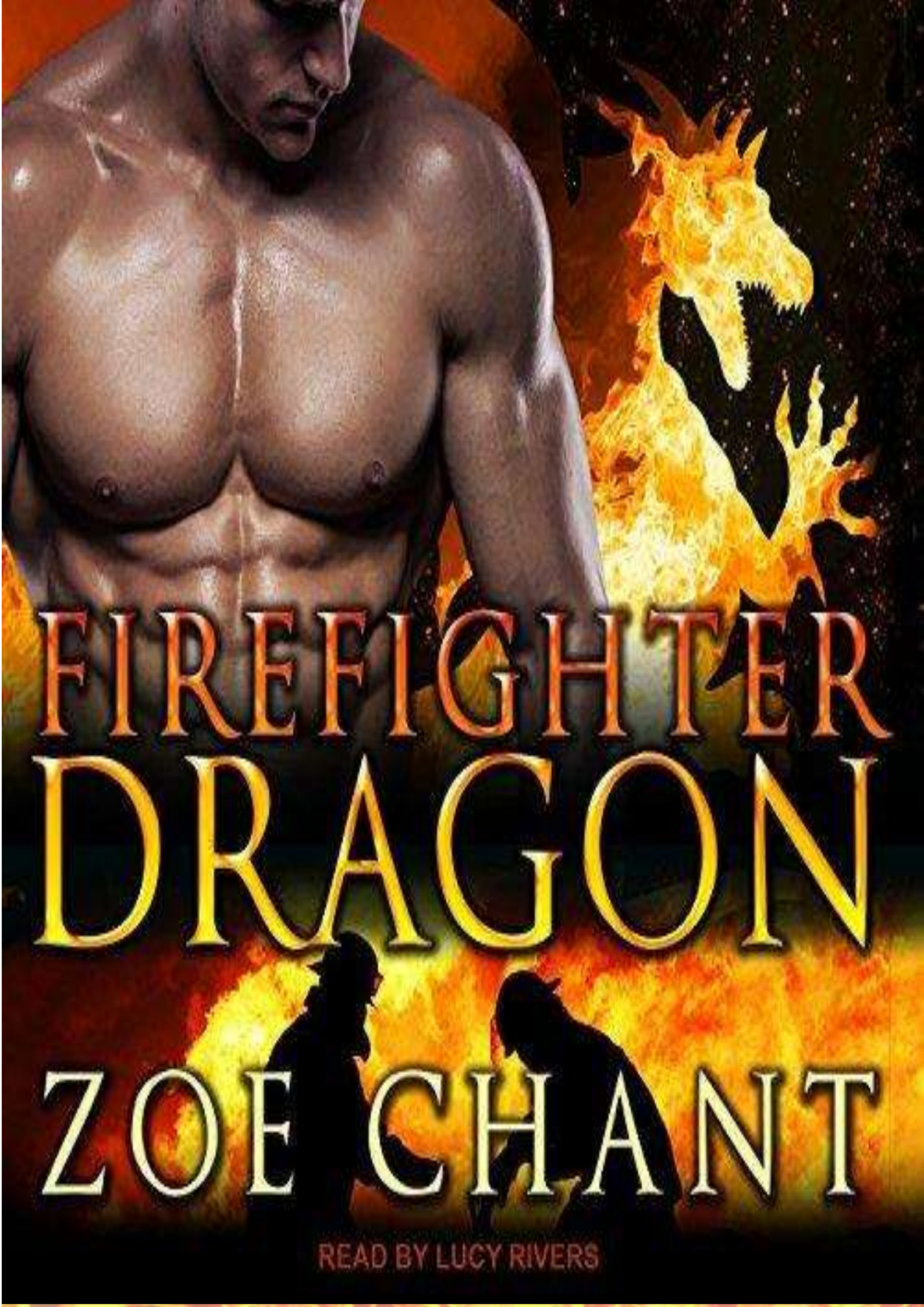


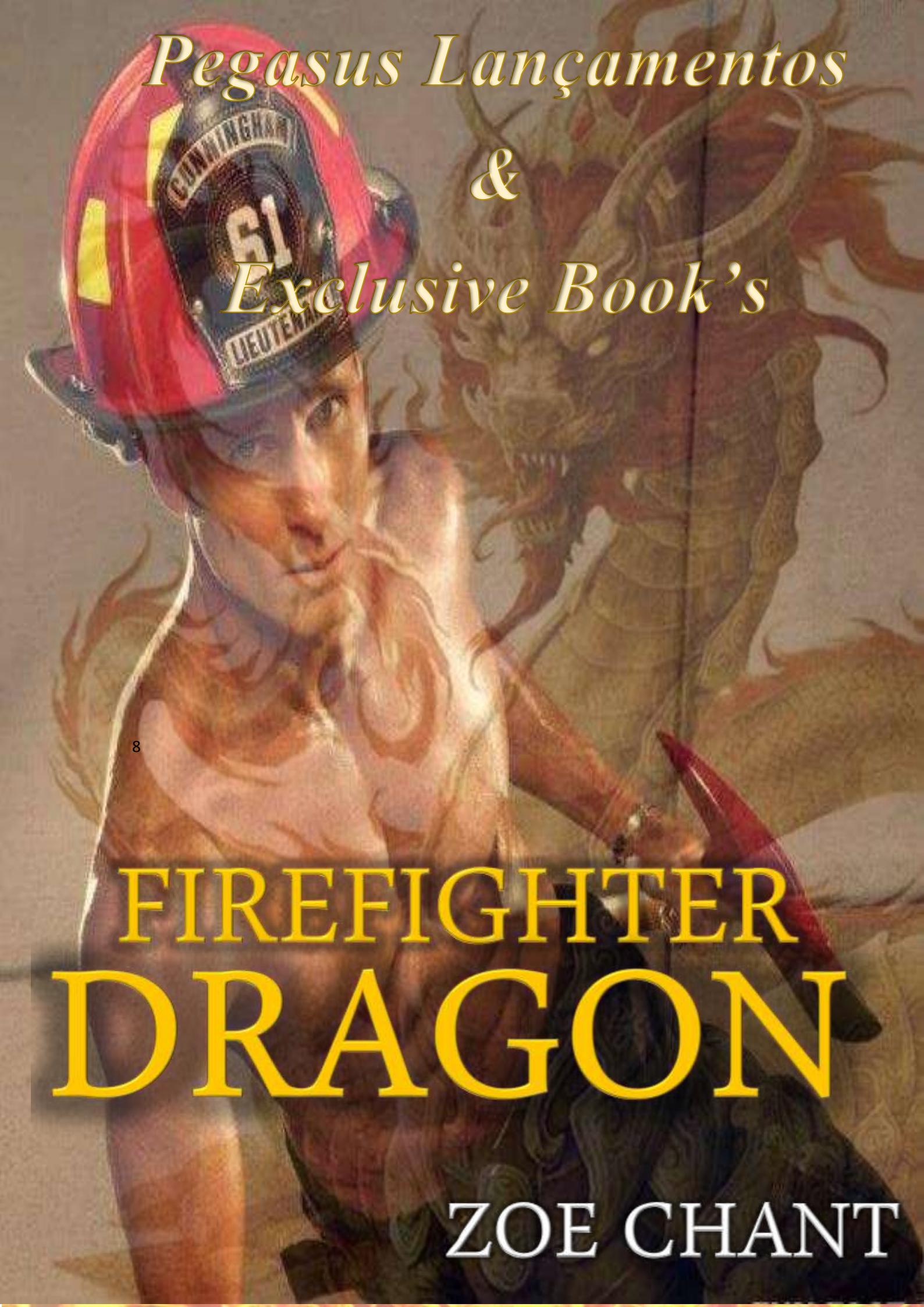


FIREFIGHTER DRAGON

ZOE CHANT

READ BY LUCY RIVERS



The background of the book cover is a detailed illustration. On the left, a firefighter is depicted from the chest up, wearing a red helmet with 'CUNNINGHAM' and the number '61' on the front, and 'LIEUTENANT' on the side. He has a determined expression and is looking slightly to the right. On the right, a large, ornate dragon is shown, its body covered in intricate scales and its head turned towards the firefighter. The dragon's head features large, curved horns and a fierce expression. The overall style is painterly and dramatic, with a warm color palette dominated by reds, oranges, and browns.

Pegasus Lançamentos
&
Exclusive Book's

8

FIREFIGHTER DRAGON

ZOE CHANT



Pegasus Lançamento e Exclusive book's

Tradução: Keyla Y.

Revisão: Nanni, Lih Bitencourt

Leitura Final: Luciana Vaccaro

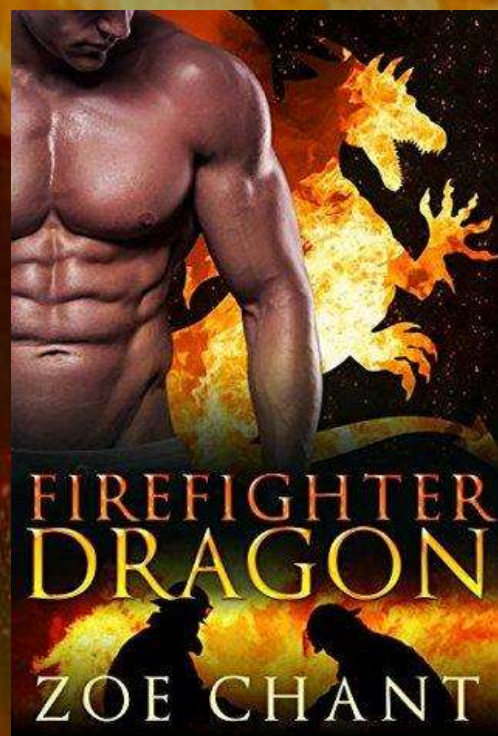
Formatação: Indyy Oliveira



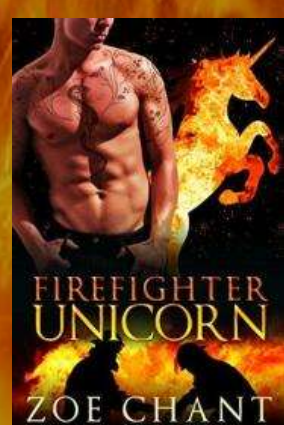
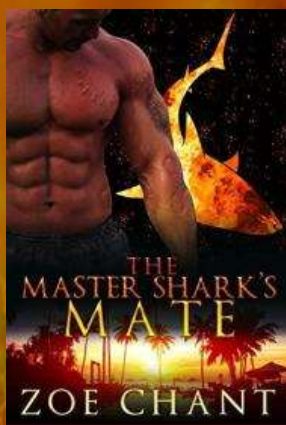
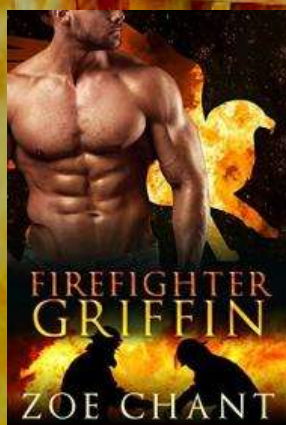
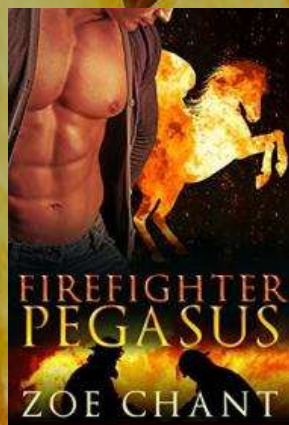
Exclusive Book's

Série

Fire & Rescue Shifters



LANÇAMENTO



EM BREVE

Sinopse

Uma arqueóloga curvilínea descobrindo a vida . Um shifter dragão bombeiro que luta contra seus instintos. Um artefato de valor inestimável cobiçado por um rival implacável... Resultado: uma aventura ardente!

Quando a curiosa arqueóloga americana Virginia Jones encontra a sepultura perdida de um antigo rei anglo-saxão perto da cidade inglesa de Brighton, ela descobre muito mais do que esperava. Desenterrar um artefato de valor inestimável, acaba invocando um dragão maligno que não vai parar por nada até reivindicar o tesouro para acrescentar à sua coleção. Presa em um edifício em chamas por uma besta que deveria ser fruto da imaginação, a única esperança de Virgínia é chamar a emergência ...

Dai Drake tem uma ocupação incomum para um shifter de dragão — ele é um bombeiro, parte de uma equipe de elite all-shifter. Quando resgata Virgínia do incêndio, imediatamente a reconhece como sua única e verdadeira companheira. Mas como ele pode dizer para ela o que é, quando o primeiro dragão que conheceu foi um monstro ganancioso e sanguinário?

Enquanto Virginia e Dai trabalham juntos para impedir que o artefato caia nas garras erradas, a centelha entre eles rapidamente se transforma em uma labareda. Mas o segredo de Dai fará com que seu relacionamento vire fumaça?



Capítulo Um

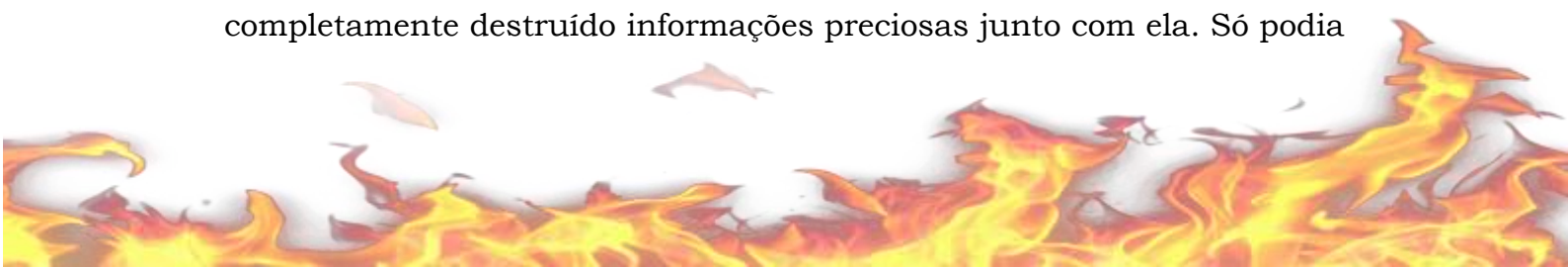
A primeira coisa que Virginia Jones aprendeu em sua primeira aula como uma estudante universitária, foi que a verdadeira arqueologia não era nada parecida com a arqueologia dos filmes.

— Não é como invadir locais estrangeiros com pés de cabra e evitar armadilhas mortais, a fim de encontrar tesouros perdidos — seu professor falou, enquanto percorria com o olhar as fileiras cheia de jovens ansiosos com um olhar fulminante — *Se ele pudesse me ver agora* — Virginia pensou com mau humor, enquanto ela alavancava o pé de cabra — *o velho teria um aneurisma.*

A “*localização estrangeira*”, era uma construção no sul da Inglaterra, e as “*armadilhas mortais*”, eram algumas câmeras CCTV. Mas Virginia tinha certeza de que seu antigo professor ainda teria desaprovado. Tecnicamente, ok... *definitivamente*, ela era uma fora da lei. Estava junto ao portão lateral, tentando abri-lo.

Da próxima vez que eu tiver que arrombar para entrar e proteger um local de grande interesse histórico, eu trarei uma serra elétrica, — ela pensou. Virginia jogou todo o peso contra o pé de cabra, e foi recompensada pelo ranger do metal, quando as dobradiças do portão se moveram. Contendo firmemente seus nervos e agarrando seu detector de metais, Virginia atravessou a abertura.

Usando seus óculos de visão noturna alugados, viu que o local da construção parecia uma paisagem lunar, com profundas crateras causadas pelas escavadeiras que já haviam raspado a camada superficial do solo. Virginia franziu o cenho, a ira a inundando. Seja qual for a quantidade de terra que tenha sido retirada, deve ter completamente destruído informações preciosas junto com ela. Só podia





esperar que não estivesse muito atrasada para salvar artefatos de valor inestimável de serem esmagados além de qualquer recuperação pelas máquinas.

Ao verificar a bússola em seu celular, Virgínia se virou para se orientar. Muito abaixo dela, ao sul, podia ver as luzes distantes de Brighton beirando o mar. Aqui em cima das colinas de South Downs, a cidade parecia um punhado de jóias brilhantes.

Uma imagem sobre como pareceria há mais de mil anos passava por sua cabeça. Apenas algumas luzes vindas das lareiras das casas dos colonos saxões, cercadas pela vasta escuridão da floresta. Um desses colonos talvez tivesse olhado para as colinas, onde agora estava de pé e planejado como queria ser enterrado lá, para que pudesse observar seus descendentes enquanto se multiplicavam na nova casa que tinham construído depois dele.

— Espero que sim. — murmurou Virginia para si mesma.

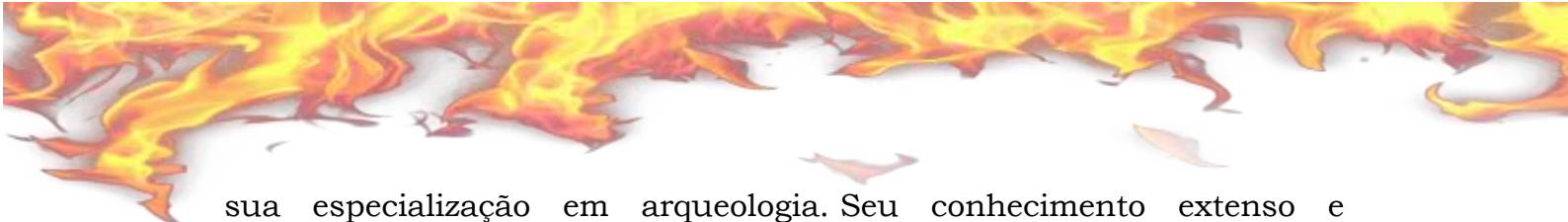
Desamarrando seu detector de metais, ela começou a trabalhar. O solo de calcário deslizou sob suas botas, enquanto metodicamente vasculhava o local, balançando o detector de metais em um ritmo constante. Por enquanto, manteve-se fora da vista das câmeras CCTV que guardavam as escavadoras espalhadas pelo centro do estúdio. Seu coração saltou para cada apito e retirou seus fones de ouvido. Conseguiu apenas unhas quebradas ou uma lata de Coca descartada.

— Vamos, Brithelm. — ela falou, como se um guerreiro que estivesse morto por mais de mil e quinhentos anos, pudesse deixar sua sepultura em uma posição mais fácil de encontrar.

— Não seja tímido.

Infelizmente, Brithelm mostrou ser um cadáver teimoso, uma vez que na varredura do perímetro, não apareceu nem mesmo uma moeda de cobre. Virginia olhou para as câmeras de CCTV, desejando que ela tivesse feito alguns cursos de eletrônica ou de informática, junto com





sua especialização em arqueologia. Seu conhecimento extenso e detalhado das migrações anglo-saxãs (DC 400—900), não lhe forneciam nenhuma visão particular sobre como desativar uma câmera de segurança moderna. Com um encolher de ombros, começou a atravessar a área monitorada de qualquer maneira. Tendo passado a maior parte dos últimos três meses examinando sozinha todos os outros centímetros das colinas acima de Brighton, dificilmente voltaria atrás agora.

— Vamos, Brithelm. — ela implorou, cada pedaço de chão escavado, iluminando sua esperança.

Quatro anos de pesquisa, três estudos preliminares, duas viagens à Europa e uma concessão quase esgotada, a levaram a este pequeno pedaço de lama revolvida. Ela depositou toda a sua reputação nesta descoberta. Se não houvesse nada aqui.....

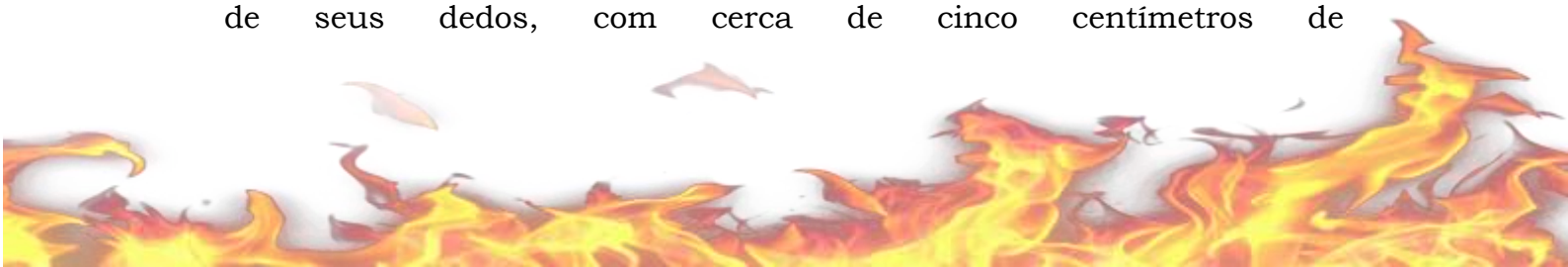
O detector de metal fez um barulho alto.

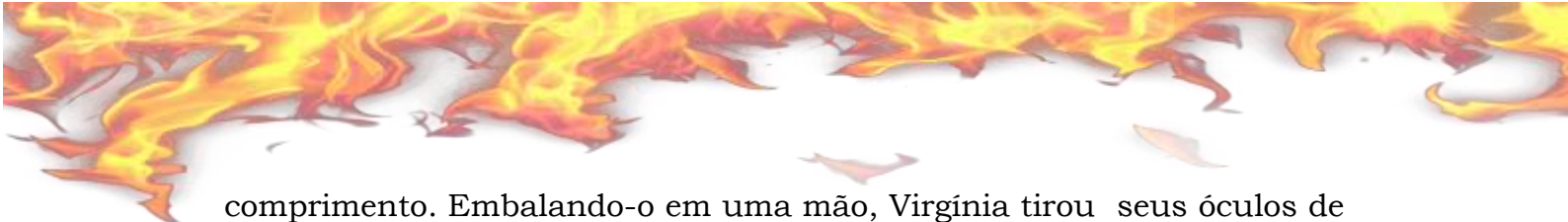
O coração de Virgínia saltou em sua boca, e ela caiu de joelhos. Localizando cuidadosamente a fonte do sinal, puxou sua espátula do cinto de ferramentas e começou a cavar. Passou metodicamente o detector de metais sobre a crescente pilha de terra e de volta, testando cada polegada, enquanto cavava. Nada. Nada. Nada.

Sinal!

Virgínia gentilmente peneirou o solo através de suas mãos trêmulas. Seus dedos nus tocaram o metal, e uma emoção peculiar, muito pouco científica, atravessou suas veias. Mesmo antes que esfregasse a sujeira, estava estranhamente certa de que isso era o que estava procurando, e que de alguma forma, ele estava esperando por ela também.

Embora não desse para saber o que era isso que acabava de achar. O pedaço de metal suavemente curvo, era tão largo quanto dois de seus dedos, com cerca de cinco centímetros de





comprimento. Embalando-o em uma mão, Virgínia tirou seus óculos de visão noturna com a outra, empurrando-os para cima de sua testa. Ela retirou a lanterna do cinto de ferramentas, virando o raio de luz para a peça.

— Oh, você é tão bela. — ela respirou, enquanto a luz iluminava o inconfundível brilho de ouro puro.

Virgínia virou a peça. O lado côncavo era suave, mas o lado convexo era cheio de padrões intrincados. Mesmo através da sujeira escondida, ela podia ver que a mão de obra era requintada. Uma enorme gema arredondada surgia do centro da peça, fazendo com que parecesse o olho de uma besta fabulosa.

Como ... um dragão?

O coração de Virgínia acelerou.

— Brave Brithelm, como o olho do dragão. — ela disse em voz alta, em Inglês Antigo, citando um dos poucos textos do período que se referia ao guerreiro.

De repente, teve um estalo.

— O capacete!

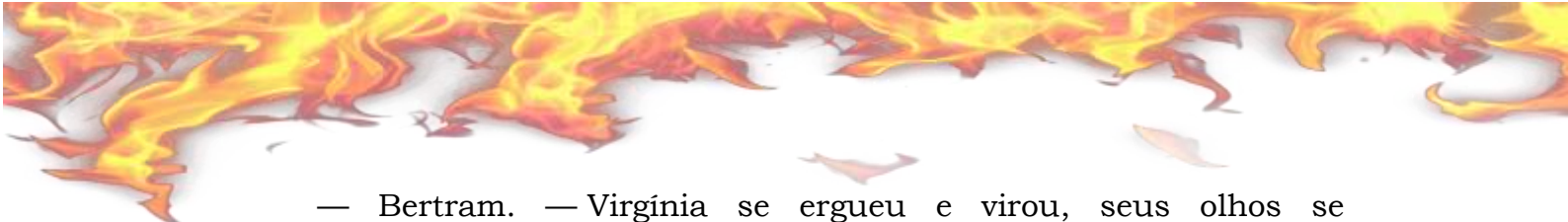
Ela imaginou como pareceria estando completo, com o trabalho de jóias e ouro. Teria coroado a cabeça do guerreiro que o usava, em uma deslumbrante exibição de riqueza e poder.

— Um elmo brilhante. Brithelm.

— Ah, é a Virgínia. — falou uma voz masculina familiar e divertida por trás dela, quase fazendo com que Virgínia deixasse cair o precioso artefato. Conseguiu empurrar o artefato no bolso, antes de ser pega pela luz de uma lanterna.

— Por que não estou surpreso?





— Bertram. — Virgínia se ergueu e virou, seus olhos se levantando com sua chegada repentina. Mesmo que seu coração estivesse martelando em sua boca, ela preferia morrer no local, do que dar à ele a satisfação de saber que a tinha assustado.

— O quê, sujando-se em campo? Eu pensei que você gostava de deixar esse tipo de coisa para nós. — ela fez aspas ar com os dedos. — Escavadores de sujeira intelectuais.

— Escavadores de sujeira não-intelectuais, minha querida. — disse Bertram, seu aristocrático sotaque britânico fazendo com que cada sílaba a cortasse como vidro.

— Aprendendo a citar as fontes com precisão?! Isso melhoraria seus documentos imensamente.

Ele se dirigiu para frente, escolhendo delicadamente o terreno batido. Como sempre, estava impecavelmente vestido com um terno cinza claro, que provavelmente custaria tanto quanto a concessão de pesquisa de Virgínia.

Torceu o feixe da lanterna para o buraco a seus pés, depois voltou para seu rosto.

— Você é uma menina ocupada.

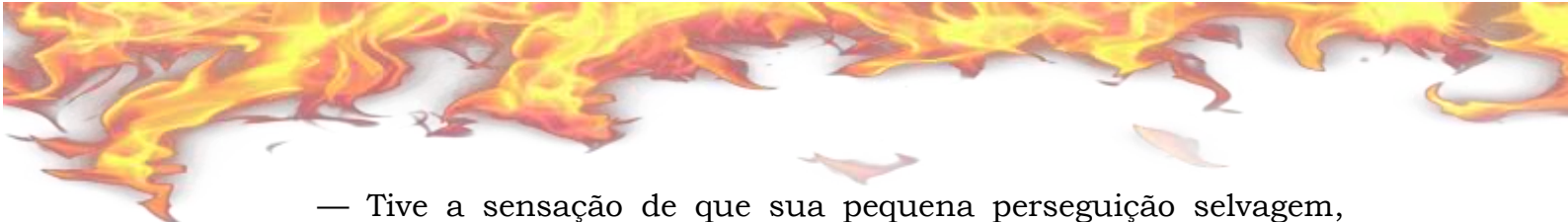
Eu não ouvi um carro, Virginia percebeu inquieta.

Bertram parecia tão bem arrumado e limpo como se tivesse acabado de sair do céu. Só podia assumir que estava escondido nas sombras o tempo todo. Ele viu o artefato?

Ela se forçou a manter a mão longe do bolso do casaco, e sua voz se alterou.

— Você está me seguindo, ou simplesmente estava por aqui esperando que eu aparecesse?





— Tive a sensação de que sua pequena perseguição selvagem, poderia levar você a fazer alguma aparição. — Bertram inclinou a cabeça na direção da câmera CCTV.

— Eu pensei que seria prudente manter um olho sobre o investimento de meu pai. Afinal, eu recomendei este local para ele como o local ideal para o seu mais recente hotel. Vista encantadora, apesar de tudo.

— Você sabia. — Virginia cuspiu furiosa, apertando os punhos. — Você sabia que toda a minha pesquisa apontava para ser este o lugar do túmulo de Brithelm. Você não está apto para ser chamado de arqueólogo.

— E no entanto, de alguma forma, todos os nossos colegas olham para mim e consideram você uma piada. — Bertram tirou uma mancha inexistente de sujeira da mão, seu anel de ouro pesado piscando enquanto ele fazia isso.

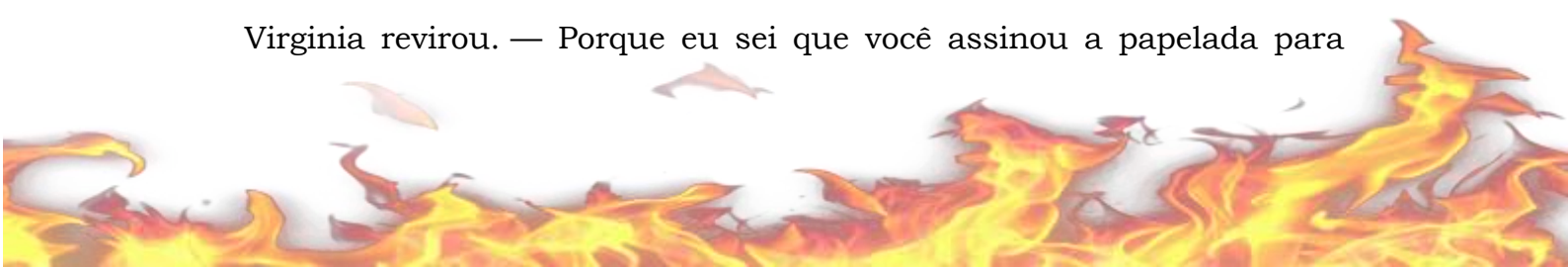
— Se eu puder lhe oferecer um pouco de conselho profissional gratuito... Desista desse caso de amor ridículo com esse guerreiro inteiramente mítico. Talvez você possa ocupar uma posição agradável e silenciosa em um museu de história local. Você daria uma esplêndida guia de turismo para estudantes.

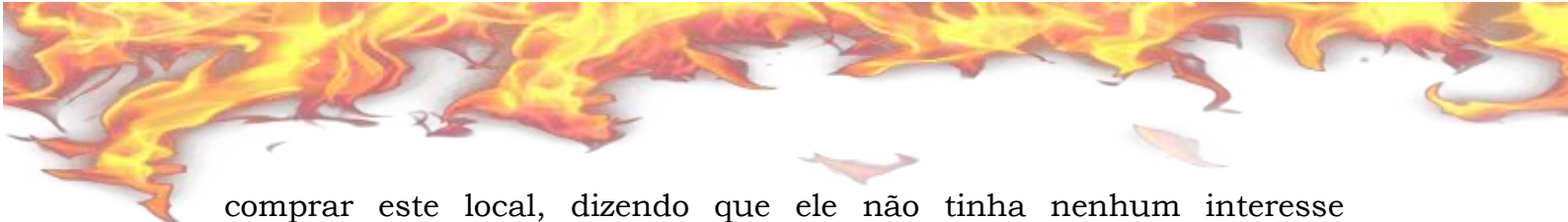
— Estou tão ansiosa para ver seu rosto, quando eu apresentar minhas descobertas...— disse Virginia. — Eu me certificarei de que os organizadores da conferência, reservem a você uma cadeira na primeira fila.

Bertram suspirou.

— Infelizmente, o mundo acadêmico é muito meticuloso. Os criminosos raramente são convidados à dar discursos de abertura. Você está ciente da sentença por invadir propriedade privada?

— Você está ciente da sentença por corrupção e suborno? — Virginia revirou. — Porque eu sei que você assinou a papelada para





comprar este local, dizendo que ele não tinha nenhum interesse histórico e por isso era adequado para a construção. E não há nenhuma maneira de que você realmente possa ter feito essa pesquisa.

Bertram ficou subitamente imóvel.

— Você encontrou alguma coisa.

Eu estou sozinha à meia-noite, no meio do nada, com um homem que me desprezou por quase uma década, com algo no meu bolso que arruinará sua reputação profissional e custará à sua família uma grande soma de dinheiro.

— Não. — Virginia disse, sem soar convincente.

— Você encontrou algo. — repetiu Bertram. Seus olhos se estreitando. — O quê? Algo sem valor, sem dúvida. Uma moeda, ou uma ponta de flecha. Nada de significativo.

— Hah! É o que você desejaria. — Virgínia não conseguiu evitar o sorriso que se espalhou pelo seu rosto. — Oh, você está tão errado, Bertram. Este não é apenas um monte de terra velha. Este é o túmulo de Brithelm, e posso provar.

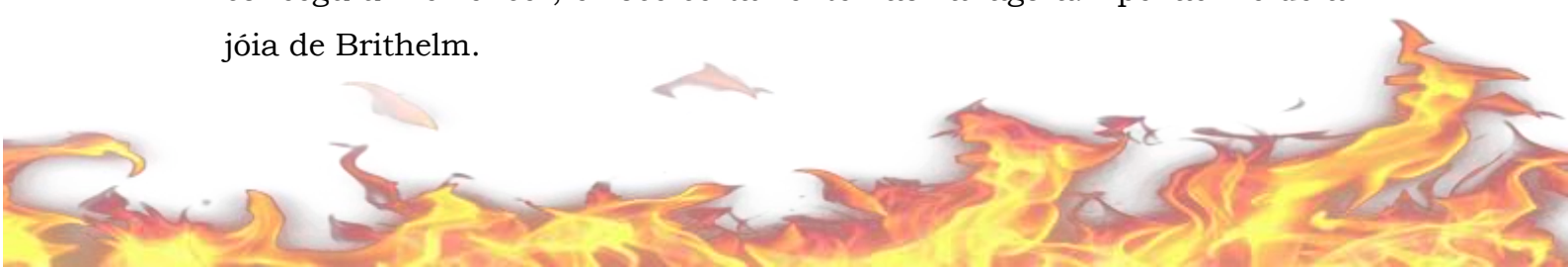
— Você encontrou uma prova? — Curiosamente, ele parecia exultante. — Você deve ter encontrado. — Uma expressão de fome se espalhou pelo seu rosto, enquanto se aproximava. — Dê para mim agora!

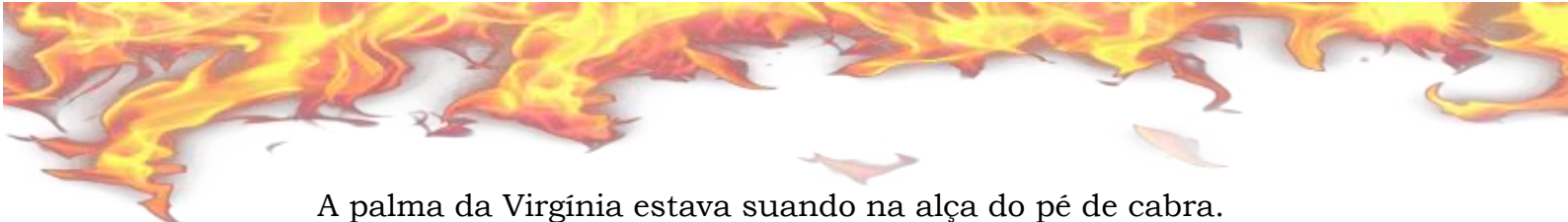
Virgínia recuou, procurando por seu pé de cabra.

— Coloque um dedo em mim e eu juro que vou te ...

— Você está me ameaçando? — Bertram riu. — Como isso é divertido. Eu acho que eu gostaria muito de ver você tentar. — Ele continuou avançando e Virginia continuou recuando.

— Venha, minha querida Virgínia. Não seja ridícula. Você nunca conseguiu me vencer, e você certamente não vai agora. Apenas me dê a jóia de Brithelm.





A palma da Virgínia estava suando na alça do pé de cabra.

— Você terá que retirá-la dos meus dedos frios e mortos, seu bastardo.

Os olhos de Bertram brilharam estranhamente na luz.

— Excelente.

Ele pulou e Virginia lançou o pé de cabra contra seu corpo. Sem esperar para ver se o tinha atingido, ela girou e correu, suas botas batendo no chão arruinado. Por cima de sua própria respiração em pânico, ouviu Bertram rir. Então um estranho ruído, como uma tempestade. Depois nada.

Enquanto se afastava pelo portão quebrado, Virgínia arriscou um olhar para trás dela. Tudo estava escuro. Bertram tinha desligado sua lanterna, para melhor atormentá-la na escuridão? Ela correu pela colina meio inclinada para onde tinha deixado seu Range Rover estacionado ao lado da estrada, procurando freneticamente pelas chaves. Esperando que a qualquer momento, as mãos de Bertram a agarrassem, se jogou no veículo.

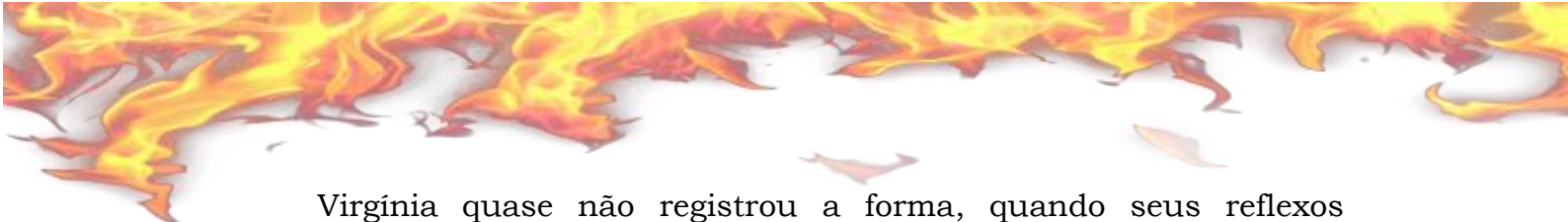
Somente quando finalmente voltou para as estradas de campo tortuosas, inseguras, seu coração disparado começou a se acalmar. Respirou profundamente e estremeceu, verificando o espelho retrovisor. Nenhum sinal de perseguição. Talvez ele não estivesse com um carro. Talvez tenha desistido. Talvez estivesse apenas..... sua mente vagou e imaginou a maneira como os aristocratas ingleses ricos e maus lidavam com pessoas que atravessavam seu caminho. Pelo telefone, acertando algo para ela, com calma.

Ok, agora estava

sendo ridícula. Dando uma sacudida mental, Virgínia voltou sua atenção para a estrada à sua frente.

Havia um dragão no meio dela.





Virgínia quase não registrou a forma, quando seus reflexos assumiram, pisando fortemente no freio e empurrando o volante. Teve uma breve impressão de uma parede de escamas branco-gelo, passando pelas janelas laterais, enquanto o Range Rover girava quase fora de controle. Com toda sua força, ela se agarrou ao volante. Com um cheiro de borracha queimada, o carro parou bruscamente, voltando para o caminho. Virgínia olhou através do retrovisor, com os nódulos brancos no volante.

Há um dragão no meio da estrada.

Há um dragão.

No meio da estrada.

Um dragão.

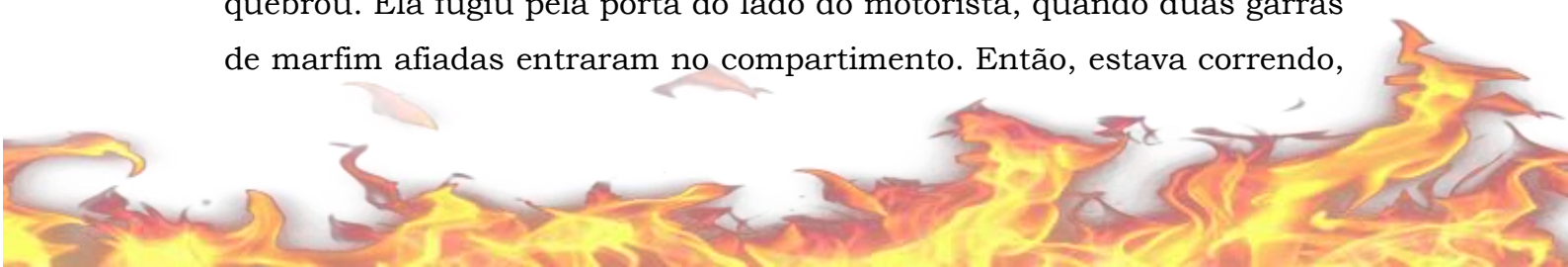
Isso não pode estar acontecendo.

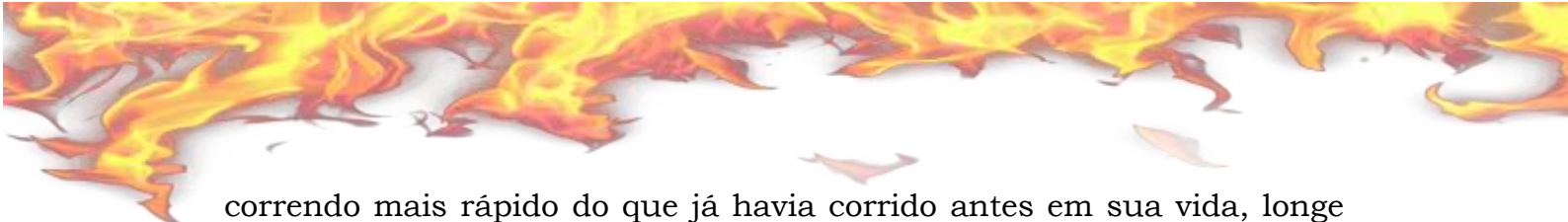
Choque inundou suas feições, como se estivesse apenas assistindo a um filme. Tudo parecia estar em câmera lenta, todos os detalhes da besta queimando suas retinas. Estava sentado de pé como um gato, uma longa cauda branca embrulhada em torno de suas patas dianteiras. Sua cabeça com chifres estava a pelo menos 6 metros do chão. Os olhos laranja incandescentes encontraram-se com os dela, e o maxilar do dragão se abriu ligeiramente, e a língua grudada se abriu, como se estivesse sorrindo para ela.

O dragão desdobrou as asas. Os músculos magros de suas pernas traseiras tensionaram, então ele saltou para o ar, suas asas varrendo para baixo com um impulso ensurdecedor.

O som quebrou sua paralisia. Ela procurou as chaves na ignição, seus dedos nervosos escorregando. Antes que pudesse religar o motor, o carro inteiro tremeu, quando o dragão bateu no chão bem ao seu lado.

Virginia gritou quando a janela do lado do passageiro se quebrou. Ela fugiu pela porta do lado do motorista, quando duas garras de marfim afiadas entraram no compartimento. Então, estava correndo,





correndo mais rápido do que já havia corrido antes em sua vida, longe dos sons do metal sendo triturado, enquanto o dragão rasgava seu veículo.

O grande estrondo ecoou novamente. Virginia gemeu de terror, sabendo que o dragão mais uma vez subiu ao ar. Seus óculos de visão noturna irritavam a sua testa suada. Sem se afastar, ela os puxou para os olhos. A escuridão deu lugar a um mundo verde, monocromático e plano. Estava em um campo coberto, as ervas daninhas grudavam em seus jeans enquanto corria.

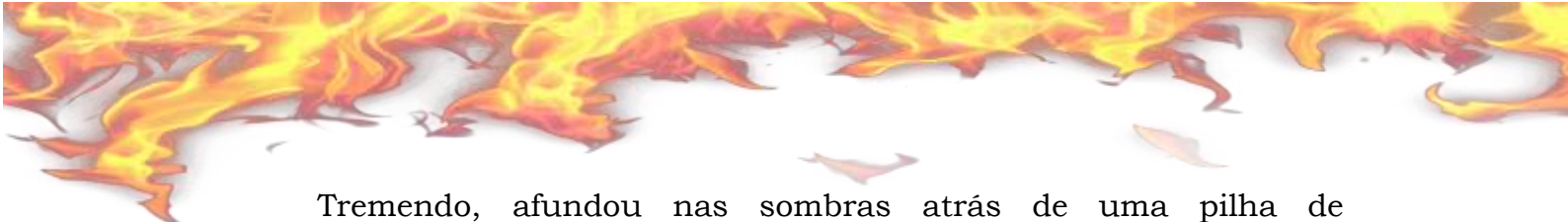
Um assobio de vento passou pela parte de trás do seu pescoço. Virginia se agachou, quando as garras do dragão fecharam a centímetros acima dela. Sendo tão grande, não podia voltar imediatamente e agarrá-la. Navegou para a frente e para cima, sua passagem, deixando um cheiro pesado e quente no rosto da Virgínia.

Virgínia procurou desesperadamente qualquer tipo de abrigo. Havia um conjunto de celeiros na extremidade do campo, claramente escuro e desocupado, mas melhor do que nada. Virginia correu para eles, o bater das asas do dragão, resfriando suas costas e pescoço. Ela conseguiu se jogar no celeiro mais próximo, assim que o dragão se abaixou para outro agarre. Ouviu um silvo de frustração, pois foi forçado a se afastar novamente, as asas batendo forte para evitar cair no telhado. Fechou a porta se prendendo lá dentro, forçando os parafusos enferrujados.

Tinha que encontrar um lugar para se esconder.

Para seu alívio, o celeiro era uma estrutura antiga mas robusta, feita de espessas vigas de madeira e revestimento metálico. Ela não imaginava que mesmo um dragão pudesse facilmente derrubá-lo. Virgínia tropeçou entre máquinas e pilhas de caixas, tentando silenciar seus suspiros em pânico. Uma batida reverberou pelo chão, como se algo muito grande acabasse de pousar. Virginia percebeu que circulava o conjunto de edifícios, tentando pegá-la.





Tremendo, afundou nas sombras atrás de uma pilha de caixotes. Ela tinha um tempo, antes que ele achesse onde estava. Tempo suficiente para pedir ajuda.

Tirou o celular do bolso e quase soluçou em alívio, quando viu que tinha sinal. Por reflexo, ela quase discou 911 antes de se corrigir.

— 999. — disse uma voz calma e profissional em seu ouvido. — Qual a natureza da sua emergência?

A mente de Virginia ficou completamente em branco.

— Dragão. — ela falou.

Houve uma pausa momentânea do atendente de chamadas de emergência.

— Perdão?

— Há um dragão lá fora. — murmurou Virginia. Ela podia ouvi-lo passeando fora do celeiro. Parou, e havia um estranho som de sucção, como se estivesse inspirando.

— Está tentando entrar.

Outra pausa mais longa.

— Você precisa de bombeiro, ambulância ou polícia para isso, senhora?

Do lado de fora, o dragão exalava, e o contorno da porta do celeiro iluminava-se com um brilho laranja deslumbrante.

— Bombeiro. — disse Virginia.





Capítulo Dois

Dai Drake bateu as asas com força, pairando no vento da noite por um momento, enquanto examinava o South Downs muito abaixo. Seus olhos de busca pegaram uma faísca laranja cintilante perto do topo da colina mais alta.

— *Bem, há definitivamente um incêndio, pelo menos.* — disse telepaticamente para Ash.

— *Não posso dizer se é um Dragonfire, a menos que eu me aproxime.*

— *Proceda com cautela.* — a tripulação Comandante disse de volta. Como sempre, sua voz mental era fortemente controlada, mas por sua longa experiência, Dai podia detectar a crescente preocupação sob a calma superfície de seus pensamentos.

— *Relatório de atualização, acabamos de perder contato.*

Dai sibilou em voz baixa. Isso significava que a mulher que havia feito a ligação, dizendo que estava presa por um dragão em um prédio em chamas, tinha desligado ou perdido a consciência. O resto de sua equipe não estava muito para trás, mas mesmo com a condução imprudente de Chase, não havia como chegar à cena mais rápido que ele.

— *Até lá.* — Dai enviou para Ash e em seguida, quebrou o contato. Varreu suas asas de volta para um mergulho, como uma flecha para o fogo.





Mesmo antes de ver o outro dragão, Dai sabia que não era um incêndio comum. O celeiro de madeira estava queimando com uma ferocidade que só poderia ser provocada por Dragonfire. As chamas que pulavam, mostravam uma forma magra e pálida curvada na frente da porta do celeiro, como um gato na frente de um buraco do rato.

A raiva subiu pelo peito de Dai, e ele teve que engolir seu próprio fogo de dragão. Ele rugiu em vez disso, lançando um pensamento na mente do estranho como um dardo.

— *Pare!* — O dragão branco saltou, as asas se abaixaram e a cabeça caiu. A hesitação do estranho durou apenas um instante no entanto, antes que suas asas e cauda se instalassem em uma postura de dignidade ofendida.

— *Como você ousa!* — Seu tom mental era tão rico quanto o ouro, e imbuído de um senso absoluto de poder e justiça. Seu focinho virou-se desprezivelmente ao ver as escamas carmesim de Dai.

— *Algum campônes interferindo no meu negócio? Quem você pensa que é?*

— *Bombeiro Daifydd Drake, da Fire and Rescue à serviço de East Sussex.* — Dai disse, enquanto retrocedia. Ele se elevou até o alto, olhando para o dragão branco.

— *Pare de andar, agora!*

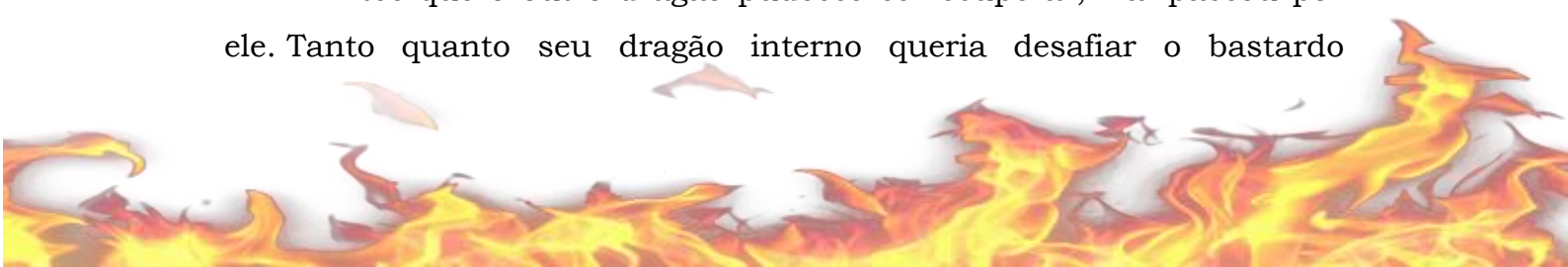
— *Você não pode me desafiar.* — A cabeça do outro dragão levantou em indignação.

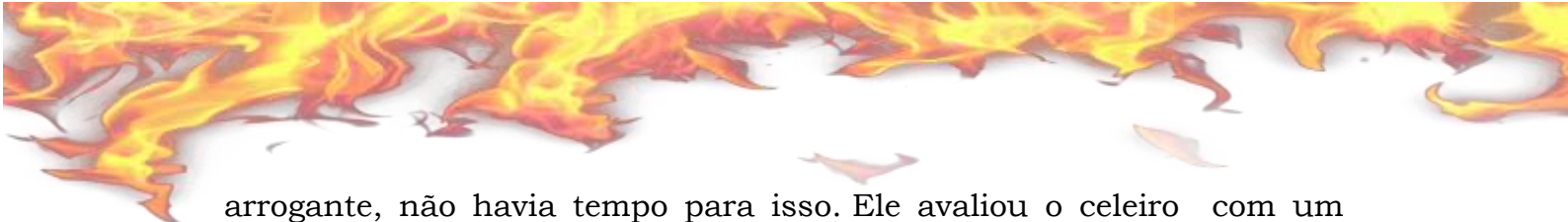
— *Você não sabe quem eu sou?*

— *Sim.* — Dai respondeu. O outro dragão rugiu, enquanto Dai o atacava com sua cauda, derrubando o dragão menor.

— *Você é alguém que está no meu caminho.*

Antes que o outro dragão pudesse se recuperar, Dai passou por ele. Tanto quanto seu dragão interno queria desafiar o bastardo





arrogante, não havia tempo para isso. Ele avaliou o celeiro com um único olhar. Não havia como entrar em forma de dragão, sem levar todo o celeiro abaixo. E em quem estava lá.

Ele voltou a se transformar na forma humana. Enquanto o outro dragão se esforçava de costas, sibilando com indignação, Dai derrubou a porta.

Imediatamente as chamas o cercaram, lambendo sua pele — mas o único incêndio que um dragão shifter precisava temer, mesmo quando em forma humana, era o que vinha diretamente dos maxilares de um rival. Este incêndio foi iniciado por um Dragonfire, mas agora as chamas estavam sendo alimentadas apenas por madeira e ar comum, e por isso não podiam prejudicá-lo. Dai ainda usava o equipamento de proteção padrão de um bombeiro, mas era mais para a aparência do que qualquer necessidade real.

Ele respirou profundamente, a fumaça pesada passando facilmente através de seus pulmões. Como um ex-fumante pegando apenas furtivamente um sopro do cigarro de um amigo. O fogo chamou seu dragão, sedutor em sua beleza e poder.

Abaixando o impulso instintivo para exaltar as chamas, Dai se abaixou para pegar a fumaça mais fina perto do chão.

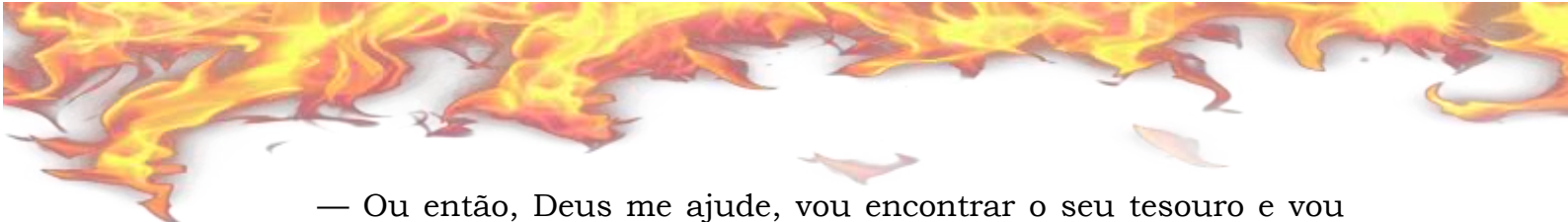
— Fire and Rescue. — ele gritou. — Alguém pode me ouvir?

— *Essa mulher é minha presa legítima!* — O outro dragão enfiou a cabeça através da porta, as paredes queimadas se desintegrando ao seu redor.

— *Ela foi roubar meu tesouro. Eu exijo....*

— Volte, antes que faça o prédio desabar! — Dai gritou de volta, quando a estrutura do celeiro começou a estalar sobre sua cabeça. Ele não podia se queimar ou sufocar, mas mesmo um dragão poderia ser ferido por um edifício em colapso. Sem mencionar o fato de que havia um humano preso aqui.





— Ou então, Deus me ajude, vou encontrar o seu tesouro e vou pessoalmente derretê-lo !

O outro dragão estreitou seus olhos laranja, mas recuou. O ar fresco sugando pelo buraco que tinha feito na parede, fizeram as chamas rugirem com avidez. Dai calculou que ele tinha apenas um minuto, antes que tudo caísse de qualquer maneira.

Pedaços de detritos que caíram derrubaram seu capacete, enquanto ele procurava na fumaça. De acordo com Griff, o despachante que havia recebido o chamado, ela se refugiou perto da parte de trás do prédio, longe das chamas ...

Quando ele começou a desistir, a encontrou. Ela estava inconsciente, deitada no chão, com o rosto pressionado contra uma rachadura na parede. Devia estar tentando desesperadamente aspirar o ar fresco do lado de fora, quando a fumaça sobrecarregou o prédio. Não era uma mulher pequena, mas Dai a ergueu facilmente, embalando sua forma mole contra o peito. Ele se curvou, tentando protegê-la contra as brasas que caíam, enquanto corria para a porta.

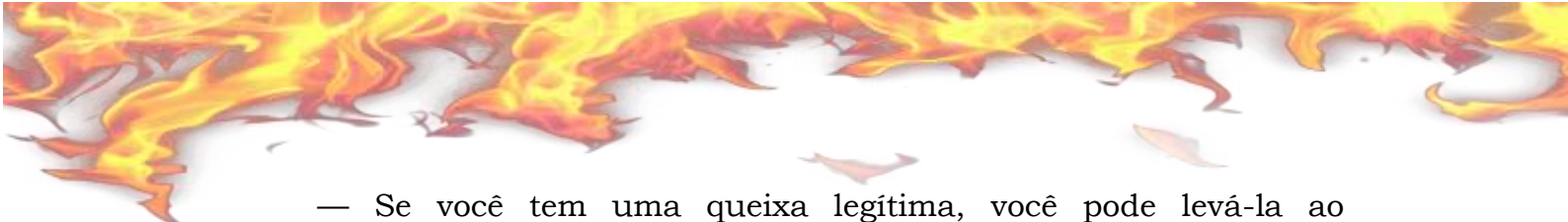
Dai saiu do celeiro, assim que o suporte central do telhado cedeu com um grande estrondo. Não havia tempo para correr. Dai só pôde se atirar no chão, cobrindo o corpo da mulher por completo sob o seu, enquanto os detritos queimados pulverizaram em todas as direções. A dor percorreu seu ombro, quando um pedacinho de madeira o atingiu com força suficiente para machucar a armadura protetora que era a sua pele. Dai não se encolheu. Ele manteve seu corpo entre a mulher e o edifício em colapso, até o último detrito cair no chão.

Uma garra afiada o empurrou no ombro ferido.

— *Como eu estava dizendo, antes de ser tão grosseiramente interrompido....*

Dai nunca esteve tão feliz em ouvir o som do motor dos bombeiros, que se aproximavam.





— Se você tem uma queixa legítima, você pode levá-la ao Parlamento dos Shifters, ou relatá-la para o meu comandante agora mesmo.

A pós-adrenalina estava começando a alcançá-lo. Seu ombro latejava e uma dúzia de dores menores estavam clamando por sua atenção.

— E caso você esteja se sentindo muito corajoso, é bom que saiba....ele não é muito simpático com incendiários.

O dragão hesitou, olhando incerto na direção da sirene. Ele recuou, abrindo suas asas brancas.

— *Apenas lembre-se. O tesouro é meu. E voltarei para reivindicá-lo.*

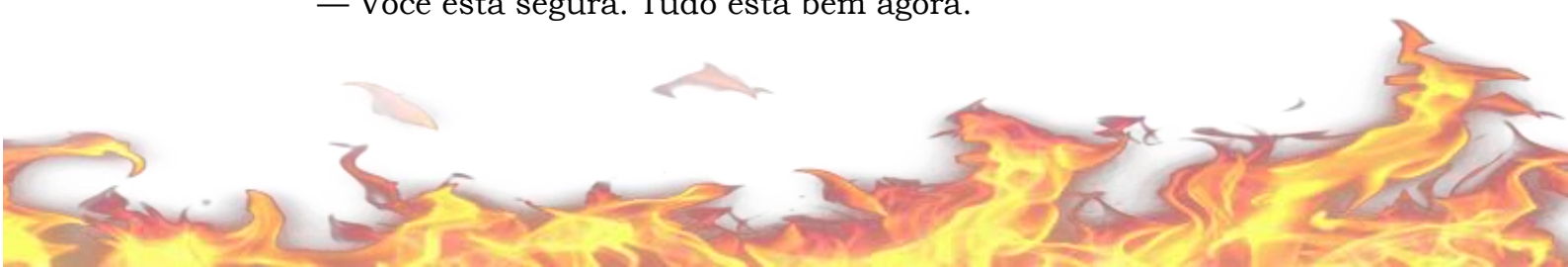
— Agora há algo a aguardar. — Dai murmurou, quando o dragão levantou voo.

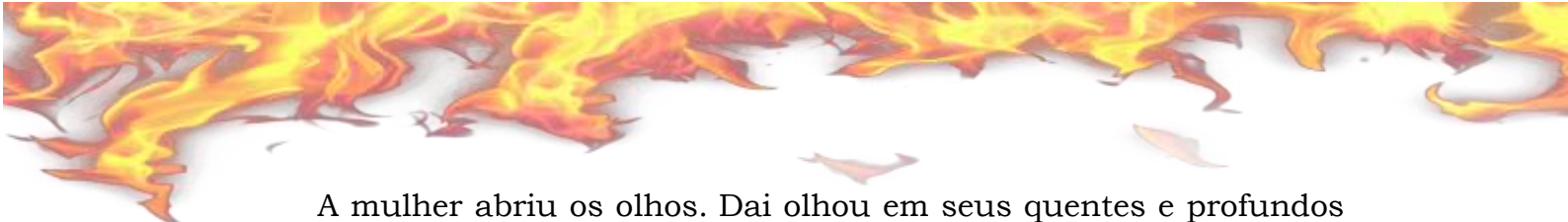
Dai empurrou-se para cima, estremecendo quando as lascas de madeira cavaram mais fundo em seus músculos. Com uma maldição, ele alcançou seu ombro e as arrancou, jogando a madeira manchada de vermelho. Podia sentir o sangue escorrendo por suas costas, mas a ferida claramente não ameaçava sua vida, então a descartou de sua mente. Estava muito mais preocupado com a mulher que havia resgatado do incêndio.

Ainda estava desmaiada, com os olhos fechados e sua pele marrom com cinzas, estava pálida. Dai se agachou, verificando se suas vias aéreas estavam desobstruídas. Para seu alívio, ela se agitou quando a tocou, tossindo muito.

— Está tudo bem. — disse Dai, deslizando um braço debaixo de seus ombros, para apoiá-la em uma posição mais correta, enquanto lutava para limpar seus pulmões.

— Você está segura. Tudo está bem agora.





A mulher abriu os olhos. Dai olhou em seus quentes e profundos olhos cor de âmbar, e de repente, pela primeira vez em toda sua vida, tudo estava bem.

— Dragão. — a mulher sussurrou.

— Sim. — disse Dai, a voz falhando pelo prazer e admiração por ela. Era definitivamente, sua companheira. Podia ver diretamente em sua alma, reconhecendo sua natureza escondida.

Então seus olhos foram para longe do dele, seu olhar deslizando pelo ambiente, com uma expressão de pânico se espalhando em seu rosto. E ele percebeu tardiamente que ela estava falando do outro dragão.

— Quero dizer, não! Tudo bem, o dragão se foi. Você está à salvo comigo agora.

Ela agarrou sua mão.

— Você viu? — Sua voz soou como se ela estivesse tendo que forçar as palavras para fora de sua garganta com arame farpado enferrujado.

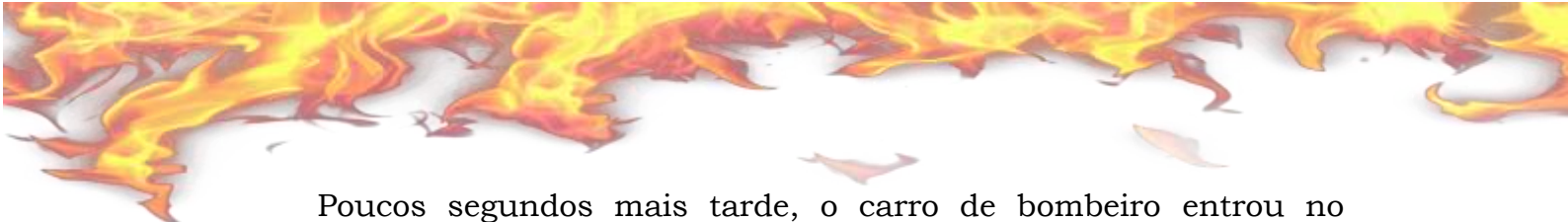
— Não tente falar. — Dai a ergueu, incapaz de não notar suas curvas exuberantes enquanto ele fazia isso. Ela se encaixava perfeitamente em seus braços, e não queria soltá-la novamente.

Agarrando-a com cuidado infinito, ele a levou para mais longe do fogo, fora do alcance de qualquer outro resíduo. Podia sentir como ela precisava lutar por cada respiração, e seu próprio peito se apertou em uma resposta ansiosa.

— *Onde você está?* — disse a Chase, o motorista. — *Eu preciso da equipe aqui agora!*

— *Você quer que eu vá mais rápido?* — O riso alegre de Chase ecoou na cabeça de Dai. — *Bem, se você insiste...*





Poucos segundos mais tarde, o carro de bombeiro entrou no pátio, com uma bagunça de barulho e cor. Dai poderia jurar que o louco realmente fez o veículo de quinze toneladas viajar de lado, para chegar ao redor da esquina. Ele teve que proteger a mulher novamente, enquanto o caminhão guinchava com uma freada cheia de cascalho afiado e sujeira. A porta do motorista abriu-se, e Chase saltou, seu cabelo preto despenteado quase tão selvagem quanto o sorriso dele.

— E é um novo recorde! — Chase anunciou, levantando as mãos cruzadas acima de sua cabeça, como se estivesse posando em um pódio.

— Fora do caminho, cabeça de vento. — John resmungou, quando retirou seu gigante tamanho do assento traseiro com alguma dificuldade. Ele cruzou a distância para Dai em dois longos passos, estendendo suas enormes mãos.

— Você está machucado? Devo levá-la?

— Estou bem. — respondeu Dai, segurando a mulher de forma protetora, enquanto seu dragão interno rugia ante o pensamento de que alguém a afastasse dele.

— Eu vou cuidar dela. Onde está Hugh?

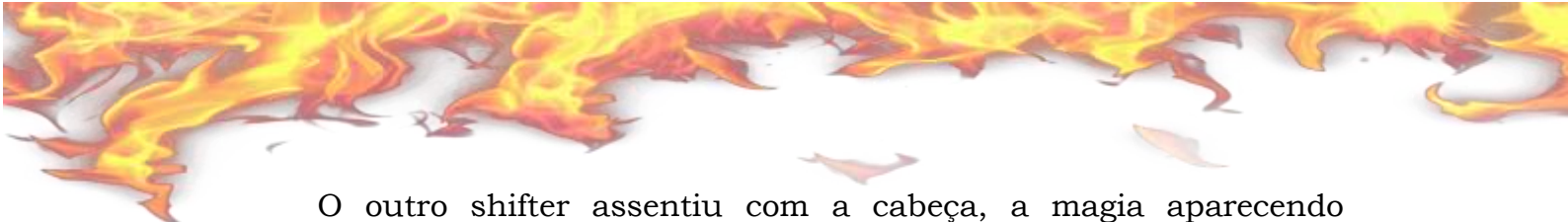
— Se preparando do outro lado — disse o comandante Ash, pulando do carro de bombeiros.

— Ele não está pronto ainda, então eu quero que fique em volta.

Os olhos escuros e calmos do Comandante varreram a cena, observando todos os detalhes em um relance.

— Dai, leve a vítima para Hugh. Chase, fique no rádio e nos avise quando a polícia estiver prestes a chegar. John, vamos aproveitar a nossa falta de espectadores. Vou conter o fogo. Você pode chamar a chuva?





O outro shifter assentiu com a cabeça, a magia aparecendo através de suas longas tranças, em forma de luzes azuis cintilantes.

— As nuvens estão melancólicas esta noite. Eu vou chamar suas lágrimas.

— Bom. Vamos lá então, cavalheiros. — Virando-se para enfrentar as ruínas ardentes do celeiro, Ash abriu os braços, como se estivesse abraçando o fogo. Este retribuiu naturalmente em resposta, estendendo-se ao Comandante, como se se esforçasse para alcançar um amante perdido há muito tempo.

Ash lentamente juntou as mãos e o fogo concentrou-se num círculo branco quente. John inclinou a cabeça para trás, começando um zumbido em seu próprio idioma, enquanto Ash juntava chamas dispersas de volta ao rebanho.

Dai estava feliz em deixá-los. Seus talentos se limitavam mais para o lado do trabalho de resgate e sempre sentia que era inapropriado ter que colocar fim em um fogo perfeitamente bom.

— Hugh! – Ele chamou, caminhando ao redor do caminhão.

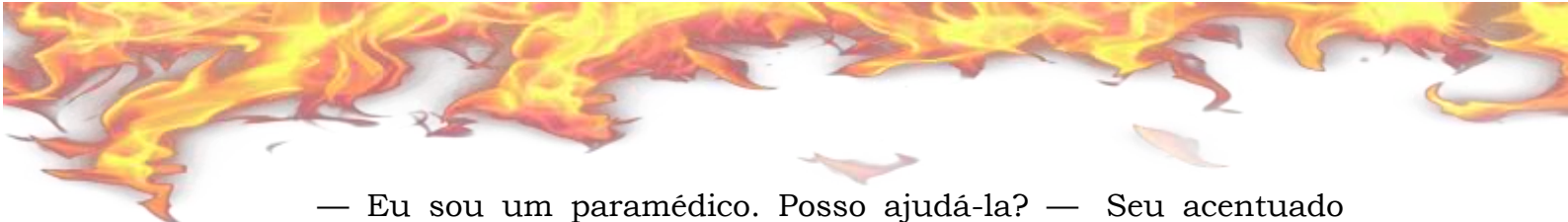
— Eu tenho uma vítima para você!

— Coloque-a aqui embaixo. — O cabelo prateado de Hugh brilhava, em contraste com a máquina vermelha atrás dele. Ele já havia desenrolado um cobertor e aberto um kit de primeiros socorros.

Dai a abaixou cuidadosamente no chão e recuou para dar acesso a Hugh à paciente, embora seu dragão interno rosnasse ao ter que se mover um centímetro para longe de sua companheira. Ele forçou o instinto possessivo do dragão a se acalmar, enquanto Hugh se agachava ao lado da mulher, seus intensos olhos azuis se estreitando em avaliação.

— Olá. — Hugh disse à mulher.





— Eu sou um paramédico. Posso ajudá-la? — Seu acentuado sotaque inglês de classe alta, soava como se estivesse simplesmente tendo uma conversa educada, mas Dai sabia que ele estava avaliando a capacidade da mulher de responder.

— Garganta. — falou a mulher. — Dói.

Um pequeno vinco apareceu na testa de Hugh ante seu tom, e o coração de Dai perdeu uma batida. Seu dragão se levantou, desesperado para lutar contra qualquer ameaça à sua companheira.

Ela está em boas mãos, ele disse ao seu dragão, quando Hugh arrancou uma de suas luvas descartáveis de plástico de uma superfície lisa, com um prático movimento.

Hugh tocou ligeiramente o pescoço da mulher. À medida que sua pele era tocada com sua mão nua, ela estremeceu e Hugh também. Sua boca torceu-se com uma careta de dor, enquanto lentamente deslizava a mão para baixo do maxilar até à clavícula. Depois de um momento, ele recuou a mão dele, flexionando os dedos, como se tivesse sido picado por pinos e agulhas.

— Você pode me dizer seu nome? — perguntou à mulher.

— Virgínia. — Ela parecia assustada com a própria voz, que estava muito mais clara do que antes. Respirou profundamente. — Virgínia Jones. Uau, me sinto melhor. — Esfregou sua própria garganta, olhando para o paramédico com admiração.

— Como você fez isso?

— A irritação leve causada pela fumaça geralmente desaparece rapidamente. — disse Hugh, seu tom curto, dissuadindo qualquer pergunta adicional. Ele voltou a colocar a luva, antes de tomar seu pulso, a expressão voltando à sua reserva habitual.

— Você pode me dizer o que aconteceu, Virgínia?





— Uh. — Os olhos castanhos de Virginia foram de Hugh para Dai e vice-versa.

— Está tudo um pouco... confuso.

— Ele sabe sobre dragões também. — disse Dai. — Não pensará que você está louca.

Virginia soltou uma breve risada histérica.

— *Eu* acho que sou louca. — Ela colocou os braços em volta dos joelhos, abraçando-os ao peito.

— Aquele monstro...ele não pode ter sido real. Dragões não são reais!

— Ai de mim, se isso fosse verdade. — Hugh murmurou, enquanto a verificava procurando por quaisquer outros ferimentos. Apanhando olhar zangado de Dai, ele acrescentou.

— Você não pode negar que estaria muito menos ocupado. — Ele sentou-se nos calcanhares.

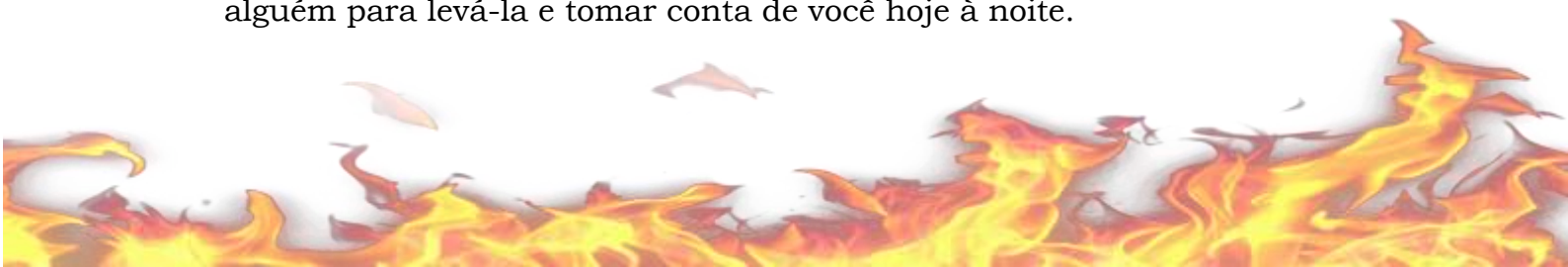
— Virginia, você não tem nenhuma queimadura, e você não tem uma concussão. No entanto, você passou por um belo trauma esta noite. Por segurança, eu gostaria de chamar uma ambulância para levá-la ao hospital para observação e qualquer tratamento adicional.

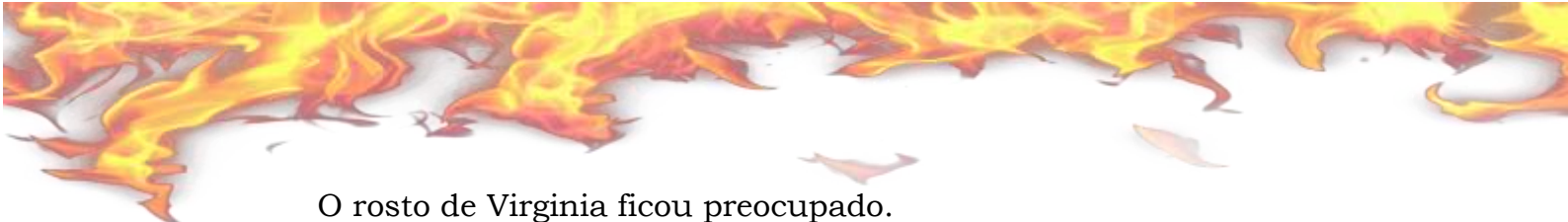
A mão de Virginia de repente voou para o bolso do casaco, segurando algo através do tecido.

— Não, eu quero ir para casa. Eu me sinto bem. Posso ir para casa?

Hugh suspirou.

— Um dia, um dos meus pacientes realmente vai querer ir para o maravilhoso templo da medicina moderna. Sim, você pode ir para casa, se.... — ele levantou um dedo longo. — você puder chamar alguém para levá-la e tomar conta de você hoje à noite.





O rosto de Virginia ficou preocupado.

— Oh.— Ela esfregou a testa. — Eu vou ... pensar em alguém.

— *Você pode nos dar um minuto?* — *Dai enviou para Hugh.*

As sobrancelhas claras do paramédico subiram, mas ele ficou de pé.

— Eu vou dar um relatório ao comandante Ash. Deixe-me saber quando decidir o que fazer. — Lançando a Dai um olhar curioso, ele os deixou.

— Por favor, permita-me cuidar de você esta noite. — disse Dai a Virginia, tão casualmente quanto pôde, enquanto seu dragão rugia pela ansiedade.

— Não é seguro para você ficar sozinha, e não apenas por razões médicas. O dragão ameaçou voltar.

Isso o incomodava. Se ela nunca tinha visto um dragão antes e claramente não tinha, como que poderia ter roubado algum tesouro? O outro dragão havia mentido? Ele afastou o pensamento. Havia coisas muito mais importantes para lidar agora.

Os olhos de Virginia se arregalaram.

— O quê?

— Shh, shh! — Dai agarrou seus ombros, quando sua respiração começou a ficar rasa e em pânico.

— Está tudo bem. Estou aqui para protegê-la.

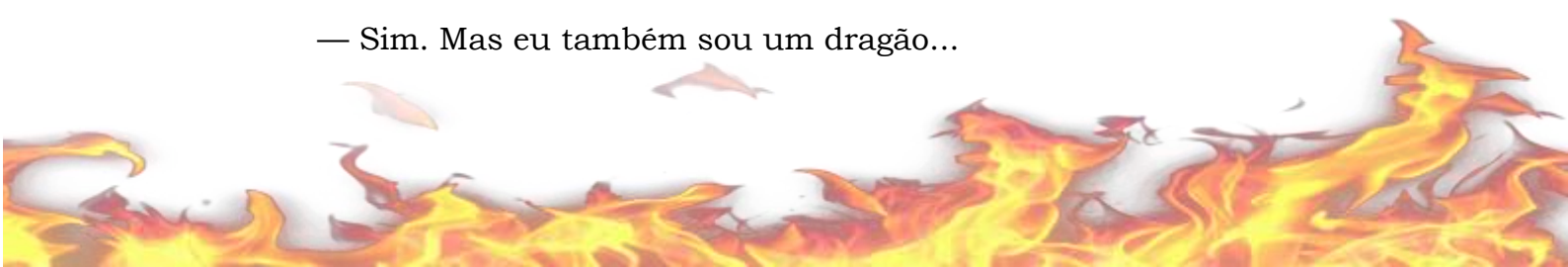
— De dragões?

— Sim. É tipo... a minha especialidade.

Ela olhou para ele, aparentemente olhando em seu uniforme.

— Mas você é um bombeiro. — disse sem expressão.

— Sim. Mas eu também sou um dragão...





Esse monstro, ela tinha dito.

— ... caçador de dragões. — Dai terminou.

Ele disse a verdade. Só não ... toda a verdade.

— Um caçador de dragões. — Virginia deu um soluço sufocado pelo riso.

— Eu consegui chamar um bombeiro que também é um caçador de dragões. É meu dia de sorte. Além do dragão, é claro.

— Bem, não foi exatamente sorte. — disse Dai, esfregando os polegares sobre seus ombros suavemente. Ela ainda estava com os olhos um pouco arregalados, mas pelo menos não estava mais à beira de um ataque de pânico.

— Nossos comandantes enviam as chamadas incomuns para nossa equipe. Estamos acostumados a lidar com esse tipo de coisa. Eu realmente posso protegê-la contra o dragão.

Virginia mordeu o lábio. Ela pareceu vacilar por um momento, e depois sacudiu a cabeça.

— Isso é loucura. Tudo isso é louco. Eu nem sequer sei o seu nome.

— Dai. Daifydd Drake. — Dai pronunciou devagar seu nome, ela era americana, e eles sempre pareciam ter dificuldade para pronunciar nomes galeses.

Ele estendeu a mão.

— East Sussex Fire and Rescue. Ao seu serviço.

Agora e para sempre.





Capítulo Três

Isso é loucura .

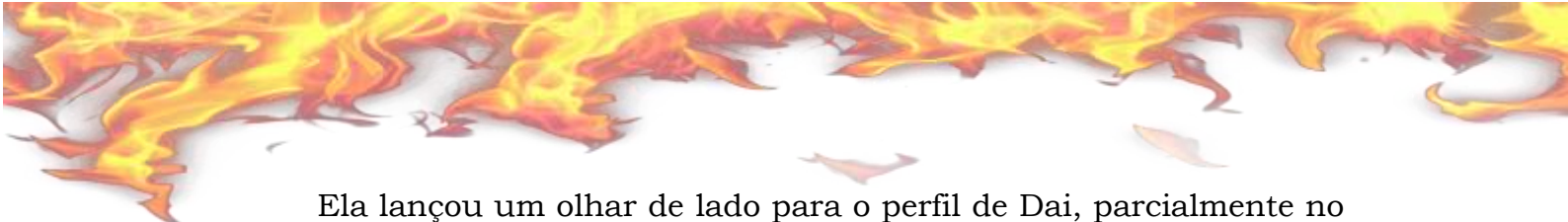
É claro que, em comparação com todas as coisas loucas que aconteceram, o tumulto de Brithelm naquele terreno, o confronto com Bertram, o filho da puta dragão, convidar um homem estranho para ficar à noite, parecia positivamente sensato. No entanto, a viagem de táxi de volta para seu apartamento alugado era longa o suficiente para permitir que alguns pensamentos povoassem sua mente.

Estou sendo estúpida, ao confiar em um homem que eu acabei de conhecer?

Virginia sabia que ela deveria humildemente ter ido ao hospital e deixado os médicos cuidarem dela. Mas isso significaria atrasar sua investigação. Virginia mais uma vez tocou no pesado artefato de ouro seguramente escondido em seu bolso e sacudiu a cabeça. Ela não podia se dar ao luxo de esperar e não era apenas para satisfazer à sua própria curiosidade. Duvidava que fosse mera coincidência que o dragão tenha aparecido logo depois que encontrou o artefato.

Virginia estava familiarizada com muitas lendas sobre dragões em toda a Europa, e um fator comum em todas elas, era a luxúria pelo ouro. De alguma forma, o animal deve ter percebido a remoção do tesouro de seu esconderijo, e veio para recuperá-lo. Mas como? Virginia acrescentou isso mentalmente à longa lista de perguntas a fazer a Dai mais tarde.





Ela lançou um olhar de lado para o perfil de Dai, parcialmente no escuro, sobre o brilho das luzes da rua passando por fora da janela do táxi. Ainda não tinha dado uma boa olhada em seu rosto, com toda a fumaça e confusão no local do incêndio.

Eu não sei nada sobre este homem, pensou. Apenas o fato de que ele a salvou de um prédio em chamas, o que qualquer um teria que admitir, era um excelente ponto a seu favor.

No entanto, havia algo sobre a forma de seus ombros poderosos, que projetavam uma aura de perigo. Mesmo os seus movimentos mais ínfimos pareciam controlados, como se tivesse que se manter firmemente sob controle, em todos os momentos. Ele abriu a porta do táxi para ela cuidadosamente, como se estivesse preocupado de que pudesse distraidamente, arrancá-la de suas dobradiças.

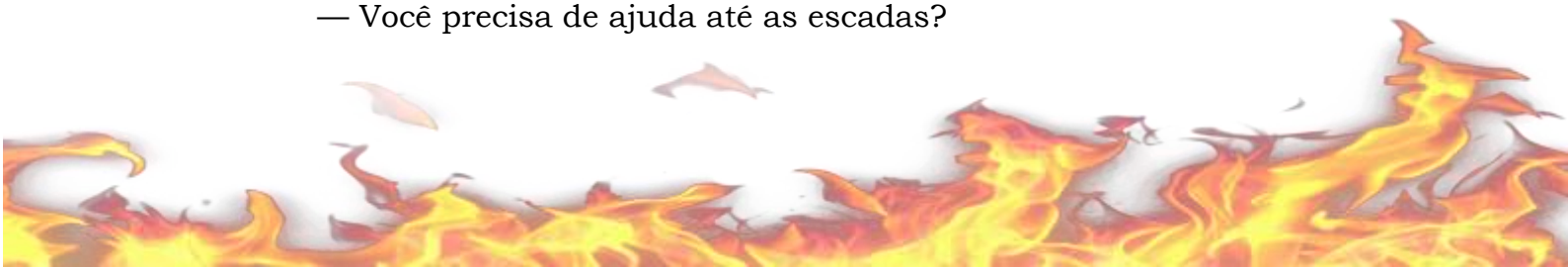
Apesar de toda sua força contida, Virginia não se sentia nem um pouco desconfortável em torno dele. Sentar-se ao lado de Dai, era como se acomodar ao lado de uma fogueira. Era algo que podia ser feroz e perigoso, mas que também fornecia calor e proteção contra a escuridão em volta.

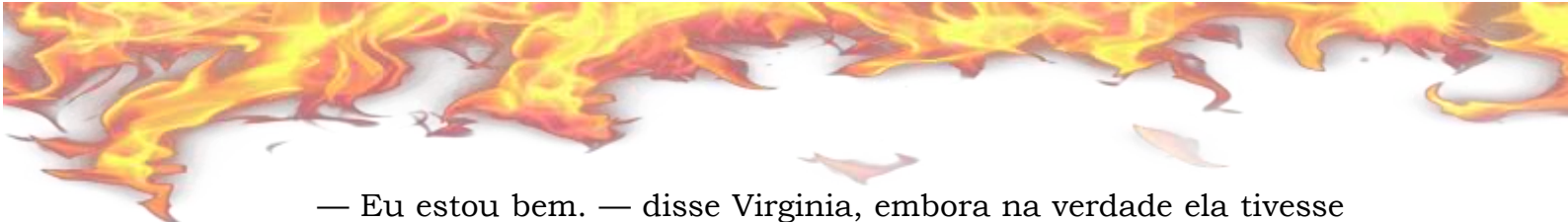
Virginia sacudiu a cabeça de novo, com tristeza. *Se o paramédico não tivesse me dado um atestado de saúde, eu suspeitaria que eu poderia ter uma concussão*.

O táxi diminuiu, entrando em uma rua de casas vitorianas, e parou em frente à seu edifício. Dai estava fora do carro e abrindo a porta, antes mesmo que Virginia tivesse conseguido tirar o cinto de segurança.

— Eu vou pagar o motorista. — disse ele, naquele sotaque galês cadenciado, que parecia gentil, vindo de um homem tão grande. Virginia podia sentir os calos em seus dedos longos e fortes, quando ofereceu a mão firme para ajudá-la a sair para fora do carro.

— Você precisa de ajuda até as escadas?





— Eu estou bem. — disse Virginia, embora na verdade ela tivesse que andar vagarosamente para a porta da frente.

Suas pernas definitivamente tiveram o suficiente esta noite, e ameaçavam ceder. Ela disfarçadamente se apoiou no corrimão de ferro forjado, enquanto se atrapalhava com as chaves, grata por ter o apartamento térreo.

Andou pelo salão de teto alto, e o aperto persistente em seu peito diminuiu. Mesmo que ele fosse apenas um aluguel temporário, era reconfortante estar em seu próprio espaço. Os trabalhos de pesquisa espalhados sobre o sofá gasto, estavam como ela os havia deixado esta manhã, quando o mundo tinha sido um lugar racional. Parecia que se passou uma eternidade desde então.

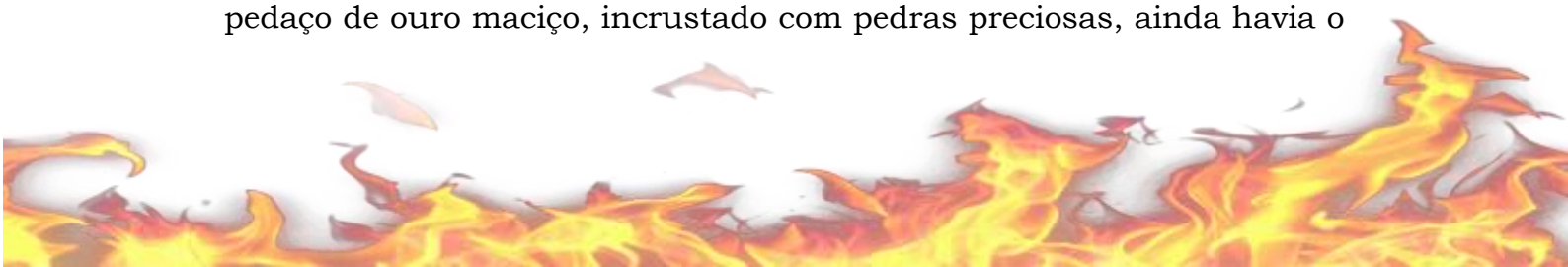
Virginia pegou o artefato em seu bolso, ansiosa para vê-lo em sob uma luz decente. Pela segunda vez naquela noite, se encontrou incapaz de respirar. Ele fez todas as peças de origem Saxã que já tinha visto antes, e até mesmo o famoso Sutton Hoo, parecer com bijuteria barata.

Abaixo do comprimento do artefato, o ouro era serpenteado com dragões em espiral, muito bem esculpido, contornado com pequenos rubis. Um rubi muito maior tinha um lugar de destaque no topo da peça, que teria sido colocado centralmente na testa do guerreiro que vestisse o capacete, de onde o artefato era. O rubi parecia brilhar através da sujeira um rico vermelho sangue, que uma estrela de seis pontas deslumbrante capturava dentro de suas profundezas.

Virginia mordeu o lábio, olhando para fora da janela. O táxi estava se afastando, o que significava que Dai iria entrar no apartamento a qualquer momento. E ele iria encontrá-la em pé, com o artefato de um rei na palma da sua mão.

E eu realmente não sei nada sobre esse cara .

Mesmo que Dai não fosse o tipo de pessoa a ser tentado por um pedaço de ouro maciço, incrustado com pedras preciosas, ainda havia o





fato de que ele trabalhava com serviços de emergência, ao lado da polícia. Que gostariam de fazer perguntas sobre como o fogo começou, e por que ela estava sobre os Downs no meio da noite em primeiro lugar.

Se Dai descobrisse sobre o artefato, provavelmente se sentiria obrigado a informar a polícia, e então eles descobririam que tinha entrado ilegalmente no lugar, sem a permissão do proprietário. Na melhor das hipóteses, confiscariam o artefato, e ela perderia toda a chance de trabalhar sobre o achado.

Na pior das hipóteses, ele iria acabar nas mãos de Bertram.

Era melhor Dai simplesmente não descobrisse sobre isso.

Embalando o tesouro, Virginia olhou ao redor. Suas ferramentas e caixas de amostras estavam na pequena mesa de jantar, onde ela tinha trabalhado sobre algumas moedas e achados menores de outros lugares, mas esse não parecia um esconderijo seguro.

Ouvindo botas vindo pelo corredor, ela correu para o quarto e abriu a gaveta de seu armário. Enfiou o artefato com cuidado fora da vista, atrás de um pacote de tecidos, um tubo de creme para as mãos, e uma caixa de aspirina. Como um impedimento extra para uma espionagem casual, se certificou de que seu vibrador favorito ficasse diretamente na frente.

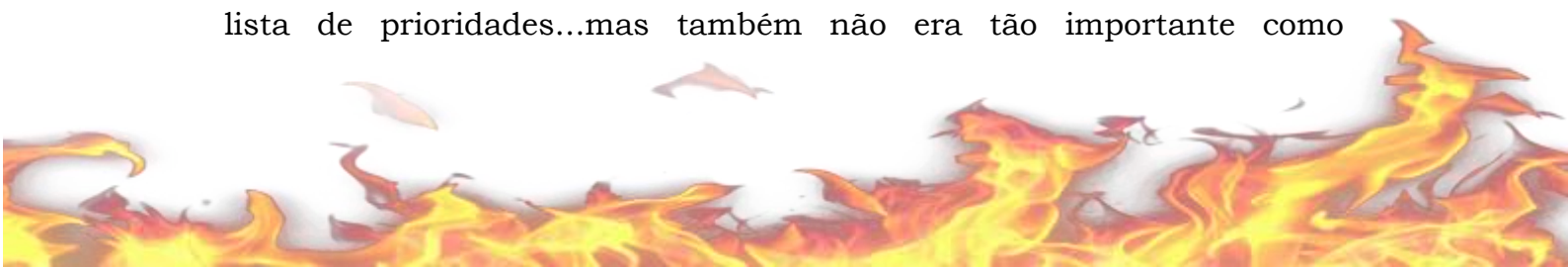
Isso deveria servir .

— Virgínia? — Dai chamou à partir da sala. Virginia fechou a porta atrás de si.

— Você está bem?

— Um segundo! — Virginia respondeu.

Na ponta dos pés foi para banheiro, apenas no caso de ele estar procurando por ela. Olhando-se no espelho, franziu o nariz para seu cabelo e o rosto sujo de fuligem. Banho lutava contra o sono, em sua lista de prioridades...mas também não era tão importante como





finalmente conseguir algumas respostas. Tirou o casaco arruinado, soltando-o em um canto quando saiu do banheiro.

— Dai. — ela disse, quando voltou para a sala. — Eu quero saber.....

As palavras morreram em sua garganta.

OK. Eu não apenas convidei um homem estranho para ficar à noite. Eu convidei um homem extremamente atraente, para passar a noite .

Dai tinha seu capacete debaixo do braço, revelando um rosto forte, de queixo quadrado, que fez a língua de Virginia deslizar sobre sua boca seca. Manchas de fuligem estavam sobre sua pele bronzeada, com destaque para a sua perfeita maçã do rosto. Ele distraidamente correu uma mão pelo cabelo curto, vermelho ouro, despenteando os cachos soltos ainda mais, enquanto olhava ao redor.

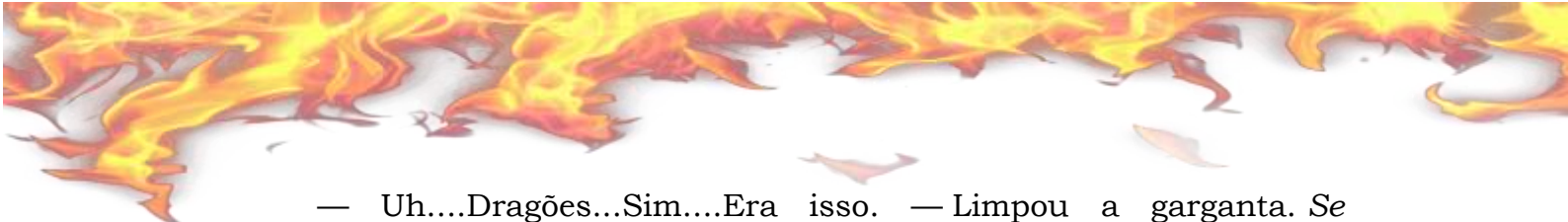
Seus brilhantes olhos verdes pareciam enxergar cada detalhe, com uma avaliação informal, mas arrebatadora, como se fosse um grande predador digitalizando seus arredores atrás de sua presa. Aquele olhar avaliador foi para o alarme definido no teto. Estendeu a mão para ele, nem mesmo tendo que esticar os dedos dos pés, para empurrar o botão de teste.

— Desculpe. — Dai disse timidamente, quando um sinal sonoro alto encheu a pequena sala. — Hábito profissional. Você não acreditaria em quantas pessoas deixam isso sem pilhas. — Ele apertou o botão novamente para desligar o alarme. Inclinou a cabeça para um lado, olhando para ela.

— O que você estava dizendo?

Virginia tardiamente percebeu que tinha ficado olhando de boca aberta para ele. Ela lutou para recuperar seu pensamento, apesar da distração evidente ocupando sua sala.





— Uh....Dragões...Sim....Era isso. — Limpou a garganta. *Se acalme menina. Então, o bombeiro era quente como o fogo. Mas ele está aqui apenas profissionalmente.*

— Os dragões não vêm para as cidades?

O canto da boca de Dai torceu ironicamente.

— Sim. Mas estão mais seguros aqui, do que no meio de um campo com testemunhas, pelo menos. Eles normalmente tentam evitar atrair atenção.

— Eu imagio que deva ser muito difícil para um dragão de 15 metros evitar atrair a atenção!

— Você ficaria surpresa. Muitos dragões podem fazer uma espécie de truque na mente, que impede as pessoas de serem capazes de vê-los.

— Oh, bom. — Virginia desabou na cadeira mais próxima. Ela esfregou a ponte do nariz.

— 15 metros invisíveis.

— Não se preocupe, isso só funciona em pessoas comuns. — Dai caminhou cuidadosamente ao redor dos móveis, para o lado dela, tendo alguma dificuldade em encontrar espaço para suas grandes botas pesadas, em meio aos livros espalhados.

Fez um breve gesto, como se ele fosse colocar uma mão reconfortante em seu ombro, mas tivesse parado.

— Eu posso vê-los. Não podem se esconder de mim.

— Mas eles podem se tornar invisíveis para mim? Mesmo que eu esteja na frente deles? — Virginia estremeceu. Apesar do calor da presença tranquilizadora de Dai, o pensamento de não ser capaz de notá-los, fez seu sangue esfriar.





— Você aprende a burlar essa coisa de truques de dragão, como parte de ser um caçador de dragões? Pode me ensinar como fazer isso também?

Dai sacudiu a cabeça.

— É algo com o qual nascemos. — Ele hesitou, deslocando seu peso de um pé para o outro.— Você tem que ser... parte dragão. Descendente deles.

— Você está me dizendo que os dragões podem.... — Virginia procurou por uma palavra polida, deixando de lado a primeira que tinha cruzado sua mente. — Cruzar com humanos?

— Ah, sim. — Dai evitou os olhos dela, ocupando-se em desatar sua jaqueta do uniforme. — Dragões nem sempre cruzam com dragões.

Com um leve estremecimento, ele tirou a jaqueta de proteção. Por baixo estava vestindo uma camiseta preta simples, que ficava esticada em seus braços. Suspensórios cobriam seus ombros, segurando as calças resistentes ao fogo e enfatizando as linhas duras do seu peito musculoso. Ajustou uma das correias, enquanto falava.

— Os dragões são shifters, sabe. Na maioria das vezes, eles são pessoas.

Virginia olhou para ele, por mais de uma razão.

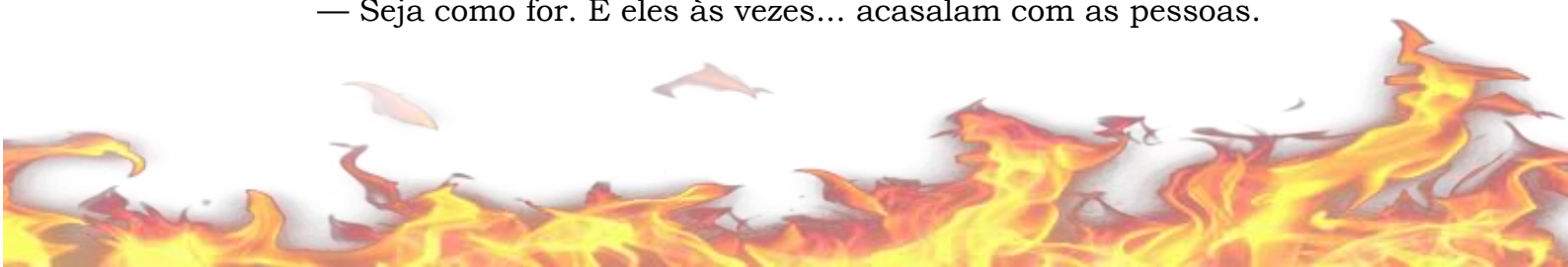
— Deixe-me ver se entendi. Você está dizendo que os dragões podem se transformar em pessoas.

Dai se mexeu, esfregando um ombro.

— Eu estou dizendo que algumas pessoas podem se transformar em dragões.

Virginia sentiu que este não era o momento de discutir semântica.

— Seja como for. E eles às vezes... acasalam com as pessoas.





As pontas das orelhas de Dai, foram ficando vermelhas.

— Muitas vezes. Ah... isto é, quero dizer, os dragões escolhem uma companheira. Não que muitas vezes eles não acasalem com muitas.....

Virginia levantou ambas as mãos para detê-lo, tremendo em repulsa.

— Por favor, não me diga sobre a vida sexual dos dragões. Eu não quero nem pensar nisso.

A boca de Dai caiu aberta, e em seguida, fechou novamente. Ele olhou desconfortavelmente para ela.

— Não é....

— Sério, esta é a única área onde eu realmente não preciso de detalhes. — Alguma coisa estava incomodando Virginia. Ela franziu a testa, pensando sobre esta noite. Abruptamente sentou-se.

— Bertram!

Dai pareceu surpreso.

— Perdão?

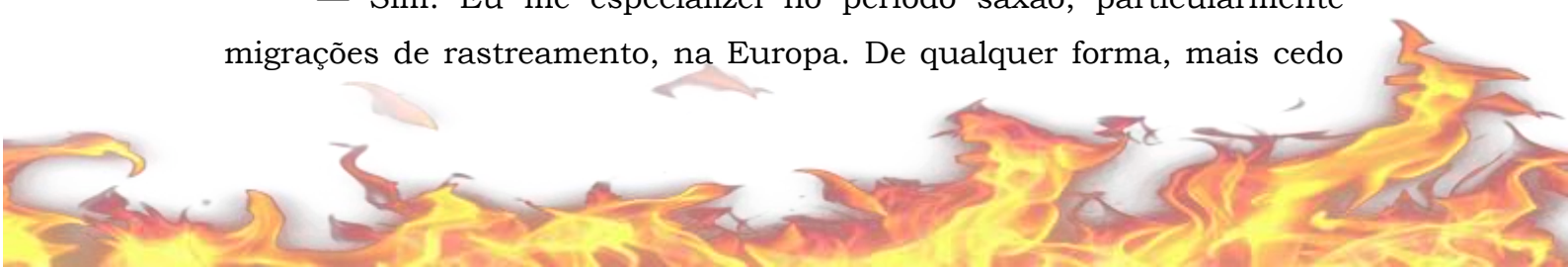
— Bertram. Bertram Russell. Ele é um... tipo de rival profissionalmente meu.

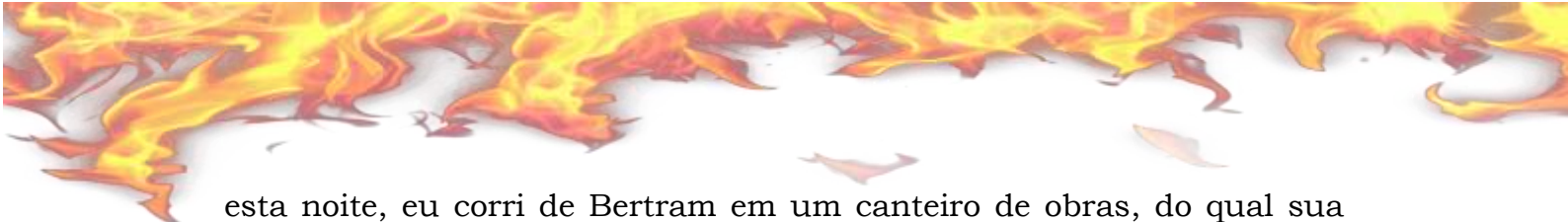
Dai olhou para os mapas e papéis espalhados ao redor de seus pés, e em seguida, para os pequenos pincéis e lupas deixados na mesa de jantar.

— Você é uma arqueóloga?

Virginia gostou da maneira bastante reverente que ele disse a palavra. Foi uma boa mudança das sobrancelhas levantadas que ela normalmente recebia, quando mencionava sua profissão.

— Sim. Eu me especializei no período saxão, particularmente migrações de rastreamento, na Europa. De qualquer forma, mais cedo





esta noite, eu corri de Bertram em um canteiro de obras, do qual sua família é proprietária, sobre os Downs. Acabei fugindo, porque eu pensei que ele ia me atacar, mas quando olhei para trás, ele tinha desaparecido. E então...

Seu estômago se apertou com a lembrança das garras tentando pegá-la, e ela teve que fazer uma pausa por um momento para recuperar a compostura.

— Então o dragão apareceu.

A boca de Dai apertou em uma linha sombria.

— Ele é um shifter, então.

Ele ficou em silêncio, a estudando. Virginia tinha a sensação desconfortável, de que aqueles olhos verdes claros podiam lê-la como um livro aberto. Estava certa de que tinha notado como ela não havia mencionado como tinha ido até os Downs, em primeiro lugar. Estava mentalmente imaginando uma desculpa. Uma caminhada à noite, que não envolvia uma fortuna em ouro. Dai falou novamente:

— Dragões são extremamente possessivos.

Foi a vez de Virginia piscar.

— O que você quer dizer?

—Um dragão sempre tem um tesouro. Ouro e jóias são irresistivelmente atraentes, especialmente algo único ou significativo de alguma maneira. Mas mesmo levar a menor moeda do tesouro de um dragão, é como seqüestrar um de seus filhos. Ele não pararia por nada, até consegui-lo de volta.

— Eu não tomei nada que pertença a Bertram. — Virginia disse com firmeza.

Era tecnicamente verdade, ela disse a si mesma. O artefato, e qualquer outra coisa que permanecesse do túmulo de Brithelm, fazia





parte do patrimônio cultural da Grã-Bretanha. Por lei, pertencia à nação, não a quem quer que possuísse a terra onde foi encontrado.

Dai soltou a respiração, parecendo aliviado.

— Isso é bom. — Virginia sentiu uma pontada de culpa pela maneira como ele confiou em suas palavras, sem pedir qualquer detalhe.

— Evita certas ... complicações com a lei draconiana.

O que implica que se ela tivesse roubado algo, Dai não seria capaz de parar o dragão de tomá-lo de volta. Era uma coisa boa Bertram não ter conseguido encontrar o artefato em primeiro lugar. Virginia se sentia fisicamente doente, ante o pensamento dos artefatos ficarem juntando poeira no tesouro do dragão. O verdadeiro valor do artefato não se encontrava no ouro ou nas jóias, mas nas histórias escondidas que ele trazia, à espera de ser desvendada através de um estudo cuidadoso. O pensamento de Bertram mantê-lo escondido, para usufruir em particular, era insuportável.

— Você sabe, isso explica muito sobre Bertram. — pensou em voz alta.

— Agora eu sei por que ele é tão desagradável, controlador, um bastardo sarcástico. De repente, faz todo o sentido. É porque é um dragão.

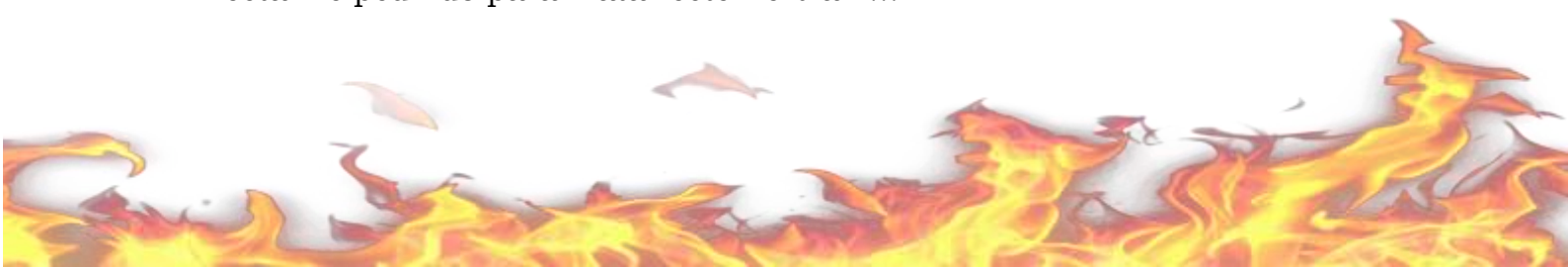
Todo o alívio sumiu do rosto de Dai, seguido de consternação.

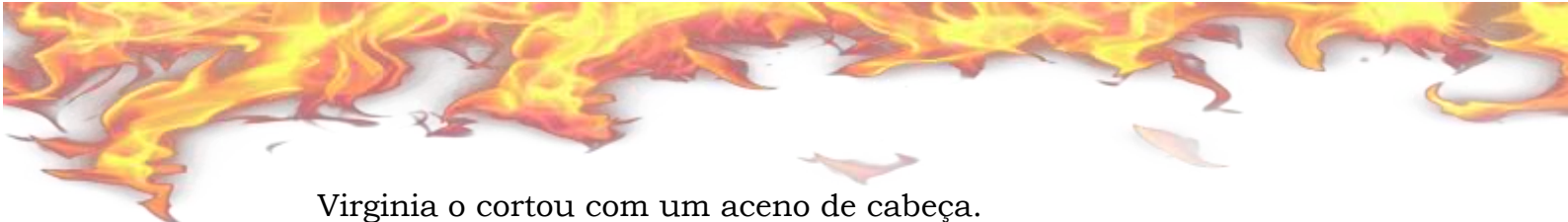
— Ele pode ser apenas um bastardo.

Está defendendo os dragões? Virginia ficou momentaneamente perplexa, até que ela se lembrou de algo que havia dito anteriormente.

— Espere. Você é um caçador de dragões.

— É algo que eu faço, sim. — Dai disse, com cautela. — Mas se está me pedindo para matar este Bertram...





Virginia o cortou com um aceno de cabeça.

— Tentador, mas não é onde eu estava indo. — Seus olhos se estreitaram, enquanto o estudava da cabeça aos pés.

— Você disse que tinha que ser um descendente, a fim de caçá-los, certo?

Cada músculo dos ombros de Dai ficou tenso.

— Sim.

— Então você tem sangue de dragão.

Dai parecia um homem olhando para o pelotão de fuzilamento.

— Sim.

— Porque que você está sangrando por todo o meu tapete?

Dai piscou.

— O quê?

— Você está sangrando, Dai! — Virginia pulou de sua cadeira, enquanto mais gotas vermelhas se juntavam à mancha se espalhando no tapete bege. Todos os outros pensamentos fugiram de sua mente, e uma necessidade urgente, instintiva e repentina de se certificar de que ele estava bem ocupou sua cabeça.

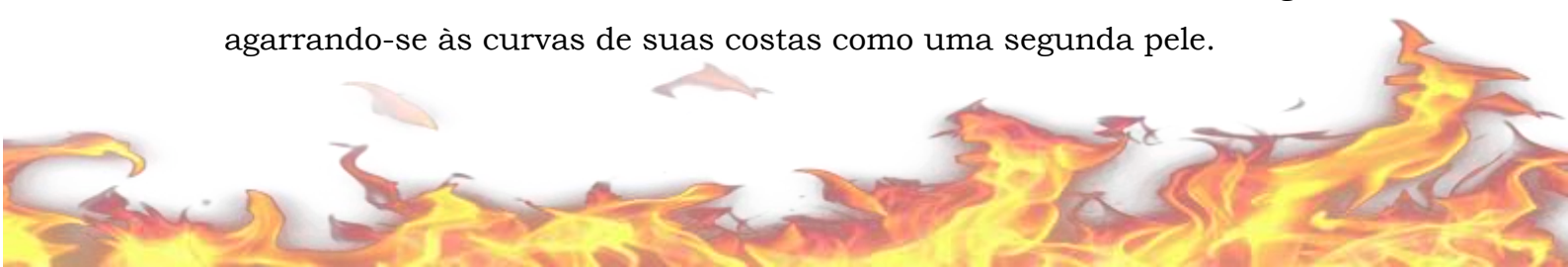
— Será que você se machucou no fogo?

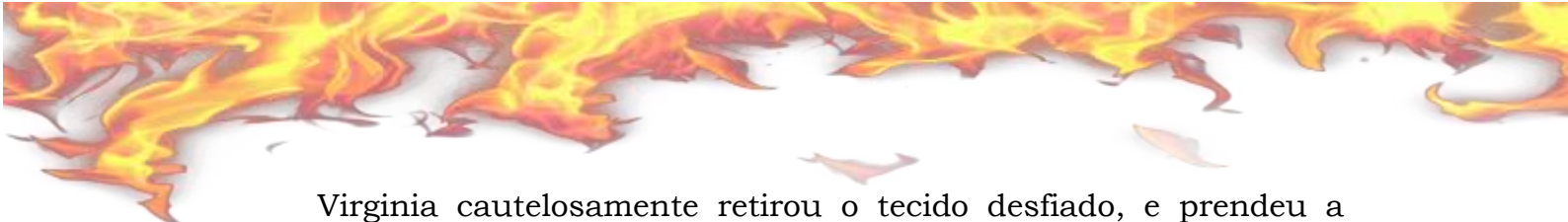
— Oh, isso. É só um arranhão. — Dai esfregou o ombro novamente, olhando para a palma da sua mão, que agora estava coberta de sangue.

— Ah. Hm.

— Deixe-me ver. — Virginia exigiu, o puxando pelo braço.

Dai era tão alto que teve que se ajoelhar, para deixá-la dar uma boa olhada em seu ombro. Sua camiseta estava molhada com sangue, agarrando-se às curvas de suas costas como uma segunda pele.





Virginia cautelosamente retirou o tecido desfiado, e prendeu a respiração diante da visão da ferida no músculo de seu ombro esquerdo.

— Dai, eu acho que você precisa ir para o hospital.

Dai rolou seu ombro experimentalmente. Sua mandíbula apertou, mas ele balançou a cabeça.

— Está tudo bem. Eu ainda posso usá-lo.

— Sim, porque minha única preocupação sobre o enorme buraco sangrento em seu ombro, era que isso podia afetar sua capacidade de combater um dragão. — Virginia se lançou à procura de algo para estancar a hemorragia, mas tudo o que ela encontrava estava coberto de sujeira e cinzas. Por falta de melhor opção, ela pegou uma almofada e a apertou contra a ferida.

— Eu deixei meu telefone no quarto. Segure isto no lugar, enquanto eu vou chamar uma ambulância.

— Não! — Dai pegou seu pulso. Apesar da velocidade e rapidez do movimento, os dedos fecharam suavemente, apenas um toque de pluma em sua pele. Seus olhos verdes brilhando com intensidade.

— Eu não deixarei você sem proteção.

Com ele de joelhos, seus rostos estavam a alguns centímetros de distância. Tão perto, que ela podia ver todas as tonalidades de cor em suas íris, de esmeralda escuro para verde folha, com uma faixa fina de ouro ao redor da pupila.

Olhos de dragão.

Lembrou-se de outros olhos laranja em vez de verde, mas com o mesmo fogo e não pôde deixar de vacilar.

Dai deve ter sentido seu movimento, porque seus olhos brilhantes escureceram. Ele desviou o olhar abruptamente.





— Eu vou ficar bem, realmente. — disse ele, com roquidão em sua voz.— Eu me curo rapidamente.

— Sangue de dragão? — Virginia adivinhou, e suspirou com o aceno de Dai. — Tudo bem, faça como quiser. Mas pelo menos deixe-me limpar isso e colocar um curativo.

Ela saiu fora de seu alcance, pegando seu pulso no lugar. Sentindo-se um pouco como uma rebocadora guiando um caminhão de bombeiro, o puxou de pé, arrastando-o na direção do banheiro.

— Antes que mais sangue de dragão arruine completamente a minha chance de conseguir o meu depósito de volta no apartamento.





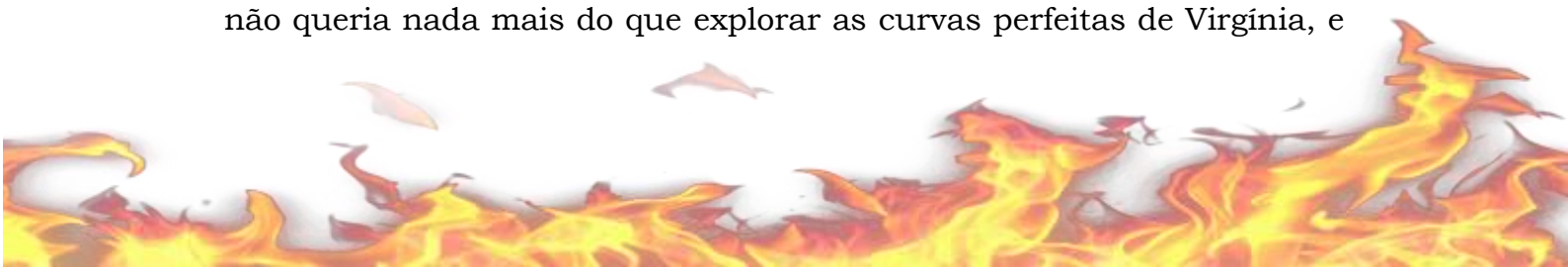
Capítulo Quatro

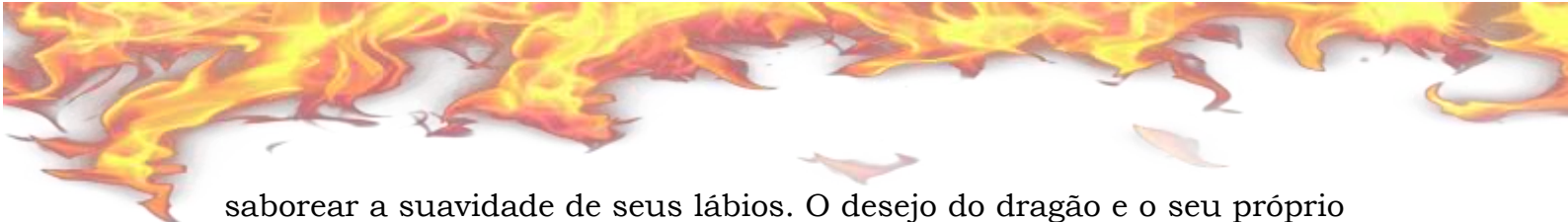
Dai tinha entrado em blocos de apartamentos para resgatar crianças presas no último andar, subido em escadas de metal, mesmo quando os degraus estavam derretidos e torcidos sob seus pés. Ele arrastou trabalhadores para fora de uma fábrica de produtos químicos em chamas, prendendo a respiração por alguns minutos de agonia, enquanto corria através das nuvens de gases ácidos. Protegeu sua equipe de DragonFire com sua própria pele, e tinha as cicatrizes para provar isso.

Mas a coisa mais difícil que ele já teve que fazer, foi sentar-se absolutamente imóvel sob o toque suave de Virginia.

O banheiro era tão pequeno, que teve que se ajoelhar praticamente entre as coxas dela, enquanto ela cobria sua ferida. Cada encostada acidental de sua perna ou quadril contra ele, o queimava como um dragonfire. Seu dragão se contorcia em êxtase, exigindo que se virasse e a agarrasse, levando-a para o seu tesouro e completasse o ritual de acasalamento. Os dedos de Dai se afundaram em seus joelhos, enquanto lutava pelo controle. Tinha uma longa prática em conter a natureza quente e selvagem do dragão, mas todos os seus truques de foco e distração, eram inúteis na presença de sua companheira.

O problema era que ele não queria controlar o dragão. Também não queria nada mais do que explorar as curvas perfeitas de Virgínia, e





saborear a suavidade de seus lábios. O desejo do dragão e o seu próprio se amplificaram a tal ponto, que cada roçada de seus dedos contra as suas costas se tornou uma tortura requintada. Só uma coisa o impedia de se virar e reivindicar sua companhia.

Ela odeia dragões.

Considerando tudo o que tinha passado, era uma reação perfeitamente compreensível. Dai não iria culpá-la se tivesse uma crise de choro. Mas Virginia parecia ter transformado o trauma em uma força interior inquebrável, como um diamante formado sob intensa pressão. Não havia nenhum medo em seu rosto, quando ela tinha falado da repulsa em relação ao dragão, que era justa.

Se soubesse o que eu estava ...

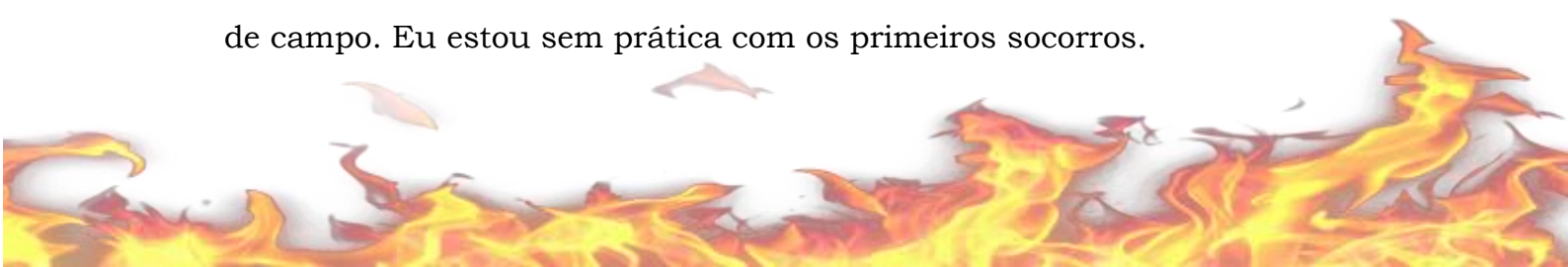
Dai não tinha perdido o pequeno vacilo de Virgínia quando ela olhou em seus olhos. Inconscientemente, a atração que companheiros sentiam havia lhe dado um vislumbre de seu dragão interno. E isso o revoltara.

Eu não posso dizer à ela. Ainda não. Não até que tenha a chance de me conhecer, ver que eu não sou como aquele outro dragão. Eu tenho que ser paciente.

Seu dragão pensava que era uma idéia terrível. Seu dragão era muito mais a favor de esquecer as objeções de Virgínia sobre dragões, e levá-la aos extremos do prazer fornecendo imagens mentais detalhadas de exatamente como isso podia ser realizado. Dai respirou lentamente, contando os azulejos da parede. E ficou profundamente grato pelo material de camada tripla da calça resistente a fogo.

— Ok, está feito. — disse Virginia por fim, colocando a última bandagem no lugar. Ela bateu em seu ombro tenso.

— Sinto muito, eu posso dizer que não foi ótimo para você. — Ela suspirou. — Muito tempo se passou desde a última vez que fiz trabalho de campo. Eu estou sem prática com os primeiros socorros.





Dai desejou que ele pudesse tranquilizá-la de que seus músculos tensos não tinham relação com a dor, e sim, tudo a ver com sua proximidade.

— Sinto-me bem. — disse com esforço, com a necessidade crua apertando sua garganta.

— Quero dizer, está melhor. O meu ombro. Obrigado.

— A qualquer momento. — Sentiu que se inclinava um pouco para trás, inspecionando seu trabalho. Ela passou a mão sobre o curativo, verificando se estava bem vedado.

— Eu acho que isso vai servir por agora. Mas você deve chamar o seu amigo médico com as mãos mágicas para olhar mais tarde. — Seus dedos distraidamente continuaram abaixo da linha de sua coluna vertebral.

— Eu gosto de suas tatuagens, a propósito.

A respiração de Dai congelou no peito. Mesmo que fosse capaz de falar, ele dificilmente poderia explicar que os padrões escarlate em escala que corriam por suas costas, eram naturais, não tatuagens. Ou que eram tão extremamente sensíveis ao toque, que ela poderia muito bem ter apenas corrido os dedos diretamente sobre seu pênis.

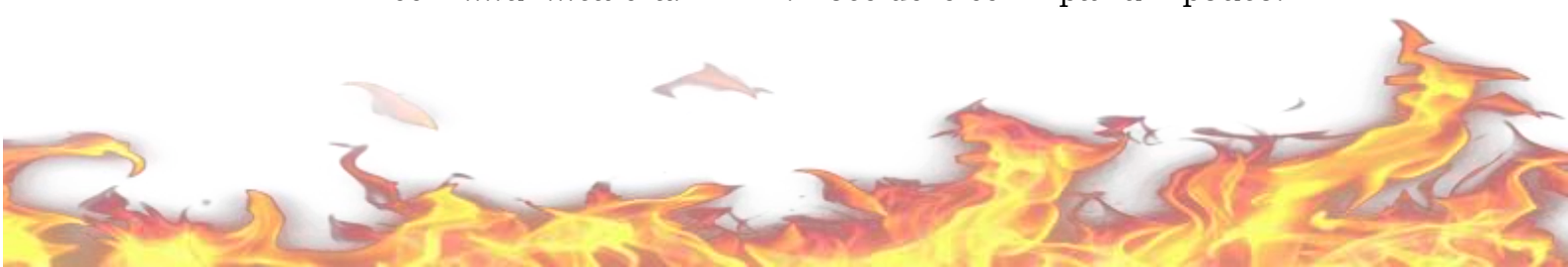
Ele pulou de pé, batendo a cabeça contra a luz e quase batendo em Virginia, que estava na borda da banheira.

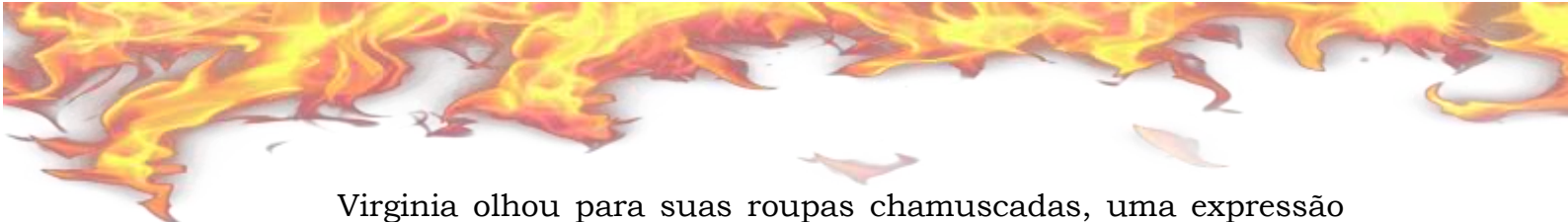
— Desculpe. — disse ela, levantando as mãos. Sua pele morena escura escondeu qualquer vergonha, mas Dai poderia dizer que estava ruborizada.

— Isso foi, hum.... inadequado da minha parte.

— Não, não. — Dai conseguiu dizer. Ele esfregou uma perna, sem muita convicção.

— Assim....uh...cãibra. Enfim. Você deve se limpar um pouco.





Virginia olhou para suas roupas chamuscadas, uma expressão mortificada cruzou seu rosto, e Dai poderia ter se chutado.

— Quero dizer, tem sido uma longa noite, difícil. Você deve querer se lavar e descansar um pouco.

Virginia sorriu ironicamente.

— Eu poderia dizer o mesmo para você. — Ela mordeu o lábio. — Hum.... inadequado novamente, mas eu não acho que você deva molhar esse curativo. Antes que eu te chute para fora para poder me limpar, você quer alguma...uh... ajuda no chuveiro?

Seu dragão pensou que esta era uma excelente idéia.

— Não. — Dai grunhiu, batendo com a cabeça novamente na luz, em sua pressa de sair para fora do banheiro.

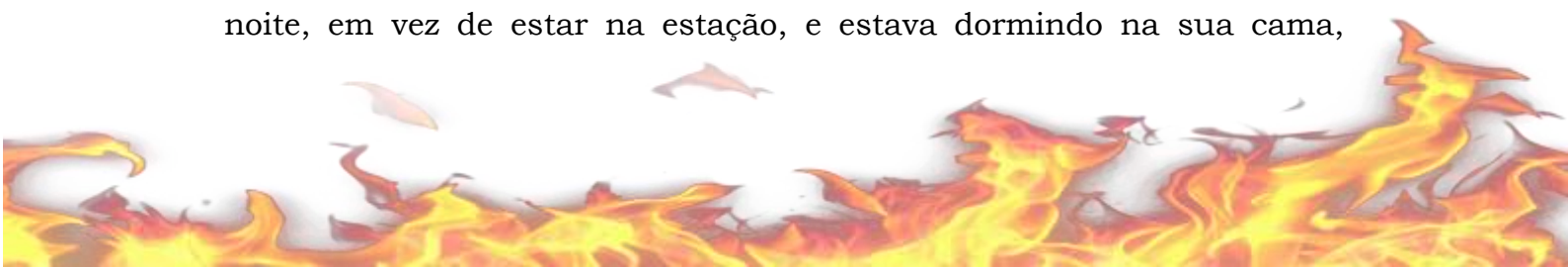
— Eu vou apenas para outro lugar. Agora.

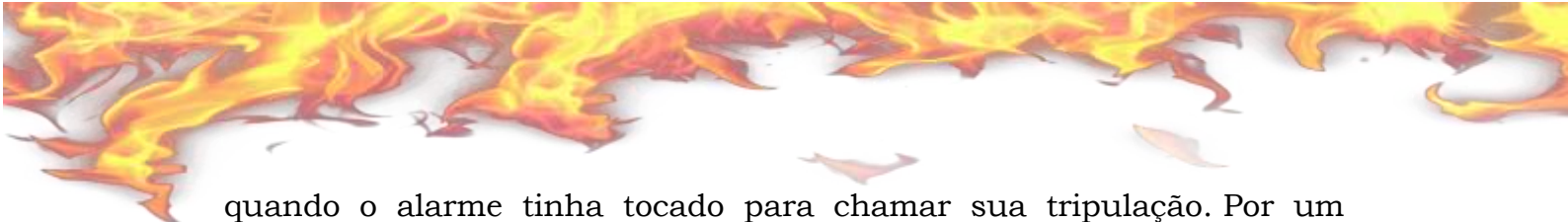
Ele teve um vislumbre de constrangimento e diversão no rosto de Virginia, antes que a porta se fechasse. Um momento depois, ouviu o chuveiro ligado. Firmemente reprimindo a imagem mental da água correndo sobre suas curvas exuberantes, Dai foi para a cozinha.

Um par de litros de água gelada depois, ele estava pelo menos um pouco mais limpo, e com um melhor controle de si mesmo. Seu dragão estava bravo na parte de trás de sua mente, enrolado sob correntes de ferro de auto-disciplina, mais uma vez. Dai passou os dedos pelo cabelo molhado, o sacudindo como se fosse um cão. Virginia ainda estava tomando banho, e ele preferiria ter se estripado do que bater na porta para pedir uma toalha.

E sobre roupas? Seu dragão murmurou maliciosamente.

Dai olhou para seu peito sem camisa e calças contra fogo, descalço. Amaldiçoou a si mesmo, enquanto tardiamente lembrava que ele estava vestindo apenas cueca por baixo. Estava de plantão esta noite, em vez de estar na estação, e estava dormindo na sua cama,





quando o alarme tinha tocado para chamar sua tripulação. Por um momento, pensou em continuar a usar seu equipamento, mas tinha a sensação de Virginia não apreciaria o aroma de suor e fumaça que permeava seu uniforme.

Eu nunca vou ouvir o final disto , pensou com resignação, enquanto ele mentalmente chamou seu amigo.

— *Você está bem?*

— *Como sempre.* — veio a resposta alegremente lasciva. — *Onde está você, meu homem? Nós estamos todos ansiosos, à espera de ouvir notícias suas. Quem é essa senhora amiga misteriosa com quem você fugiu? É verdade que levou ela para casa? Já Fo...*

— *Você vai por favor se calar e ouvir pela primeira vez? Preciso da sua ajuda.*

— *Seus pais não o ensinaram sobre os pássaros e as abelhas?* — Chase perguntou.

— *Não se preocupe, eu estou aqui para segurar sua mão durante todo o tempo. Metaforicamente falando. Claro, se sua amiga gostar desse tipo de arranjo, eu ficaria feliz em ajudar não metaforicamente também...*

— *CHASE!* — Dai o criticou com um rugido mental, cortando a corrente de palavras. — *A sério. Eu preciso de algumas roupas.*

Houve uma breve pausa mental.

— *Desculpe, você poderia repetir isso?*

— *Eu preciso de algumas roupas. Eu não trouxe nada comigo.*

— *Desculpe, terrível noite para conversa psíquica. Talvez você esteja passando por um túnel. Não ouvi bem. Repete?*

Dai rangeu os dentes.

— *Quantas vezes eu salvei você de bêbados loucos?*





— O mesmo número de vezes que você me ensinou sobre minha moral baixa. — Chase respondeu alegremente.

— Ei, você acha que você poderia me chamar e repetir essa conversa? Eu quero gravá-la no meu telefone, para saborear mais tarde. Eu poderia usar como meu toque.

Dai esfregou a testa, perguntando-se se deveria tentar um dos outros membros de sua tripulação. Infelizmente, John estava provavelmente dormindo debaixo d'água por agora, e apenas o pensamento de tentar explicar sua situação ao comandante Ash, o fez estremecer.

— Você vai me ajudar ou não?

— Não só eu vou ajudá-lo, como também vou lembrá-lo de que já ajudei todos os dias até o próximo ano ou algo assim. E já estou no meu caminho. — Dai escutou o vento assobiando sobre seus ouvidos, enquanto Chase voava com rapidez.

— Vá para fora.

— Virgínia? — Dai chamou. O som de água corrente tinha parado, e ele podia ouvi-la se movendo em torno do quarto.

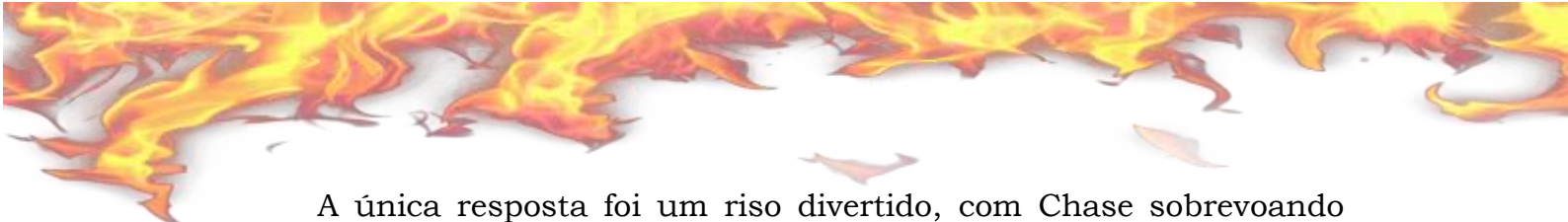
— Eu vou lá fora. Um amigo está trazendo algumas coisas para mim. Eu volto em um momento.

Sem esperar por uma resposta, saiu para fora do apartamento, deixando a porta entreaberta atrás dele.

Quaisquer que sejam as falhas de Chase — e eram muitas — pelo menos ele era rápido. Dai mal teve que esperar cinco minutos, antes que uma mochila caísse do céu como um meteoro, por pouco não o atingindo. Olhou para cima, pegando o breve lampejo das asas negras de Chase, passando sobre as estrelas.

— Obrigado. — enviou para o outro shifter. — Eu te devo uma. Infelizmente.





A única resposta foi um riso divertido, com Chase sobrevoando novamente. Deixando cair a conexão mental e pegando a bolsa, Dai voltou para dentro. Virginia estava sentada em uma cadeira na sala, envolta em um roupão macio, secando o cabelo com uma toalha.

— Eu coloquei um cobertor e um travesseiro no sofá para você. — disse, com a voz um pouco abafada pela toalha. Ela se virou por cima do ombro, amassando os dedos em sua gloriosa massa de cabelos escuros.

— Era seu amigo? Será que ele não quer entrar?

— Apenas uma passada rápida. — Dai teve que desviar o olhar da visão de sua pele úmida, uma vez que seu dragão se levantava novamente, lutando contra seu auto controle.

Ele se ocupou em esvaziar o saco de lona, e descobriu que Chase cuidadosamente havia embalado uma caixa com quarenta e oito preservativos, bem visível no topo das roupas dobradas. Empurrou-a para o fundo do saco.

— Você deve ir descansar um pouco.

Virginia bocejou, ficando de pé.

— Sem brincadeira. Eu sinto que eu poderia dormir por uma semana. — No entanto, ela hesitou na porta de seu quarto. — Tem certeza que você vai ficar bem?

Ele olhou em seus olhos, e desta vez ela não vacilou.

— Eu tenho tudo o que preciso. — disse. Um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto.

— Vá dormir. Eu vou manter a guarda aqui.

Viu? ele disse a seu dragão. *Paciência. Tudo vai ficar bem.*





Capítulo Cinco

O dragão a prendeu embaixo dele. As garras brancas cravando seu peito, o peso da besta pressionando para fora todo o ar de seus pulmões. Ela podia sentir o seu cheiro em sua respiração, uma mistura de carne e cinzas. Seus olhos laranja brilhantes preenchidos pelo prazer cruel com sua luta indefesa. As narinas do dragão dilataram quando inalou. A mandíbula sorrindo aberta. Virginia olhou para a goela escancarada, e viu as chamas queimando saindo da garganta do dragão, direto para seu rosto...

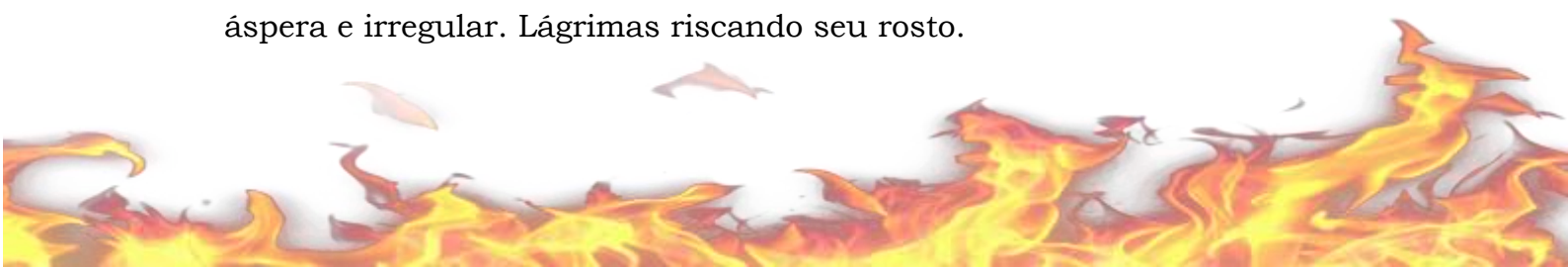
— Virgínia! Virgínia!

Virginia lutou como uma louca contra o peso que a imobilizava na cama. Ela arranhou quem estava em cima dela. Pele?? Não escamas?? Engasgou quando tentou respirar, e sentiu o ar limpo, em vez de fumaça.

— Foi um sonho. Apenas um sonho. — a voz suave de Dai em seu ouvido, a trouxe totalmente para fora do pesadelo. Ele estava deitado sobre ela, por cima das roupas de cama.

— Você está segura. Você está segura agora.

— O Dragão. — Virginia engoliu um soluço, sua respiração ainda áspera e irregular. Lágrimas riscando seu rosto.





— Eu pensei que tinha me.....

— Shh. Eu sei. Apenas um sonho. — Ele aliviou seu peso de cima dela, liberando seus pulsos. Ele a puxou para uma posição sentada na cama, a estabilizando com um braço em volta dos ombros.

— Me desculpe, eu te assustei. Corri quando você gritou. Você estava se debatendo muito, e eu estava com medo de você se machucar.

Virginia inclinou-se agradecida contra seu peito. Ela podia ouvir a tranquilizante batida de seu coração. Seu próprio coração acelerado começou a desacelerar em resposta.

— Eu deveria estar pedindo desculpas à você. — Ela se inclinou um pouco para trás, inclinando a cabeça para olhar para Dai. A luz fraca da madrugada filtrando-se através das cortinas, foi o suficiente para mostrar os arranhões vermelhos que tinha feito em seu rosto e pescoço. Sem pensar, ela estendeu a mão para traçar as marcas.

— Como se você não tivesse sido ferido o suficiente ao me proteger.

Dai sentiu as pontas dos dedos perfeitos correrem sobre seu rosto. Ao seu lado, Virginia sentiu os músculos de seu peito tensos, embora seu aperto fosse como uma pluma. Virginia podia ouvir a velocidade de seu batimento cardíaco, mesmo quando o resto dele ficou completamente imóvel. O calor irradiava dele como uma fogueira, mas era um bom tipo de calor, limpo, protetor.

Esse calor acendeu um fogo no próprio corpo de Virginia. Nunca teve uma reação tão forte a um homem antes. Cada fibra do seu ser ansiava por ele, como uma mariposa atraída para uma chama. Queria enterrar o rosto na junção do seu pescoço e ombro, e afastar a memória de fumaça em seus pulmões com o cheiro dele. Desejava sua pele na dele, seu corpo no dela, queimando seus pesadelos.

Consumida por esse desejo, ela se virou para Dai, e o beijou.





Seus lábios estavam imóveis sob os dela por apenas um segundo. Então ele soltou um gemido baixo, do fundo de sua garganta. Ele retribuiu o beijo como um homem que finalmente encontra água, após dias incontáveis sozinho em um deserto. Suas fortes mãos se enroscaram em seu cabelo. Virginia passou as mãos em seu peito, sentindo as linhas quentes e sólidas de seus músculos, através de sua camiseta. Ela puxou a bainha da camiseta, deslizando as mãos por baixo, no calor intoxicante de sua pele. Seus dedos traçaram a linha de sua coluna, sobre as tatuagens que tinha visto antes.

Dai suspirou, puxando a cabeça para trás e interrompendo o beijo. Seus olhos estavam arregalados e escuros, apenas uma borda fina de ouro e verde, ao redor de suas pupilas dilatadas.

— Virginia... — disse ele com voz rouca. — Nós primeiro....Eu devo dizer a você...

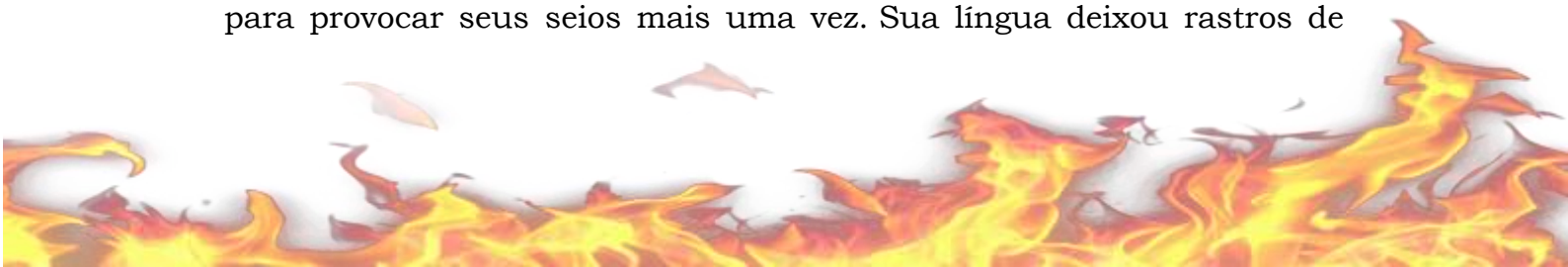
— O quê? — Esse breve gosto dele, só tinha acendido as chamas de seu desejo. Traçou a linha de sua mandíbula com a boca, explorando e mordiscando, o ligeiro atrito de sua barba provocando seus lábios.

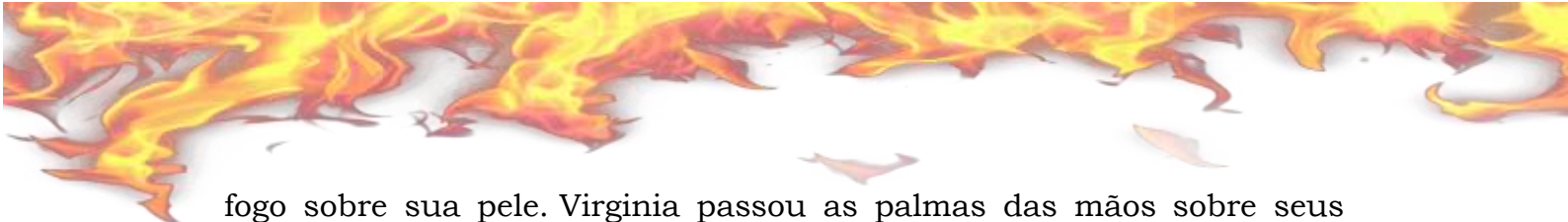
— Eu.... — Ele estremeceu, quando ela mordeu de leve seu pescoço. Suas mãos a apertaram sob o material fino de sua camisola.

— Oh Deus. Mais tarde. Virginia, oh...Virginia.

Com um puxão rápido, ele rasgou a camisola de seu corpo. Ela teria rido com descrença e surpresa, se ele não tivesse baixado a cabeça em direção aos seus seios. Virginia arqueou as costas com a sensação inacreditável da língua de Dai sobre seus mamilos.

Seus dedos entraram sob sua calcinha, acariciando suas dobras lisas. Ela puxou sua camiseta, desesperada por mais dele. Ele recuou apenas tempo suficiente para puxar a camiseta sobre sua cabeça, expondo seu peito duro e bronzeado. Em seguida, dobrou-se para trás para provocar seus seios mais uma vez. Sua língua deixou rastros de





fogo sobre sua pele. Virginia passou as palmas das mãos sobre seus ombros tensos, saboreando a sensação dos músculos sólidos sob suas mãos e a maneira que a respiração de Dai falhou ao seu toque.

Seus dedos fortes circularam seu clitóris. De alguma forma, sem qualquer orientação, ele parecia saber exatamente como acariciá-la. O quadril de Virginia empurrou, enquanto seu orgasmo construía—se em uma onda imparável. Ela se agarrou a ele quando seu clímax a sacudiu, mordendo seu ombro escorregadio de suor, para abafar seus gritos.

— Por favor. — engasgou, enquanto as ondas de prazer diminuíam. Sua vagina doía para ser preenchida. Ela se atrapalhou com os botões da calça jeans, empurrando-a para baixo sobre seus quadris.

— Agora, por favor.

Dai gemeu, sua boca aberta em seu seio, enquanto sua mão se fechava ao redor de seu grosso eixo, duro.

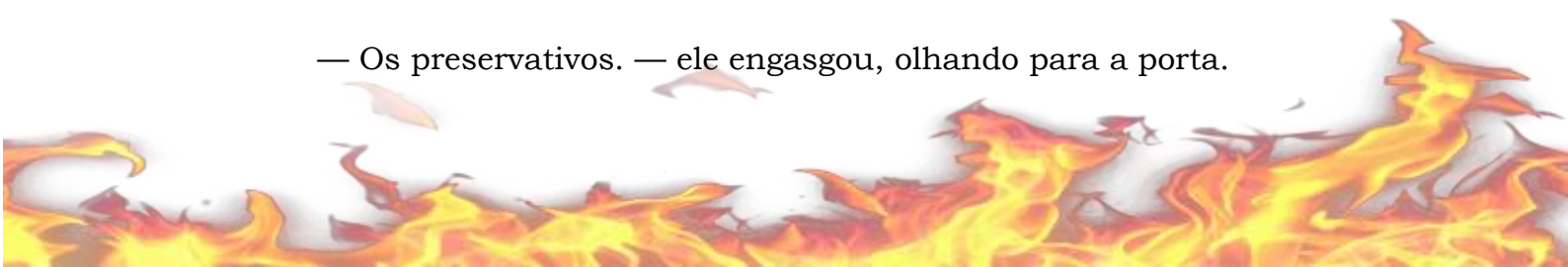
— Minha Virginia. — Sua voz era um rosnado profundo, balançando com necessidade e desejo.

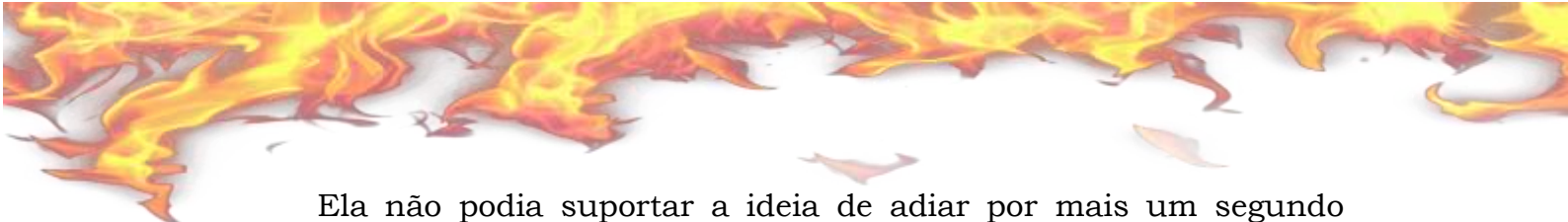
— Minha.

Ele colocou as mãos por baixo, segurando sua bunda. Seus braços a levantaram, aparentemente sem esforço, e a colocou de volta na cama. Ele empurrou sua calça jeans e boxers. Virginia teve apenas um breve vislumbre de seu glorioso corpo nu, antes dele estar em cima dela, sua boca faminta encontrando a sua, seu pau pressionando entre suas pernas. Ela abriu as pernas de boa vontade para ele, empurrando seus quadris para cima.

A ampla cabeça de seu pau empurrou tentadoramente contra sua abertura, e depois parou. Virginia fez um som de protesto, mas Dai recuou um pouco. Seu peito arfava com necessidade mal—contida, quando ele se ergueu em seus braços, acima dela.

— Os preservativos. — ele engasgou, olhando para a porta.





Ela não podia suportar a ideia de adiar por mais um segundo sequer.

— Eu tenho um DIU. — mexeu seus quadris, esfregando seu clitóris inchado contra seu pau grosso, enquanto falava. — Eu vou confiar em você, se você confiar em mim.

Com um gemido, Dai segurou seus quadris, empurrando profundamente dentro dela. Virginia gritou em êxtase, quando seu pênis penetrou sua vagina lisa. Ela passou as unhas por suas costas, pedindo para ir mais rápido, mais profundo. Dai jogou a cabeça para trás, os dentes cerrados. Podia senti-lo lutando para conter seu próprio clímax, enquanto seu pênis grosso a acariciava mais e mais, uma e outra vez, até que se apertou em torno dele. Ela deixou escapar um grito, ecoado pelo de Dai. Seus dedos cravaram em seus quadris, a puxando com força, empurrando enquanto ele liberava seu próprio clímax.

Ambos caíram de volta na cama, ainda unidos. Apesar do peso de Dai em cima dela, Virginia sentiu como se seu peso fosse cinzas ao vento, totalmente consumida pelo prazer.

Depois de um momento, Dai deixou escapar um longo suspiro.

— Eu não quero me mover. — No entanto, ele rolou, saindo dela. Ele se deitou de costas, a puxando com ele.

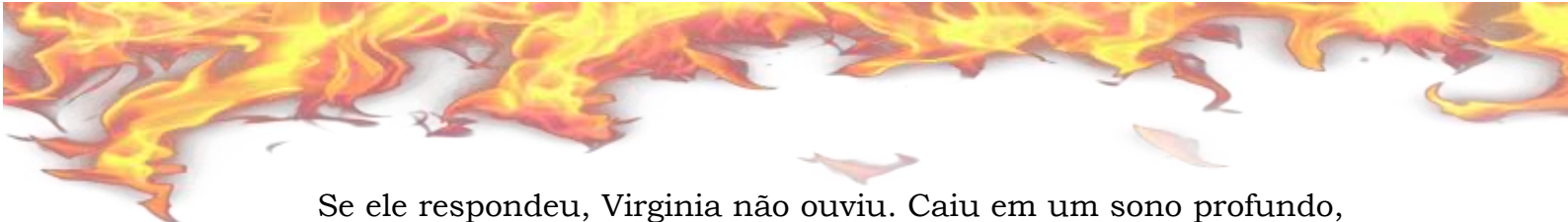
— Mas o meu ombro quer isso. Desculpe.

— Eu vou te perdoar. — disse Virginia, sem abrir os olhos. — Só desta vez.

Ele cheirava a suor limpo e fumaça, e o calor do seu corpo contra suas costas era tão reconfortante, como uma lareira no inverno. Fez sua mente abrandar.

— Hey. — ela murmurou sonolenta. — O que foi que você queria me dizer?





Se ele respondeu, Virginia não ouviu. Caiu em um sono profundo, contente, e sem sonho com dragões.





Capítulo Seis

Dai era um jovem garoto ainda, quando foi confrontado com o seu dragão, e tinha sido expressamente proibido de praticar as cuspidas de fogo. Naturalmente, isso queria dizer que ele conseguia regularmente sair de sua casa, quando seus pais estavam dormindo, para fazer exatamente isso. Sempre que suas escapadas acabavam dando terrivelmente errado, e isso acontecia mais frequentemente do que não, ele sempre tentava colocar preventivamente seus pais em um bom humor. Levava um pequeno café da manhã na cama para eles no dia seguinte. Quanto maior fosse o campo que ele acidentalmente incendiava, mais generoso era o café da manhã que ele preparava. Sua mãe afirmava que a visão de um prato de bacon e ovos, a fazia suar frio de medo.

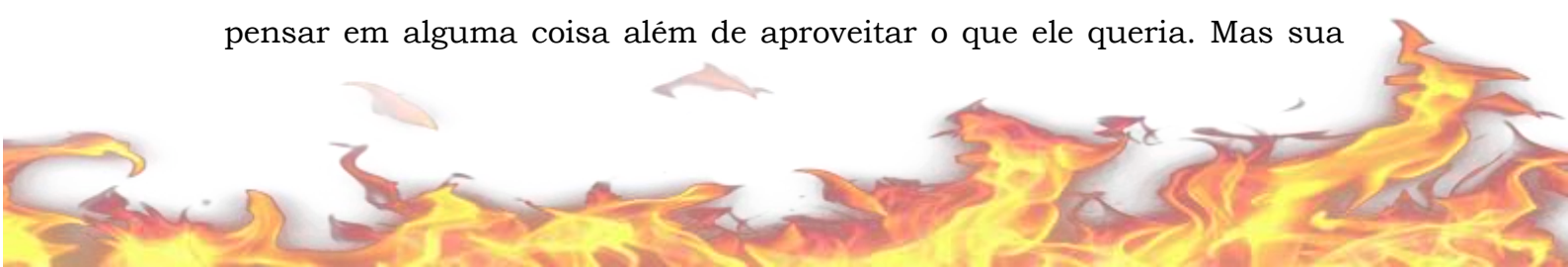
Dai atualmente estava desejando que Virginia fosse dona de uma grande frigideira.

Ele amaldiçoou a si mesmo, enquanto ele virava o bacon. Todas as suas boas intenções, todo o seu autocontrole praticado, tinham virado fumaça quando ela o tocou.

Sim!!!, seu dragão concordou alegremente.

Em contraste com o humor sombrio de Dai, seu dragão estava esparramado em contentamento, presunçoso como um gato embaixo de um raio de sol. Em comparação ao seu dragão, a única coisa que estava errada, era que ele estava aqui fora, em vez de ainda estar na cama de sua companheira. Agora mesmo, ele deveria despertá-la com beijos, passando as mãos sobre as curvas exuberantes de seus quadris.

Dai balançou a cabeça, empurrando o pensamento sedutor fora de sua mente. O Dragão era uma criatura de instinto, incapaz de pensar em alguma coisa além de aproveitar o que ele queria. Mas sua





metade humana não tinha tanta sorte. Sentia—se como uma criança novamente, esperando para arcar com as consequências das suas transgressões noturnas.

Eu deveria ter parado. Eu deveria ter dito a ela o que eu sou. Não iria me querer, se soubesse. Eu traí a confiança dela. Eu a trai.

Dai suspirou, se preparando para o que ele sabia que tinha que fazer. Eu tenho que dizer. De imediato, assim que ela acordar. Não importam as consequências.

Ele olhou para a frigideira. Talvez devesse fazer algumas panquecas também.

Ele podia dizer instantaneamente que Virginia tinha despertado, pela forma como seu dragão de repente estava em alerta máximo, ansioso como um cão em uma rédea curta. Ele ouviu o rangido da cama, enquanto ela se estendia, em seguida, o som de seus pés descalços sobre o assoalho. Ele não olhou em volta, retardando o inevitável momento por tanto tempo quanto possível.

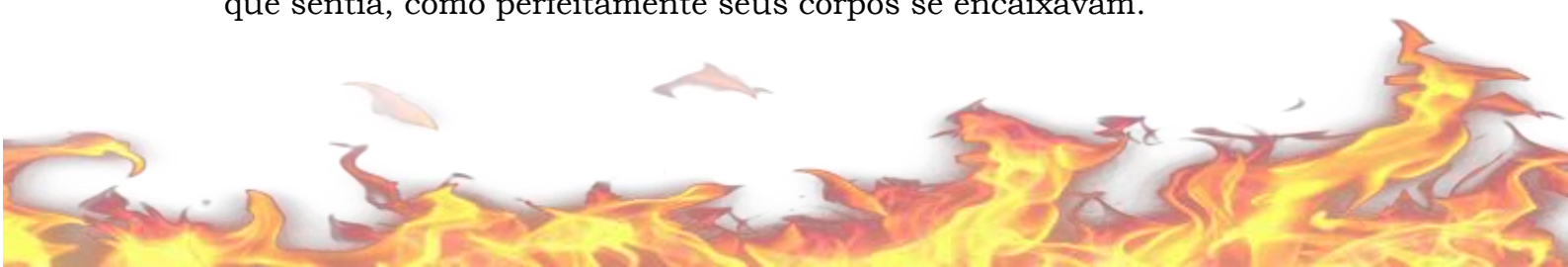
As mãos de Virginia escorregaram em torno de seus quadris, sobre sua camiseta. Todo o medo que revirava seu estômago, derreteu no simples calor de sua pele contra à dele.

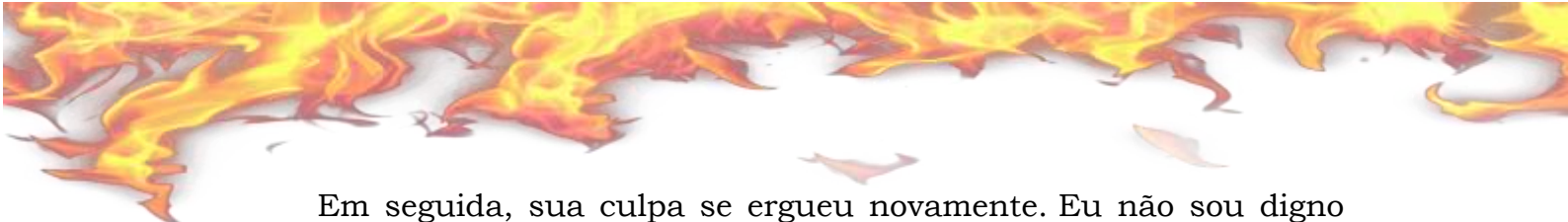
— Eu tive um sonho louco. Que eu fui resgatada de um dragão, por um bombeiro quente, e que é incrível na cama. — Apesar de suas palavras, o toque dela estava um pouco hesitante, como se ela duvidasse se era bem—vinda.

— E agora parece que ele cozinha também. Espero nunca mais acordar.

— Bom dia. — disse Dai, se virando para pegá-la em seus braços.

Com um pequeno suspiro de alívio, Virginia derreteu contra ele. Por um momento, tudo o que podia pensar, era como era certo o que sentia, como perfeitamente seus corpos se encaixavam.





Em seguida, sua culpa se ergueu novamente. Eu não sou digno de segurá-la. Eu não deveria sequer tocar nela.

No entanto, Dai não a soltou. Ele não suportaria que ela pensasse nem por um segundo, que ele não a queria ou que era apenas um caso de uma noite para ele.

— Eu espero que você esteja com fome. — disse ele em seu ouvido.

— Faminta. — disse Virginia. Ela inclinou-se em volta dele para olhar para a panela.

— Ok. Deixe—me esclarecer que 'voraz' não significa que eu posso comer seis ovos. Eu espero que você também esteja com fome.

— Na verdade, sim. — Dai disse se desculpando e a soltando.

Voltando-se para o fogão, ele colocou dois ovos no prato de Virginia, e o resto em seu próprio. Queimou uma grande quantidade de energia. Ele acrescentou o bacon, tendo alguma dificuldade em encontrar espaço para ele ao lado dos ovos, pão frito, lingüiça e tomates grelhados.

— Foi uma noite movimentada.

Virginia ergueu as sobrancelhas, um sorriso maroto puxando nos lábios.

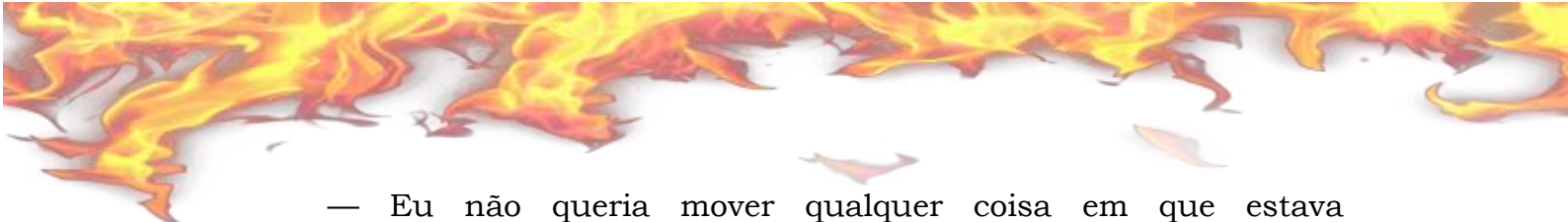
— Devido ao incêndio ou ao dragão?

Dai colocou um dedo sobre seu queixo, inclinando seu rosto para cima, para um beijo longo e profundo.

— Nenhum dos dois. — ele disse.

Soltou-a novamente, pegando os pratos. Ele inclinou a cabeça na direção da mesa de jantar, que ainda estava empilhada com papéis e ferramentas de arqueologia.





— Eu não queria mover qualquer coisa em que estava trabalhando, então eu não coloquei a mesa. Aonde quer comer?

— Oh, não se preocupe, não há nada de importante aqui. — Virginia limpou um espaço, varrendo um braço por cima da mesa, misturando papéis aleatórios. Sentaram—se, e por alguns momentos ficaram totalmente ocupado com seus alimentos.

— Dai. — Virginia disse, quando ambos tinham comido uma grande parte do café. Ela manteve os olhos em seu prato.

— Eu tenho que te contar uma coisa. Eu não tenho sido totalmente honesta com você.

Dai, que finalmente tinha tomado coragem para abrir a boca e dizer exatamente a mesma coisa, encontrou-se totalmente perplexo. Ele piscou para ela do outro lado da mesa.

— É? — ele conseguiu dizer.

Virginia brincou com o garfo.

— Você sabe ontem à noite, quando eu lhe disse que não tinha tomado qualquer coisa de Bertram?

Dai levou um momento para lembrar de sua conversa anterior, com os eventos significativos que ocorreram mais tarde.

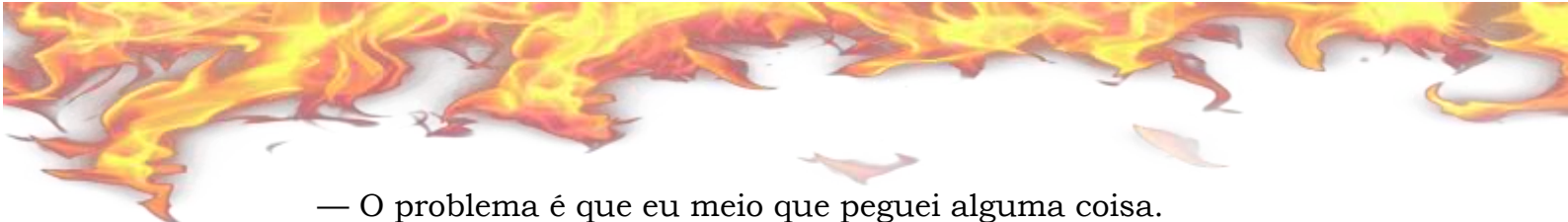
— O dragão? Sim. Embora ele pense que você fez. — Virginia olhou para ele interrogativamente, e Dai esclareceu.

— Eu falei com ele ontem à noite, na cena do crime. Ele estava irritado. — Ele estendeu a mão sobre a mesa, para colocar sobre a dela em segurança.

— Não se preocupe, eu vou conversar com ele. Tenho certeza de que ele está de volta no controle de seu dragão agora, e será capaz de perceber que ele cometeu um erro terrível.

Virginia mordeu o lábio.





— O problema é que eu meio que peguei alguma coisa.

Dai prendeu a respiração.

— Algo valioso?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não diretamente de seu tesouro. Mas ... Eu encontrei um artefato histórico valioso na terra que sua família possui. Pela lei britânica, eles têm direito à metade do valor da descoberta. — Ela fez uma pausa, e depois acrescentou com relutância:

— Na verdade, neste caso provavelmente o valor total. Eu não tinha permissão para estar lá. De qualquer forma, eu estava pensando sobre o que você disse, que se eu tivesse feito algo ilegal, causaria 'complicações com a lei draconiana.' — ela fez aspas no ar com os dedos.

— Esta é uma complicação?

Dai se inclinou para trás na cadeira, franzindo a testa enquanto pensava. A situação não era clara. Se Virginia tinha diretamente roubado o tesouro de Bertram, tecnicamente Dai teria que devolver o tesouro ou ela corria o risco de ser declarada uma ladra e ser caçada por outro dragão.

Mas, desde que o tesouro estava apenas na terra de Bertram... podia—se argumentar que o outro dragão não tinha realmente reivindicado o tesouro para si, deixando o jogo justo para qualquer outra pessoa, humana ou dragão. Claro, ele também poderia argumentar que, uma vez que o terreno lhe pertencia, quaisquer artefatos escondidos dentro dele, também seriam seus.

Dai teve uma desagradável sensação de que ele sabia o que Bertram diria.

Ele suspirou.





— Infelizmente, sim. Possivelmente. — Olhando para os olhos assustados da Virgínia, ele voltou a cadeira para baixo novamente, inclinando-se sobre a mesa para pegar a mão dela.

— Não. Não é uma complicação, pois eu não vou deixar qualquer dragão colocar uma única garra em você. Eu vou mantê-la segura, Virgínia. Eu te juro.

Virgínia apertou os dedos.

— Eu sei que você vai. Mas a segurança não é tudo. — Seu queixo apertou com determinação, embora seus olhos ainda traíssem sua apreensão.

— Eu não estou ligando para o fato de Bertram me encontrar, sei que ele vai vir atrás de mim. Mas eu não quero colocá-lo em perigo também.

— O perigo é apenas um dia normal no escritório. Não estou preocupado. — disse Dai com um sorriso irônico. — Não se preocupe comigo. Você cuida do seu trabalho, e eu vou cuidar do meu. — Deixando de lado sua mão, ele pegou o garfo novamente.

— Que é protegê-la de dragões.

Virgínia empurrou o bacon em torno de seu prato, franzindo a testa com o pensamento.

— Sobre isso... Bertram vai continuar tentando roubar o artefato de volta, mesmo depois que eu entregá-lo às autoridades competentes? Um achado como este, é legalmente classificado como tesouro, por isso pertence à nação. Será que ele tentará invadir uma coleção do museu?

— Não, eu duvido que ele seria tão tolo. Este Bertram estaria disposto a arriscar roubando algo de você em um campo abandonado à meia-noite. Mas ele estaria em sérios apuros se ele tentasse roubar de um museu.

Virgínia parecia aliviada.





— Você não tem idéia de como estou feliz em ouvir você dizer isso. Eu estava começando a me perguntar o quão bom em defesa antidragão, o Museu Britânico é.

— Oh, qualquer coisa lá pertence à rainha. — Dai disse com a boca cheia de café da manhã.

— Ninguém vai interferir no seu tesouro.

O garfo de Virginia congelou a meio caminho de sua boca.

— A rainha é um dragão?

— Hum. Provavelmente é melhor se você esquecer que eu disse isso. — disse Dai. Ele acenou com a mão.

— De qualquer forma, o ponto é que os dragões não estão autorizados a sair por aí entrando em museus, bancos ou lojas para isso. O Parlamento de Shifters é uma espécie de governo, que age com muita seriedade sobre esse tipo de coisa. Dragões são muito poderosos e perigosos para serem autorizados a agir desordenadamente.

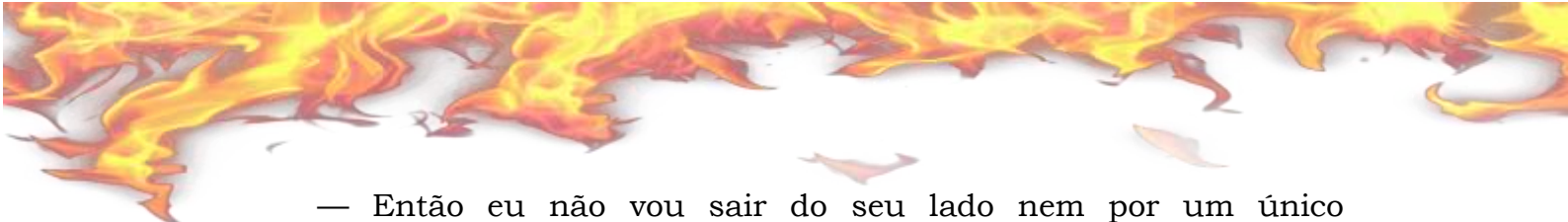
— Então, quando eu relatar meu achado e o local for declarado corretamente como uma área de interesse histórico, Bertram terá que desistir? — Virginia perguntou.

— A menos que ele queira ser conhecido como um ladrão. E confie em mim, ele não vai querer isso. Minha equipe teria licença para caçá-lo, assim como seria com todos os outros caçadores de dragões do país. Ele teria que fugir das Ilhas britânicas.

Virginia continuou.

— Então, tudo o que eu preciso é fazer alguns telefonemas, e....oh droga. — O rosto dela demonstrou decepção. — É domingo. Eu não serei capaz de fazer nada até amanhã de manhã. — Por alguma razão, ela lançou um olhar preocupado na direção do quarto. — Isso dará a Bertram um dia inteiro.





— Então eu não vou sair do seu lado nem por um único momento. — Dai disse com firmeza. — Se Bertram quer te pegar, ele vai ter que passar por mim.

De repente, o dragão de Dai empinou-se em sua mente, rugindo em desafio. No mesmo instante, a porta da frente foi arrancada de suas dobradiças com um estrondo ensurdecedor, revelando uma figura alta e esguia em um terno cinza pálido.

— Isso pode ser arranjado. — disse o outro shifter dragão.





Capítulo Sete

— Bertram. — cuspiu Virginia. Dai já estava de pé, interpondo seu corpo entre ela e o shifter dragão.

— O que você está fazendo aqui?

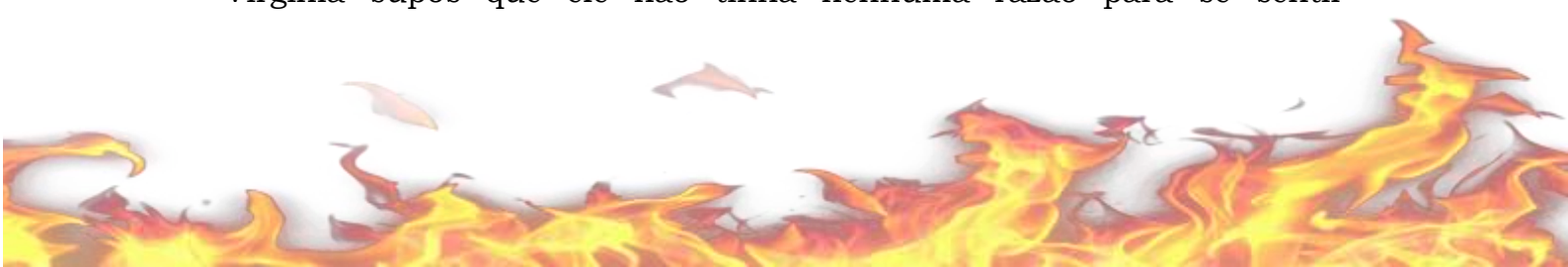
— Principalmente, sendo chocado. — Bertram atravessou a porta, como se forçado a entrar em um pântano, olhando ao redor de seu pequeno apartamento, com um olhar de desdém. Seu nariz se enrugando, enquanto olhava para Dai.

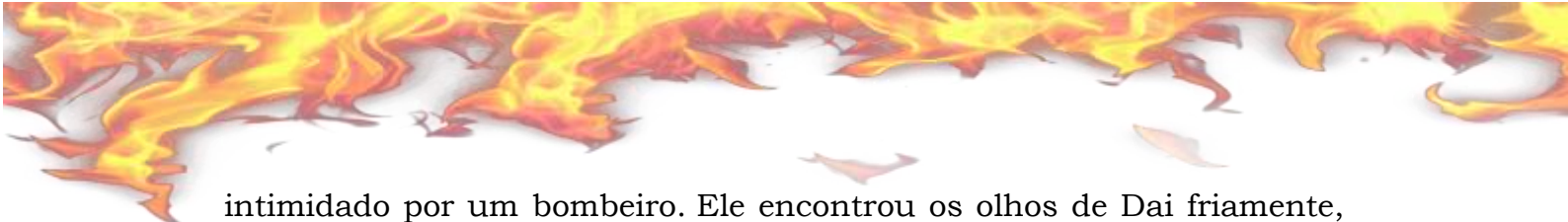
— Realmente, Virginia? Eu tinha baixas expectativas sobre seu gosto, e ainda assim, você consegue me decepcionar.

— Você está invadindo. — disse Dai. Sua voz tinha saído como um rosnado profundo, um tom feral distinto. Ele caminhou para Bertram, todos os músculos em seus ombros e braços tensos e prontos.

— Eu acho que você deveria sair, agora.

Mesmo que Bertram fosse pelo menos quatro polegadas mais baixo e bem mais leve do que Dai, ele não recuou. Mas novamente, ele poderia se transformar em um dragão de 15 metros, de modo que Virginia supôs que ele não tinha nenhuma razão para se sentir





intimidado por um bombeiro. Ele encontrou os olhos de Dai friamente, erguendo o queixo um pouco.

— Eu possuo um impecável diamante de quatro quilates, corte princesa. — disse Bertram, sua própria voz soando como um rosnado.

Virginia piscou, mas Dai parou abruptamente, como se tivesse acabado de correr para uma parede invisível. Suas costas se endireitaram.

— Eu possuo uma pepita bruta de ouro, muito boa.

Os lábios de Bertram se enrolaram.

— Ah. Eu possuo quatro barras de ouro puro, cada uma com 1kg.

— O que está acontecendo? — Virginia perguntou, olhando entre um e outro.

Os dois homens a ignoraram. Eles estavam se estudando como gatos, quando se preparam para lutar, os olhos fixos um no outro.

— Eu possuo uma gargantilha contendo uma dúzia de rubis, de qualidade excepcional fixado em platina. — Bertram declarou.

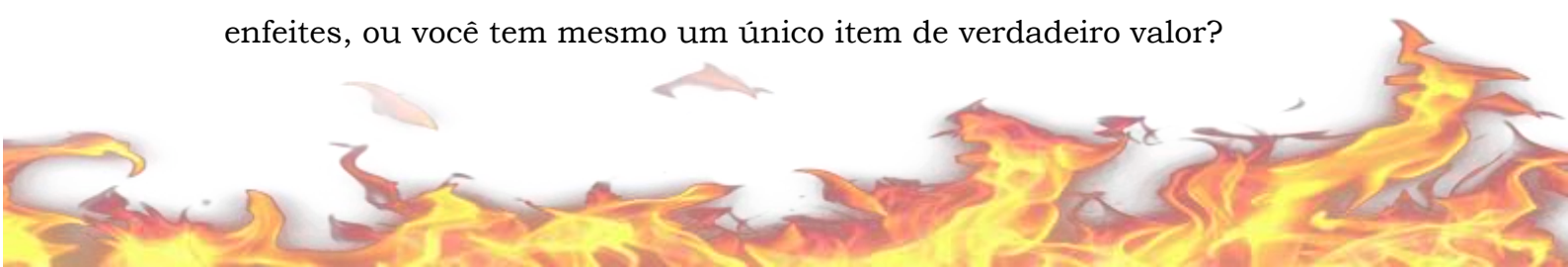
— Eu possuo um impecável anel com uma pedra de esmeralda de cinco quilates, rodeado por vinte diamantes incrustados em ouro. — Dai rebateu.

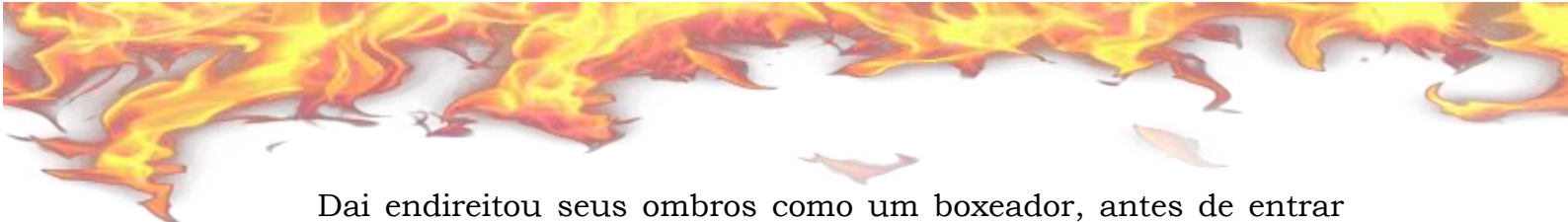
Ok, Virginia pensou. Ou os bombeiros na Grã-Bretanha são muito mais bem pagos do que nos Estados Unidos, ou há muito para Dai explicar ainda sobre sua família.

Ela não se atreveu a interromper novamente. A ameaça entre os dois homens era quase visível, com uma névoa de calor no ar entre eles.

Bertram cheirou.

— Eu possuo uma impecável peça de oito quilates de esmeralda, montada em platina. Será que vamos continuar a negociar meros enfeites, ou você tem mesmo um único item de verdadeiro valor?





Dai endireitou seus ombros como um boxeador, antes de entrar no ringue.

— Eu possuo um cálice de prata, definido com rubis cabochão e trabalhado em ouro, com mais de seiscentos anos de idade.

Bertram acenou com desdém.

— Eu possuo um conjunto completo de dez taças de ouro alinhadas primorosamente, que foi do túmulo do rei Cynewulf de Wessex.

— Você tem? — Virginia exclamou.

Dai cerrou os dentes.

— Eu possuo ... o torque de Dafydd ap Llewelyn, primeiro príncipe de Gales.

— Você tem ? — Virginia disse novamente.

— Entendo. — Os olhos de Bertram se estreitaram.

— E esse é o seu maior tesouro? — Sua forma magra inclinou-se para a frente, esperando a resposta de Dai.

Os ombros de Dai relaxaram um pouco, como se ele sentisse que ganhou.

— Isto é.

— Oh, bem então. — Toda a tensão saiu do corpo de Bertram. Ele jogou a cabeça para trás, soltando uma risada desdenhosa.

— Eu não terminei. Eu tenho dezenove tochas de ouro, algumas usadas por reis tão velhos, que eu mal lembro de seus nomes. Eu tenho tanto ouro e moedas de prata, que eu posso dormir em uma pilha. Você não pode sequer começar a imaginar a escala do meu tesouro. Você admite?

O rosto de Dai ficou rígido.





— Admito.

— O que está acontecendo aqui? — Virginia puxou o braço de Dai. Sentiu como se pertencesse a uma estátua de ferro.

— Dai?

Dai suspirou, olhando para ela. Embora sua expressão ainda estivesse rigidamente controlada, algum sexto sentido disse à Virginia, que ele estava se xingando mentalmente.

— Você sabe o caminho que muitos animais costumam tomar para evitar ter que lutar entre si? Para evitar o risco de ficarem gravemente feridos? Como, por exemplo, as ovelhas.

— Ovelhas?! — disse Bertram. — Sério?

— Na época de acasalamento, carneiros mostram os seus chifres para o outro. — disse Dai à Virginia, ignorando a interrupção. — O carneiro com o chifre maior e mais impressionante, ganha o domínio sobre todos os outros. Carneiros são animais grandes, fortes, que poderiam prejudicar seriamente o outro em uma luta real. Comparando os chifres, eles evitam a luta. — Ele fez um gesto de si para Bertram.

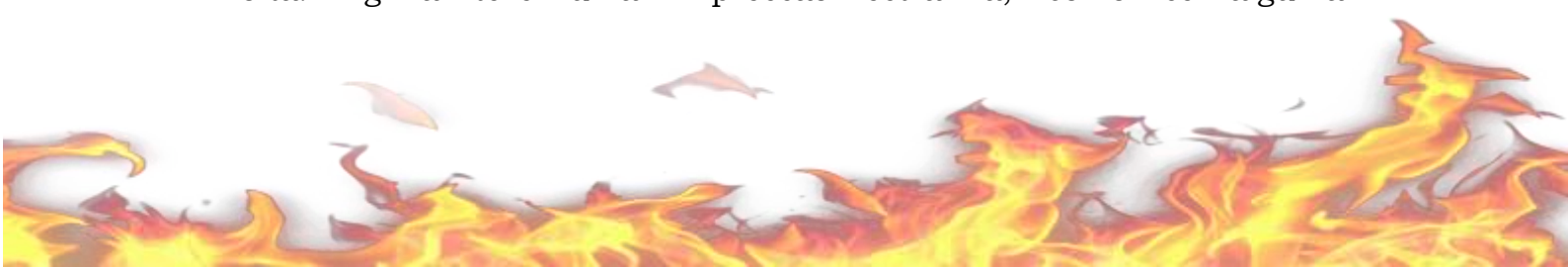
— Dragões fazem algo semelhante, exceto que, em vez de comparar chifres, eles comparam tesouros.

— Felizmente. — Bertram murmurou distraidamente, virando uma mão para a luz fazendo brilhar seu anel de ouro pesado.

— Então, o dragão com o maior tesouro, o mais valioso, é o chefe? — Virginia disse olhando da expressão infeliz de Dai, para a de um presunçoso Bertram, ida e volta.

— Mas...você só tem sangue de dragão por causa de seu antepassado. Certamente isso não se aplica a você, não é?

— Oh? — Bertram olhou atentamente para Dai, que o encarou de volta. Virginia teve uma impressão estranha, como se alguma





comunicação silenciosa estivesse acontecendo entre eles. Abruptamente, Bertram riu novamente.

— De fato. Dragão ... ascendência. — Um sorriso apareceu no canto de sua boca.

— Bem, acho que é verdade. E você, certamente não é um dragão adequado.

— Dragões têm muitos rituais sobre dominação e submissão. — Dai disse firmemente. — Eles têm que ter, caso contrário, todos teriam matado uns aos outros há muito tempo. Não posso deixar de ter esse ritual também.

O coração de Virginia se apertou.

— Que significa?

— Significa que eu sou dominante sobre ele, e ele é portanto, obrigado a me obedecer. — disse Bertram. Seu sorriso se alargou.

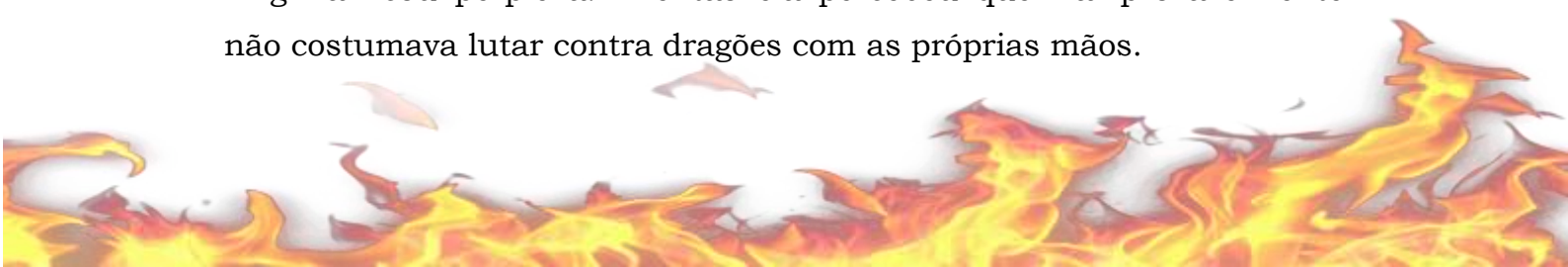
— Por exemplo, eu poderia ordenar que deixe a cidade. Agora.

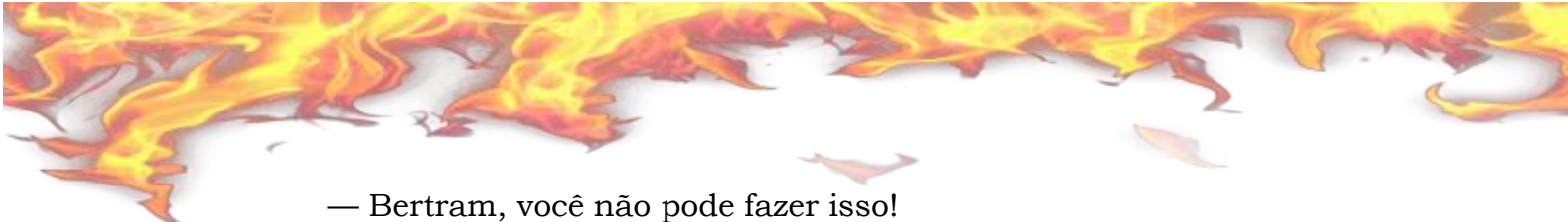
— Vá em frente e experimente. — Dai rosnou. Ele deu um passo mais perto de Virginia. — Você verá que existe algo ainda mais forte.

— Por pouco. — O olhar de Bertram se desviou de Dai para Virginia e vice-versa. Seus lábios se franziram como se tivesse chupado um limão.

— Isso é cansativo. Mas é um inconveniente, ao invés de uma obstrução. — Ele bateu seu dedo indicador pensativamente contra o queixo. — Ah, eu já sei. — Ele apontou para Dai, seu tom se transformando em formal. — Daifydd Drake, por direito de dominância, eu coloco uma restrição em você. Enquanto você estiver no meu território, você deve sair como você está agora.

— O quê? Vestindo jeans e uma T-shirt? — Por um momento, Virginia ficou perplexa. E então ela percebeu que Dai provavelmente não costumava lutar contra dragões com as próprias mãos.





— Bertram, você não pode fazer isso!

— Eu posso, e na verdade, eu vou. — Bertram inclinou a cabeça para Dai. — Não vou?

O rosto de Dai era inexpressivo, mas seus olhos verdes brilhavam com fúria.

— Você é dominante sobre mim. Mas não pense que isso significa que eu não vou socar a sua cara.

Bertram levantou uma sobrancelha para ele.

— A ameaça de alguém que não é um shifter dragão? Eu sugiro que seja prudente manter silêncio, pra deixar—me falar. — Ele lançou um olhar de lado para Virginia.

— A menos que você queira que eu ... fale.

Virginia tinha a sensação incômoda de que ela estava perdendo metade da conversa.

— O que isso deveria significar?

Dai cruzou os braços sobre o peito, os punhos cerrados, como se ele estivesse tendo que se conter fisicamente de dar um soco em Bertram.

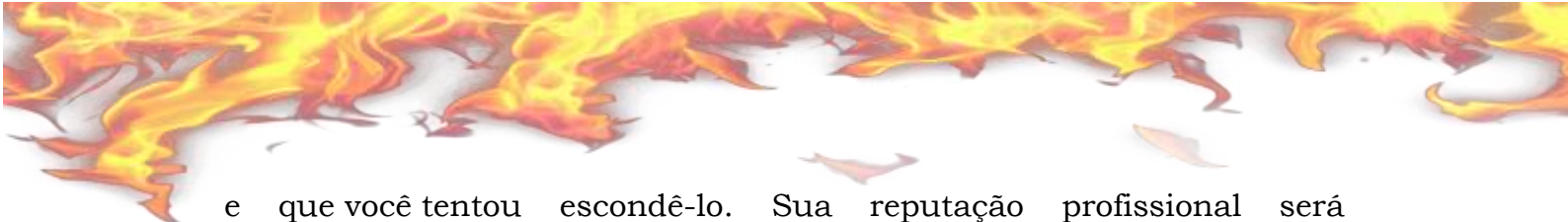
— Isso significa que nós temos que ouvi-lo.

— Bom menino. Estou tão feliz que tivemos esta pequena conversa. — Bertram enxotou Dai com um balançar de sua mão, virando-se para Virginia. — Talvez você se surpreenda, ao saber que eu vim fazer a você uma oferta muito gentil e generosa.

— Você pode enfiar a sua oferta na sua bunda inglesa. — Virginia disse com veemência.

— Não importa o que você tem contra Dai. Você perdeu, Bertram. Logo, o mundo inteiro vai saber que eu descobri o túmulo de Brithelm,





e que você tentou escondê-lo. Sua reputação profissional será arruinada.

— Isto é, claro, presumindo que o tumulto ainda esteja lá. — disse Bertram.

Virginia prendeu a respiração.

— Você não faria...

— Oh, acredite em mim, eu faria. — Diamantes brilhavam, enquanto Bertram ostensivamente consultava seu relógio.

— É agora 11:23 de domingo. O que pelos meus cálculos, me dá pelo menos vinte horas antes que você possa relatar seu achado às autoridades competentes. Enquanto isso, eu tenho uma equipe de construção inteira na perspectiva de um pagamento triplo, para trabalhar em um domingo. — Ele olhou contemplativamente para o teto. — Quanto concreto poderiam assentar em vinte horas, eu me pergunto?

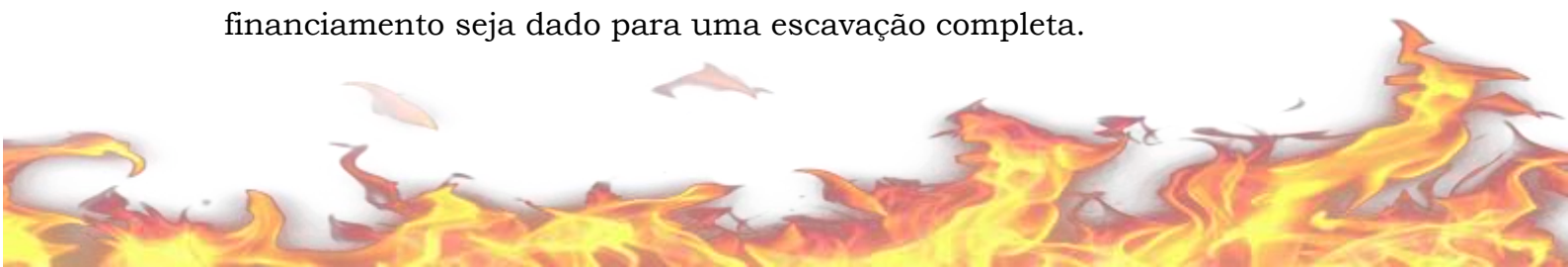
— E se Virginia lhe desse o artefato que encontrou? — disse Dai. — É disso o que se trata, não é?

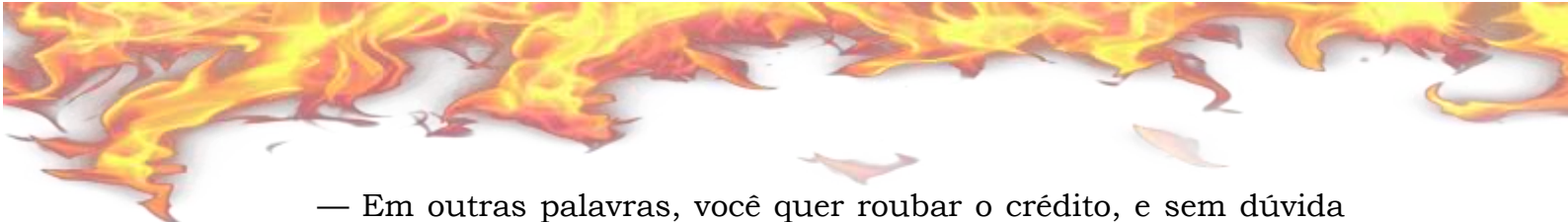
— Claro. — Bertram sorriu condescendente à Virginia. — Estou preparado para ser magnânimo. Vou trocar o artefato pelo resto do terreno.

— O quê? — Virginia olhou para ele. — Você quer dizer que me daria permissão para investigá-lo corretamente?

— Eu iria parar imediatamente o trabalho de construção, e como proprietário, dar a você pleno acesso à terra. — Bertram estendeu as mãos.

— Eu mesmo vou ajudá-la a proteger o local. Nós anunciaríamos a descoberta do local juntos. Minha reputação vai lhe dar pelo menos algum grau de credibilidade, o suficiente para se certificar de que um financiamento seja dado para uma escavação completa.





— Em outras palavras, você quer roubar o crédito, e sem dúvida nenhuma, outros artefatos valiosos também. — disse Virginia. — Dai me contou como gananciosos os dragões são.

— Ele contou. — disse Bertram. — Como é divertido. Sem dúvida isso é verdade, quando se tem apenas uma desculpa lamentável para um tesouro. — Ele lançou um olhar fulminante à Dai. — Eu, por outro lado, possuo tantos tesouros já, que eu teria que ser duramente pressionado para notar uma pilha a mais de insignificantes bens. Eu tenho um interesse pessoal na peça especial que você encontrou. Pertencia a um antepassado meu, e tem grande valor sentimental para a minha família.

— Valor sentimental. — Virginia bufou. — Certo! Nada a ver com o fato de que é um grande pedaço de....

— Ah! — Bertram levantou um dedo. — Se eu posso oferecer alguns conselhos, diria que seria sensato não discutir a peça em detalhes, na frente de seu pequeno ... amigo aqui.

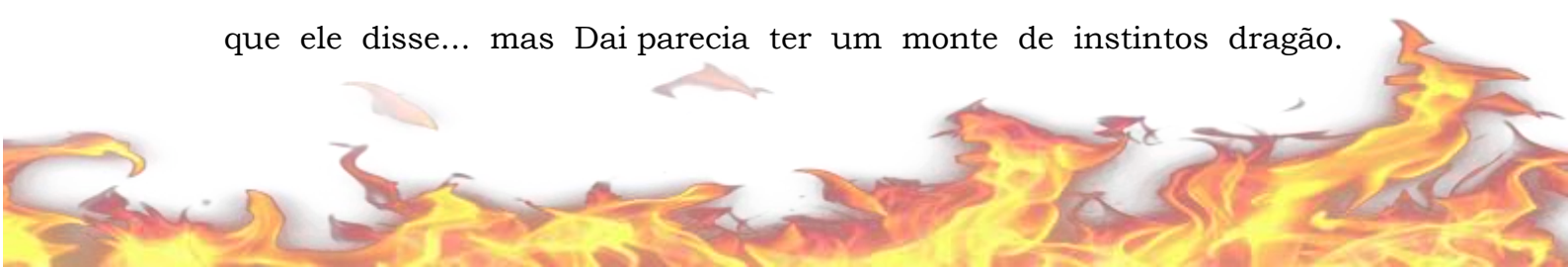
— Por que você está tão certo de que eu já não mostrei à ele? — Virginia perguntou.

Bertram sorriu.

— Porque ele não o listou como seu tesouro quando duelamos. E acredite em mim, se tivesse visto o artefato, ele estaria em sua posse imediatamente. Ele é dragão o suficiente para isso. — Ele se endireitou, se voltando para a porta.

— Você tem duas horas para aceitar a minha oferta. — disse ele por cima do ombro, enquanto saía do apartamento.

Virginia olhou para Dai, esperando que ele negasse a acusação de Bertram, mas ele evitou encontrar os seus olhos. Um pequeno formigamento de dúvida contorceu sua boca do estômago. Bertram era um mentiroso e um ladrão, e ela sabia que devia ignorar cada palavra que ele disse... mas Dai parecia ter um monte de instintos dragão.





Começou a suspeitar de que ele estava tentando esconder a extensão de sua herança dragão dela.

Sabia com certeza, até os ossos, que ela podia confiar nele com sua vida ... mas podia confiar nele com seu ouro?





Capítulo Oito

— Eu não sei, Dai. Talvez eu deva aceitar o acordo com Bertram.
— disse Virginia. Mesmo que Dai tenha tido o cuidado de acompanhar o seu ritmo, ela ainda estava com um pé atrás, como se estivesse tendo um segundo pensamento sobre segui-lo em tudo.

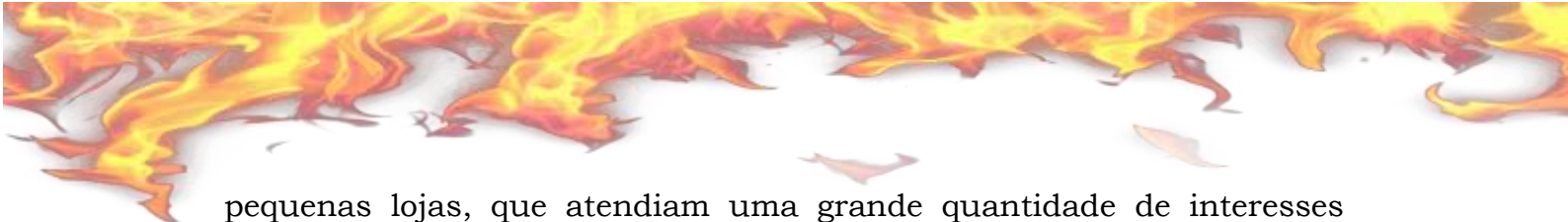
— Um artefato não vale a destruição de um terreno inteiro. E não importa quem receba o crédito pela descoberta, desde que o local seja preservado para estudo.

Dai desejou com toda a sua alma que ele pudesse suavizar a preocupação de seu rosto bonito, mas ele não sabia como fechar a distância que tinha se aberto entre eles, desde a visita de Bertram. Ela esteve quieta e reservada, desde que o outro shifter dragão os tinha deixado. A dúvida em seus olhos quando olhou para ele, rasgou o seu coração ao meio.

— Ele não se importa. — disse ele com firmeza. Com um leve toque em seu cotovelo, a guiou por uma viela tão estreita que os beirais das casas de cada lado quase os espremeram.

Eles estavam no coração da Lanes Brighton, um labirinto antigo. As ruas estreitas estavam cheias com uma gama eclética de





pequenas lojas, que atendiam uma grande quantidade de interesses específicos. De mapas de antiquário ao fetiche, tudo podia ser encontrado nas lojas.

E havia algumas empresas muito discretas, muito particulares, para um muito seletivo grupo de clientes shifters.

— É a sua descoberta. — disse à Virgínia, enquanto a guiava através do labirinto de ruas. Era uma rota tão familiar, que ele poderia encontrar o caminho na escuridão.

— Eu não vou deixar Bertram roubar o artefato ou o seu crédito.

Virginia balançou a cabeça em dúvida, com o rosto sombrio.

— Mas Bertram deixou claro que ele é superior. Dragão Top. — Ela soltou o fôlego. — Sem ofensa, mas sua ascendência dragão parece ser mais problemática do que útil no momento.

— Não é possível discordar de você. — Dai murmurou, fazendo seu dragão o atacar indignado.

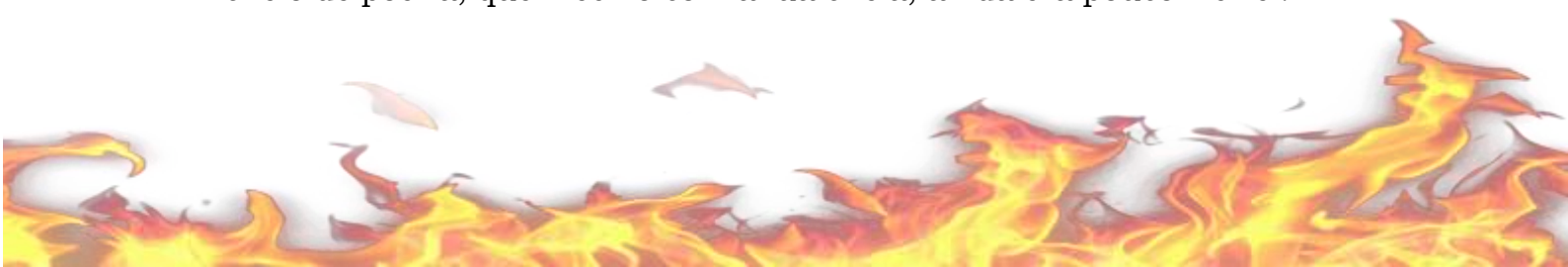
A besta estava tão agitada, quanto Virginia subjugada. O comando de Bertram não mudava o peso sobre o seu dragão, como grilhões de ferro. Ele se contorcia contra as restrições, mas não conseguia superar seu próprio respeito instintivo para um macho mais dominante. Raiva desenfreada começou a coçar a pele de Dai.

— Eu sei que você quer ajudar, e eu aprecio tudo o que você já fez. — Virginia continuou. — Mas eu não vejo o que você pode fazer agora. Bertram o deixou com as mãos atadas.

— Eu sei. — Dai parou em frente a uma porta preta de ferro, colocada em uma parede em branco.

— É por isso que eu trouxe você aqui.

Virginia olhou para o sinal sujo acima da porta. Ele estava tão cheio de poeira, que mesmo com a lua cheia, ainda era pouco visível.





— Para...um pub?

— Não é qualquer pub. — disse Dai. Ele bateu na porta com os nós dos dedos.

— Estamos fechados! — gritou uma voz de mulher lá de dentro.

— Não, você não está. — Dai chamou de volta. Ele não precisava de uma senha, mas isso era o suficiente para impedir a entrada aleatória de transeuntes.

A porta se abriu, revelando o rosto redondo de Rose, a proprietária do pub sorrindo.

— Ah, aí está você. — ela disse, acenando para eles entrarem.

Em contraste com exterior, o interior do pub era confortável, um confortável refúgio de mesas e cadeiras polidas de veludo.

— Todos os outros rapazes estão aqui. Eles estão esperando lá em cima. — Rose gentilmente olhou para Virgínia, que estava olhando em volta com uma expressão assustada.

— E você deve ser Virginia.

Embora Dai não tivesse dito nada mais do que o nome de Virginia, não havia como esconder nada de Rose. Ela examinou ambos os seus rostos por um segundo, e depois juntou as mãos gordas.

— Oh, Dai, estou tão feliz por você.

— Por quê? — Virginia perguntou, com um vinco aparecendo em sua testa.

Dai deu à Rose um olhar de advertência, mas ela apenas riu.

— Porque o nosso Dai nunca trouxe uma amiga com ele antes. — disse a Virginia.— E eu já posso dizer que você não aceita qualquer um de seus disparates.

Foi a vez de Dai franzir a testa.





— Que disparate?

— Que eu devo dizer... — Rose piscou para Virginia. — Que devo dizer, meu caro, quando tiver tempo. Nosso Dai é um belo rapaz, mas ele não nos ouve, por cisma.

— Eu não posso! — Dai protestou.

— Ah você, doce criança. — Rose deu um tapinha no seu braço, e em seguida, apontou para a parte de trás do pub. — Os rapazes estão na sala de fogo, é claro. Dê um grito se alguém quiser outra bebida. — Rose se dirigiu ao bar, chamando de volta por cima do ombro.

— Exceto, Chase!

Virginia deu um sorriso irônico para Dai, enquanto o seguia através da área do bar até a escada em direção aos quartos privados. O coração de Dai saltou. Era a primeira vez que ela sorria para ele, desde a visita de Bertram.

— Acho que este não é um pub comum. — disse ela.

— Não. — disse Dai, sorrindo. Ele abaixou a cabeça para evitar as vigas de carvalho. Para um pub shifter, A Lua Cheia tinha tetos inconvenientemente baixos.

— É para pessoas como eu.

— Caçadores de dragão? — Virginia perguntou.

— Entre outras coisas. — disse Dai.

— Dragões não são o único tipo de shifter. — Ele abriu a porta para a sala de Fogo.

— E eu quero que você conheça alguns deles.





Capítulo Nove

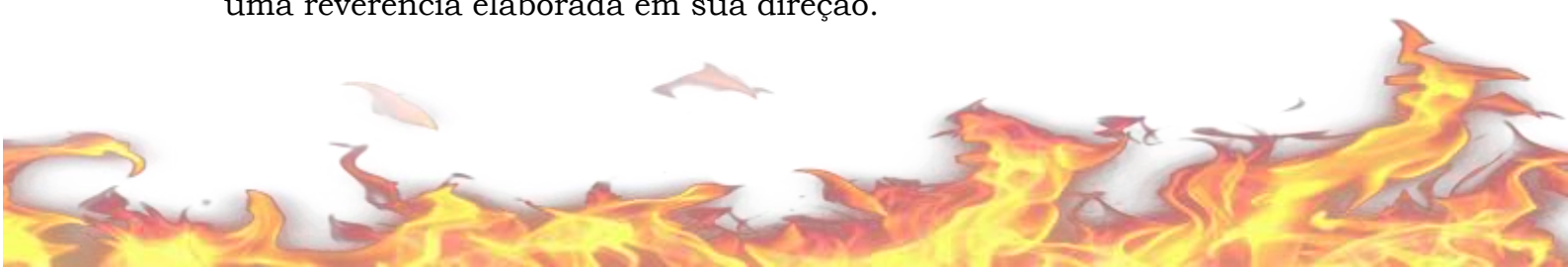
Meu Deus, Virginia pensou. Quantos músculos!

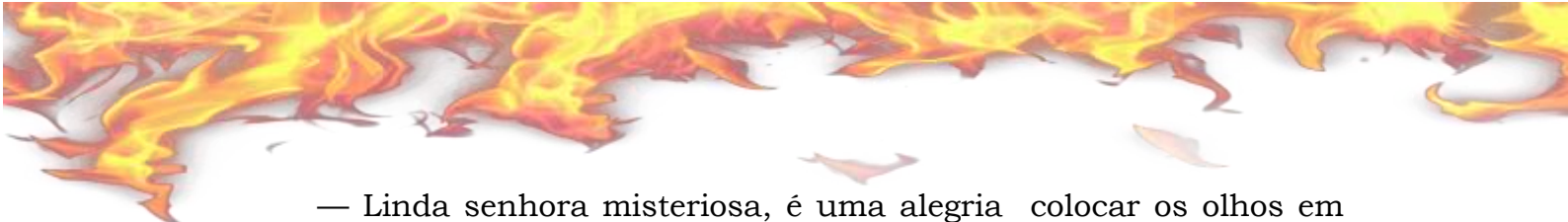
A pequena sala era decorada em tons ricos de vermelho e dourado, criando um espaço acolhedor e confortável, que teria sido perfeito para um jantar privado. Mas era totalmente inadequado para o grande volume que atualmente a ocupava. Cinco homens estavam amontoados em torno de uma mesa circular, seus amplos ombros curvados sobre suas bebidas. No momento que Virginia entrou no quarto, recebeu cinco pares de olhos interessados. Ela congelou sob o peso de tanta atenção.

— Dai! — Um homem com cabelo encaracolado preto pulou da cadeira, quase derrubando a bebida no colo do homem loiro sentado ao lado dele. Ele deu um soco em Dai de brincadeira no ombro, dando o maior sorriso que Virginia já tinha visto.

— Por que demorou tanto? — perguntou o homem com um forte sotaque irlandês. Seu brilhante olhar se voltou para Virginia, e seu sorriso se alargou ainda mais.

— Esqueça isso, a minha pergunta já foi respondida. — Ele fez uma reverência elaborada em sua direção.





— Linda senhora misteriosa, é uma alegria colocar os olhos em você. Se você precisar de alguma ajuda novamente à meia—noite, considere—me sempre ao seu serviço. Espero que tenha gostado....

— Chase. — Dai retumbou, e o homem menor se calou, ainda sorrindo.

Dai virou-se para Virginia.

— Esta é a minha equipe de bombeiros. — explicou. Havia algo estranhamente tímido em sua expressão, como se ele estivesse a apresentando para sua família.

— Meus amigos bombeiros. Virginia, este é Chase, o nosso motorista. Ele é quem me trouxe a roupa na noite passada.

— Nesse caso, obrigada. — disse Virginia para Chase, apertando a mão dele. Em outras circunstâncias, ela pensaria que ele era alto e musculoso, mas de pé ao lado Dai, ele parecia praticamente minúsculo.

— E obrigada por levar a tripulação para me ajudar tão rápido na noite passada. Qualquer minuto a mais e eu teria um grande problema.

Os olhos de Chase se iluminaram.

— O prazer é meu. É sempre bom conhecer alguém que aprecia a velocidade. Diga—me, você já quis fazer um passeio em um carro de bombeiros?

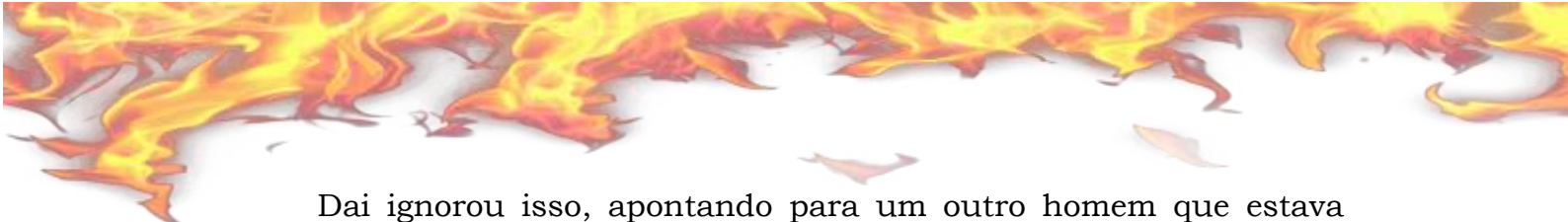
Dai deu um aperto firme no braço de Chase, o arrastando para longe.

— Não entre em qualquer veículo com ele. Nunca.

— Maldição. — disse Chase, quando Dai o colocou firmemente de volta na cadeira. Ele cruzou os braços com petulância.

— Foi apenas um pequeno acidente.





Dai ignorou isso, apontando para um outro homem que estava sentado em um canto da sala, um pouco além de todos os outros.

— Você já conheceu Hugh, é claro.

— Como eu poderia esquecer? — Virginia disse, reconhecendo o paramédico de cabelos prateados.

Agora que ela podia vê-lo corretamente, longe da confusão depois do incêndio, percebeu que ele não poderia ser mais velho do que Dai. Suas finas e elegantes características eram jovens e sem rugas, apesar de seu cabelo prematuramente branco.

— Estou feliz por ter a chance de conhecê-lo em melhores circunstâncias. — Atravessando a sala, ela estendeu a mão para ele.

— Obrigada por salvar a minha vida.

— Você é muito bem—vinda. — disse Hugh, se inclinando um pouco para trás. Seu tom era educado, mas seu sotaque Inglês não podia deixar de lembrar Virginia de Bertram. Ele não fez nenhum movimento para pegar a mão dela.

Dai gentilmente segurou seu pulso.

— Não é nada pessoal. Hugh não é exatamente um tipo de pessoa sociável.

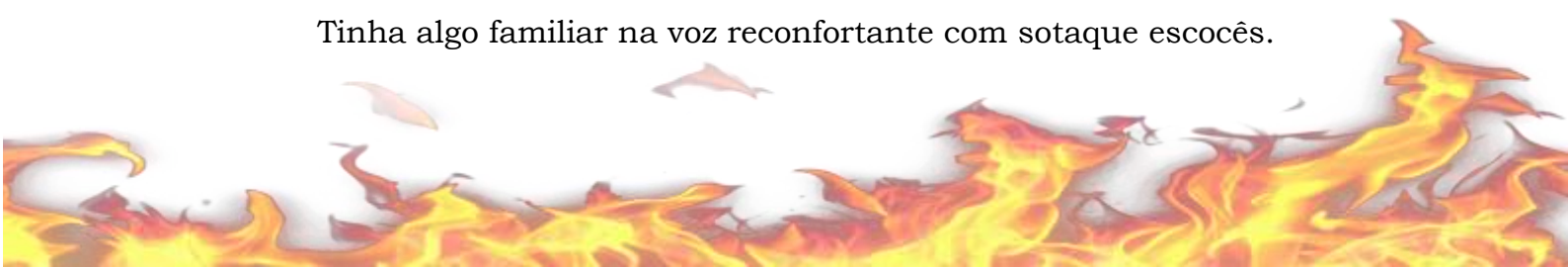
— Mas eu sou, então me deixe compensar a grosseria do meu colega. — disse um dos outros homens, levantando-se. Ele era atarracado, com uma juba de cabelo loiro desgrenhado adornando seu rosto.

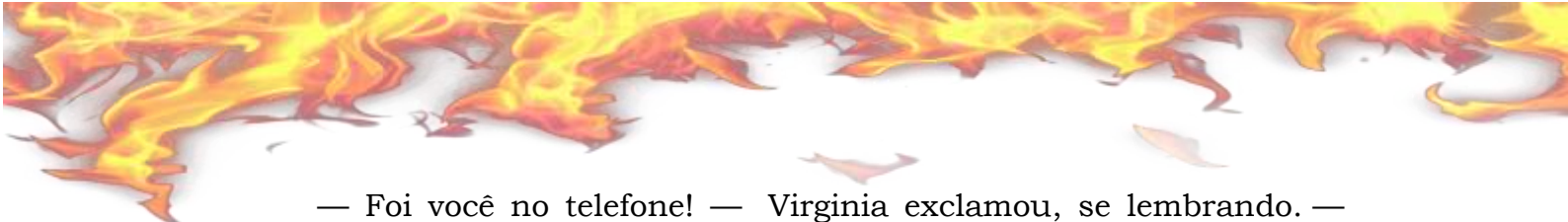
Sua mão ampla, calejada, envolveu Virginia em um aperto quente.

— Griff MacCormick. — ele se apresentou.

— Nós já nos conhecemos de certa forma, embora eu serei surpreendido se você se lembrar de mim.

Tinha algo familiar na voz reconfortante com sotaque escocês.





— Foi você no telefone! — Virginia exclamou, se lembrando. — Quando eu chamei os bombeiros! — Ela apertou a mão dele com gratidão, antes de soltá-la. — Você me falou o que fazer, e me manteve calma, enquanto eu estava à espera do resgate.

— Ah, não foi muito trabalho para mim, com uma senhora tão valente como você do outro lado da linha. — Griff sorriu para ela, linhas de riso enrugando em torno de seus olhos castanho dourado.

— Eu nunca ouvi ninguém descrever um dragão tão completamente.

— Eu acho que eu estava em choque. — Virginia admitiu.

— E este é John Doe. — Dai disse, continuando as apresentações.

Virginia virou-se e deu um passo involuntário para trás, quando ela foi confrontada por uma parede sólida de músculos. Dai poderia fazer Chase parecer minúsculo, mas o homem que tinha acabado de se levantar, fazia Dai parecer minúsculo.

— John Doe? — ela disse, olhando o homem impressionante. — Mesmo?

— Disseram—me que é tradicional o uso de nomes entre o seu povo. — A voz do gigante era tão profunda, que praticamente vibrava os ossos de Virginia. Ele tinha que manter a cabeça inclinada até mesmo no quarto. Apesar de seu tamanho, ele tinha um rosto bonito, inteligente, com olhos azuis profundos, que perfeitamente se adaptavam à sombra de seu cabelo longo, trançado.

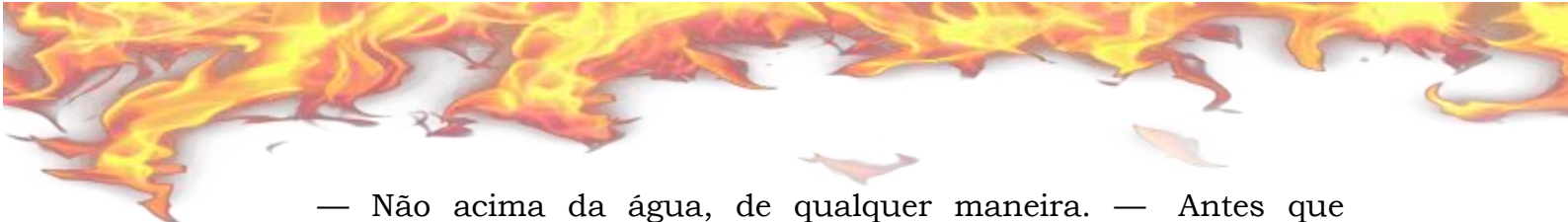
— Eu temo que meu verdadeiro nome seja impronunciável.

Virginia não pôde deixar de engolir a isca.

— Falo sete línguas, quatro delas extintas. Teste — me.

— Na verdade, mesmo John não pode pronunciar seu próprio nome. — disse Dai.





— Não acima da água, de qualquer maneira. — Antes que Virginia pudesse perguntar o que ele quis dizer com isso, Dai apontou para o homem final, que estava sentado em silêncio, observando todas as outras apresentações.

— E por último, mas não menos importante, o comandante Ash.

Agora eu sei o que as pessoas querem dizer, quando falam sobre as pessoas que são almas antigas.

Um arrepio percorreu a espinha de Virginia, enquanto reconhecia a calma do comandante, avaliando seu olhar. Ash não poderia ser mais que dez anos mais velho que ela, mas tinha a sensação de algo antigo percorria por trás daqueles olhos escuros. Ele a fez se sentir estranhamente pequena, ainda mais do que John tinha feito.

— Senhor. — disse ela respeitosamente. Olhou para os cinco homens, todos diferentes, mas poderosos em sua própria maneira.

— Então ... você todos são caçadores de dragões também?

Todos os cinco homens olharam para ela por um momento. Então, em perfeita harmonia, eles olharam para Dai.





Capítulo Dez

— Caçadores...de dragões? — disse John.

— *Basta concordar com ela.* — Dai disse mentalmente a todos eles. Normalmente, ele não poderia fazer cinco ligações mentais simultaneamente, mas o pânico lhe deu força.

— *Eu sei que é uma simplificação exagerada, mas...*

Chase bufou.

— Simplificação é uma espécie de eufemismo do século.

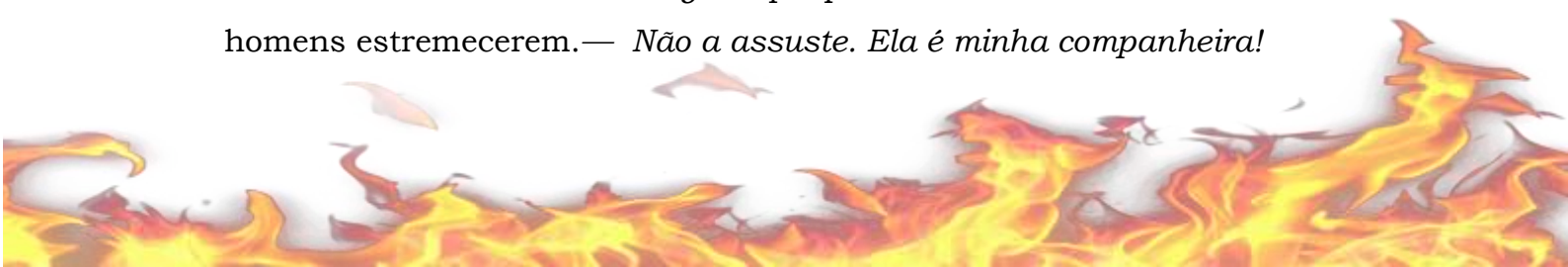
— Quer dizer que é mais complicado? — Virginia disse, compreendendo que ele estava respondendo a ela.

— Vocês caçam outros shifters, então? Dai mencionou algo sobre isso, um momento atrás.

Griff estava balançando a cabeça.

— Eu não sei o que Dai disse, mas....

— *POR FAVOR!*— O grito psíquico de Dai fez os outros cinco homens estremecerem.— *Não a assuste. Ela é minha companheira!*





Houve uma pausa momentânea.

Então Chase soltou um grito.

— Uh, desculpe. — disse ele, quando Virginia olhou para ele.

— Eu só pensei em algo engraçado.

— Ok. — Virginia disse, se afastando dele um pouco. Ela voltou para Griff. — O que você estava dizendo?

— Eu...uh. — Griff deu a Dai um olhar, que dizia que ele tinha um monte de explicações a dar mais tarde. — Eu...não chamaria exatamente de caçadores. — Ele limpou a garganta, recuperando um pouco de sua desenvoltura habitual.

— Mas nós somos especializados em incidentes de manipulação, relacionados com shifters.

— Estou curioso. — disse Hugh para Virginia. Seus olhos azuis se estreitaram. — O que exatamente Dai lhe disse sobre shifters?

— Não muito. — disse Virginia. — Nós conversamos principalmente sobre dragões, por razões óbvias. Sobre como eles são cruéis e gananciosos, impulsionados por instintos animais.

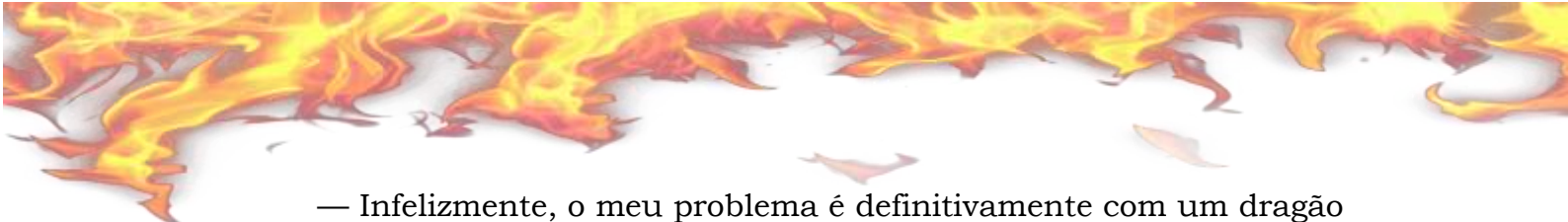
— Sim. — disse Chase solenemente, lutando claramente contra um sorriso.

— Sim, eles são definitivamente. Bastardos totais, todos eles. — John fez um barulho em algum lugar entre uma tosse e um grunhido, e Chase acrescentou rapidamente.

— Apenas dragões de fogo, embora, é claro. Dragões do mar são majestosos, nobres e nunca sequer pensam em atingir alguém menor.

— Hum...certo. — Virginia tinha claramente desistido de tentar entender qualquer coisa que Chase dissesse.





— Infelizmente, o meu problema é definitivamente com um dragão de fogo. A pessoa que começou o fogo do qual vocês me resgataram. — Sua boca se torceu. — Eu realmente não gosto de dragões.

Cinco olhares fascinados caíram sobre Dai novamente. Ele se mexia desconfortavelmente na cadeira.

— *Ela não sabe que eu sou um shifter.* — mandou em voz mental.

— O que?! — Griff exclamou em voz alta. John disse algo em sua própria língua, que foi provavelmente o equivalente.

— Como eu pensei. — Hugh murmurou em sua bebida.

— *Meu amigo, você está totalmente fodido.* — Chase enviou. — *E não no bom sentido. O que você estava pensando ?*

— Uh... — Virginia disse, obviamente perplexa com as expressões de todo mundo.

— Eu disse algo errado?

— Não. — disse o comandante Ash.

— Você não disse. — Dai se encolheu, sentindo-se com cerca de duas polegadas de altura, quando Ash se inclinou para frente, cruzando as mãos sobre a mesa. — Mas parece Dai tem negligenciado alguns fatos importantes. Em primeiro lugar, nós somos shifters.

— Shifters de verdade?— Virginia recuou um pouco. — Não apenas descendentes deles, como Dai?

— *O que em nome de Deus você disse a ela?* — Chase mentalmente exigiu de Dai. — *Se eu soubesse que você estava mentindo para transar, eu não teria ajudado.* — Pela primeira vez, ele realmente parecia completamente sério.

— *Isso é muito imprudente e desonroso.* — A voz sonora de John minando a de Chase. Seu rosto estava definido em uma máscara de desaprovação. — *Eu não posso participar de sua mentira.*





A comunicação telepática estava dando dor de cabeça em Dai.

— *Eu ia dizer a ela quando eu encontrasse o momento certo.* — disse ele, tendo problemas para manter todas as conversas em linha reta. Ele apontou para John, na esperança de evitar quaisquer perguntas mais embaraçosas.

— John aqui é outro shifter dragão, mas um tipo diferente de dragão. Ele é um dragão do mar.

— Oh. — disse Virginia, sua ousadia habitual subjugada. Ela olhou John de cima a baixo, ou melhor, para cima e mais para cima.

— Hum. Majestoso e nobre, não é?

Um pequeno sorriso rachou o rosto severo de John.

— Nós gostamos de pensar assim. — disse ele. Inclinou a cabeça, com aros de ouro brilhando até a borda de sua orelha esquerda.

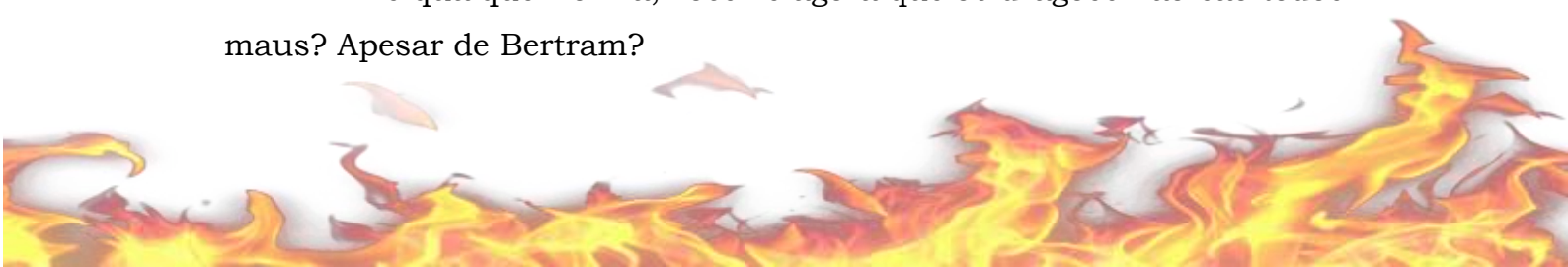
— Embora, na minha perspectiva, eu sou realmente um shifter humano. Meu povo vive nas profundezas dos oceanos. Nascemos como dragões, e morremos como dragões. Muito poucos de nós já andaram na terra.

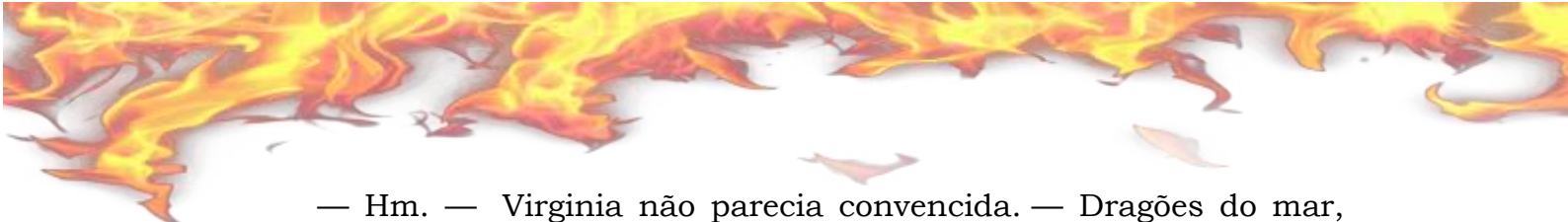
Como Dai esperava, a curiosidade de Virginia superou sua apreensão. Ela se inclinou para frente ansiosamente, seus olhos castanhos acesos com interesse profissional.

— Você tem sua própria cultura? Totalmente separada de qualquer cultura humana? Como....

— Tenho certeza que John gostaria de dizer-lhe tudo sobre o seu povo, mas vai ter que esperar por uma hora mais propícia. — disse Dai. Interiormente, um vislumbre de esperança cresceu nele. Se ela estava interessada em dragões, talvez não o odiasse quando revelasse que ele era um deles.

— De qualquer forma, você vê agora que os dragões não são todos maus? Apesar de Bertram?





— Hm. — Virginia não parecia convencida. — Dragões do mar, talvez. — Ela olhou ao redor da mesa de novo.

— De alguma forma, eu estou supondo que nem todos são dragões do mar.

— Não. — disse Griff, sorrindo. — Minha mãe é um shifter água. — Virginia abriu a boca, mas Griff já estava se movendo suavemente, não deixando nenhuma oportunidade para perguntas.

— Comandante Ash é uma Fênix. E Chase é....

— Ooh, ooh, deixe-me.... — disse Chase, saltando de sua cadeira. Ele fez uma pose dramática, como se estivesse prestes a recitar um monólogo de Shakespeare. — Afinal, como pode meras palavras transmitir a minha glória?

— Não aqui, Chase! — Dai gritou ... mas já era tarde demais.

A sala estava lotada o suficiente antes. Adicionar um garanhão, não melhorava a situação.

John agarrou a mesa para que não virarasse, enquanto Hugh e Griff esmagaram-se contra a parede. Dai cercou Virginia com os braços, tentando mantê-la longe dos cascos de Chase.

— Meu Deus. — Virginia respirava. Ela estendeu a mão para o pescoço preto azulado reluzente de Chase. Ele flertou com a cabeça, orelhas em pé, claramente satisfeito com si mesmo.

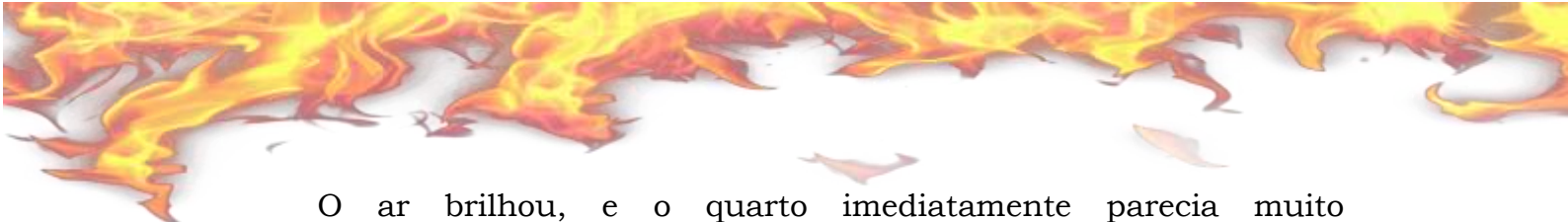
— Você é um cavalo.

Chase deu um bufo indignado. Virginia ficou de boca aberta quando ele abriu as asas.

— Suficiente! — Dai bateu em Chase.

— Ela entendeu o ponto. Você é um bonito pônei. Agora mude de volta, antes de destruir o lugar.





O ar brilhou, e o quarto imediatamente parecia muito maior. Chase ajustou o paletó, um sorriso impertinente no rosto. Ele piscou para Virginia, quando ele se sentou novamente.

Virginia afundou em sua própria cadeira, como se os seus joelhos não fossem aguentar.

— E... você é uma Fênix? — ela disse para Ash, sua voz tremendo um pouco.

— O Fênix. — Ash corrigiu—a, seu tom de voz suave. — Perdoe—me se eu não demonstrar.

— Uh...certo. É claro.— Sacudindo a cabeça como se ainda estivesse em descrença sobre o que ela tinha acabado de ver, Virginia virou-se para Hugh.

— E você é...?

— Privado. — Hugh disse, sem rodeios.

Dai pigarreou, quebrando a pausa constrangedora.

— De qualquer forma, todos aqui tem talentos especiais. Entre nós, estou certo de que podemos lidar com Bertram.

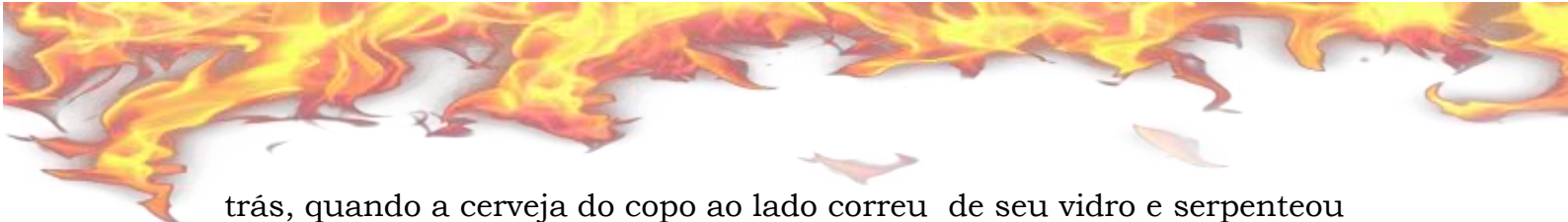
Ele rapidamente delineou os acontecimentos do último dia. Bem, a maioria dos eventos para o resto da tripulação, explicando sobre os detalhes da ameaça de Bertram.

— Então vocês entendem? A primeira coisa que temos a fazer é proteger o local, de modo que Bertram não possa destruí—lo. — completou. Ele se virou para John. — Como as nuvens estão se sentindo hoje?

— Nuvens? — disse Virginia.

— Eu tenho uma afinidade com a água em todas as suas formas. — disse John para ela. Ele estendeu a mão, cantarolando uma frase curta sob sua respiração. Virginia engasgou, empurrando as mãos para





trás, quando a cerveja do copo ao lado correu de seu vidro e serpenteou sobre a mesa, para enrolar como um gatinho na palma da mão do dragão do mar.

Griff olhou melancolicamente para seu copo agora vazio.

— Eu estava bebendo isso.

— Minhas desculpas, irmão. — John sacudiu os dedos, devolvendo o líquido ordenadamente de volta para o copo de Griff. Ele olhou para Dai.

— Em resposta à sua pergunta, quando eu canto ao céu o seu canto, nem uma única gota deve ficar com raiva.

— Você pode controlar o tempo? — Virginia disse, parecendo impressionada.

— Não, eu apenas falo com ele. — John encolheu os ombros. — Mas as nuvens são apenas água com vontade de viajar, e muitas vezes querem o prazer de ouvir uma voz de casa. — Seus dentes brilharam em um sorriso selvagem. — Mas você pode esperar que elas se tornem muito, muito molhadas de fato.

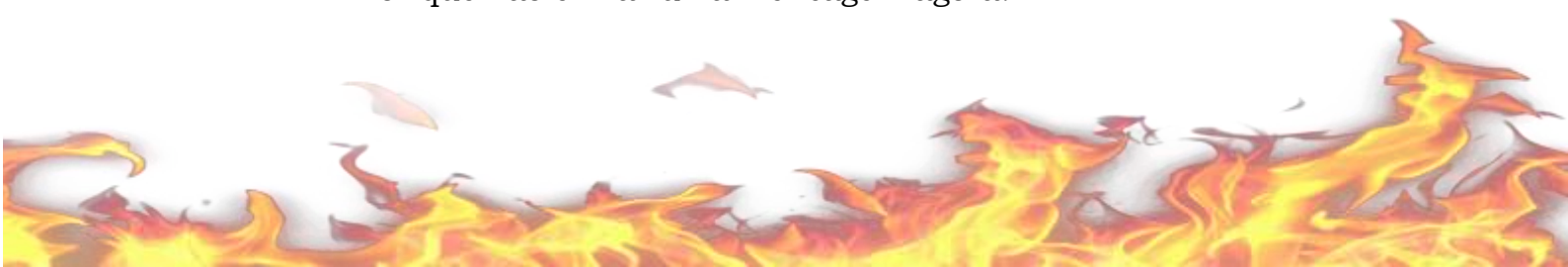
— O que deve parar os funcionários de Bertram, pelo menos por hoje. — disse Dai. Ele olhou para Virginia. — Você disse que pode relatar a descoberta amanhã?

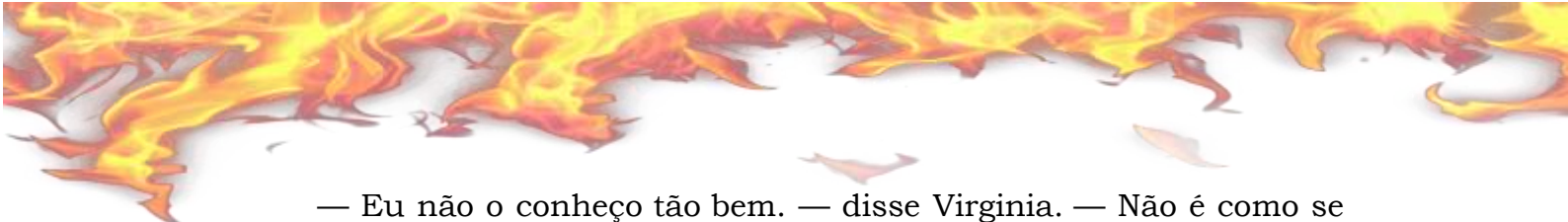
Ela assentiu com a cabeça.

— Assim que os meus colegas em Londres estiverem de volta ao trabalho. Uma descoberta dessa magnitude precisa ir direto para o topo, ao Chefe do regime de Antiguidades no Museu Britânico. Eu o conheci antes, então ele deve acreditar em mim. Ele vai ter a autoridade para parar as obras de Bertram.

— Por que esperar até amanhã? — Chase perguntou.

— Por que não enviar uma mensagem agora?





— Eu não o conheço tão bem. — disse Virginia. — Não é como se eu tivesse seu número de telefone privado ou qualquer coisa assim.

Chase sorriu preguiçosamente.

— Eu não estava pensando em um telefonema. Mais como uma mensagem pessoal. — Ele levantou uma sobrancelha para o Comandante Ash.

— Você pode me liberar?

— Você não está de plantão até terça—feira, de qualquer maneira.
— Ash respondeu.

— Você pode encontrá-lo?

— Eu posso encontrar qualquer pessoa. — disse Chase, com total confiança. Ele inclinou a cabeça em direção à Virginia. — Se esta senhora encantadora escrever uma nota, eu vou pessoalmente colocá-la nas mãos do Chefe Escavador Superior na hora do jantar.

Um canto da boca de Virginia curvou-se para cima.

— Ok, agora eu sei o que colocar como título no meu próximo cartão. Virginia Jones, Escavadora Superior .

Ela pegou um bloco e uma caneta do bolso do casaco e começou a rabiscar, ainda parecendo divertida. Pela primeira vez, Dai estava grato pelas palhaçadas de Chase, se ele poderia colocar um sorriso no rosto de Virginia.

— Griff. — disse ele, se voltando para o despachante.

— Você pode falar com alguns de seus contatos, ver se alguém sabe alguma coisa útil sobre o shifter dragão? Eu realmente gostaria de manter o controle sobre onde ele está e o que ele está fazendo.

Griff assentiu.





— Eu sei de alguns shifters na polícia. Se eu soltar alguns indícios de que ele estava envolvido no incêndio na noite passada, é até capaz dele ser levado. Qual o nome de novo?

— Bertram Russell. — Virginia forneceu, arrancando sua nota e entregando a Chase. — Mas tenha cuidado. Sua família é rica e poderosa o suficiente para causar problemas. Eles são donos do Development Group Russell.

Chase assobiou.

— RDG? Isso não é pequeno. Não me admira que ele superou o seu tesouro Dai.

— Obrigado por lembrar isso. — Dai murmurou, quando seu dragão rosnou com a memória. — Mas isso nos traz para a parte final do meu plano. — Ele respirou fundo, a vergonha do seu dragão por ter sido forçado a se submeter, ampliando sua própria vergonha, por ter de pedir esse tipo de ajuda. — Comandante. — Dai disse, não sendo capaz de encontrar os olhos de Ash. — Ele não é como os nossos dragões desonestos habituais, que podem lutar livremente. Ele me desafiou, de acordo com o costume dragão. E ... — Sua garganta apertou com as palavras, mas ele as forçou para fora.

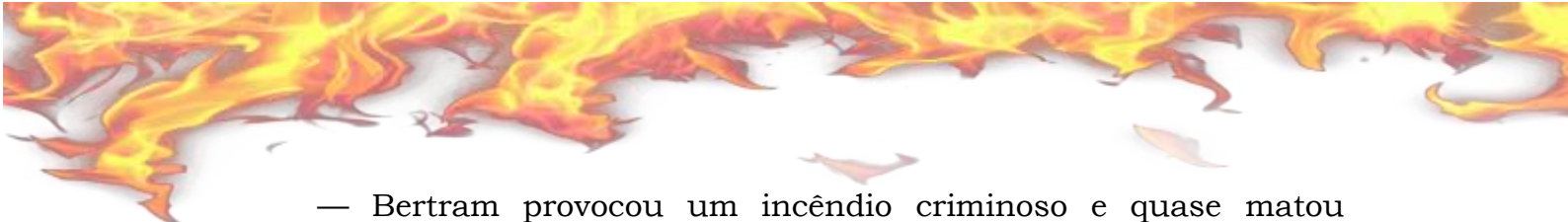
— Ele ganhou.

— Não foi uma luta justa. — disse Virgínia, e uma pequena parte da angústia de Dai foi embora com sua defesa dele. Ela cruzou os braços sobre o peito, carrancuda. — Sua família acabou de comprar um monte de bugigangas, e ele roubou o resto de sítios arqueológicos. Ele não deve ter qualquer poder sobre você, Dai.

— Infelizmente, por lei dragão ele tem. — Ash disse calmamente. Ele considerou Dai em silêncio por um momento, sua expressão ilegível.

— Você sabe que a minha liberdade para intervir é bem restrita.





— Bertram provocou um incêndio criminoso e quase matou alguém no processo. — disse Dai. — Isso não o coloca sob seu domínio?

Ash juntou os dedos.

— No calor do momento, sim. — disse ele. Dai não poderia dizer se o trocadilho foi deliberado. Ele nunca tinha sido capaz de decidir se o comandante tinha ou não um senso de humor.

— Mas o evento já passou, e ele não parece ser uma ameaça imediata. Não posso pecar na jurisdição dos dragões.

Virginia olhando de Dai para Ash, tentando seguir o que estava acontecendo.

— Então você não pode fazer nada sobre Bertram?

Ash sacudiu a cabeça lentamente.

— Não enquanto ele mantiver a paz. Se ele fisicamente atacar novamente, será uma questão diferente. Vamos esperar que não chegue a isso. — Ele olhou para Dai. — Mas se acontecer, eu estarei lá.

— Todos nós. — retumbou John, sobre murmúrios gerais de assentimento.

— Existe alguma coisa em particular que você precisa de mim? — Hugh perguntou a Dai.

Dai sacudiu a cabeça.

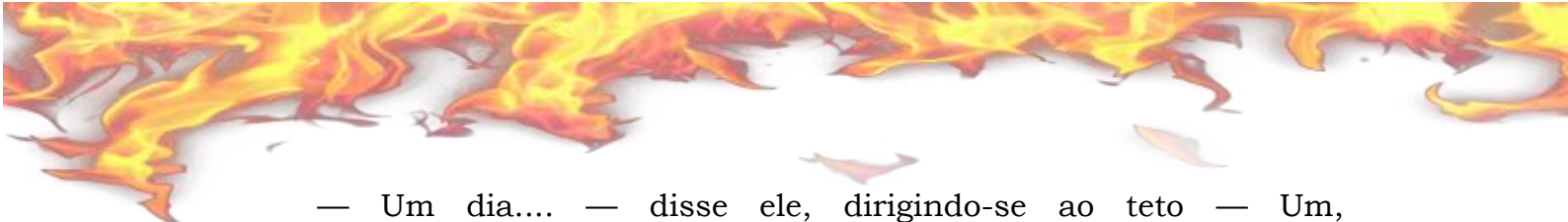
— Não no momento.

— Espere, sim, há! — Virginia interrompeu, se sentando ereta. Ela cutucou Dai no braço, o encarando. — Ou você esqueceu o enorme buraco em seu ombro?

— Não é nada. — Dai disse apressadamente, quando o comandante Ash levantou uma sobrancelha em sua direção. — Ela está exagerando. Estou bem, honestamente.

Hugh suspirou.





— Um dia.... — disse ele, dirigindo-se ao teto — Um, apenas um dos meus colegas, poderão finalmente entender a diferença sutil entre heroísmo e estupidez. — Ele se levantou graciosamente de sua cadeira, pegando um pacote selado do bolso interno do paletó. Rasgou, extraiu um par de luvas cirúrgicas, e as colocou nas mãos.

— Deixe-me ver, então.

Dai puxou a camiseta sobre a cabeça, e ficou mais do que um pouco satisfeito pela ingestão macia e involuntária de ar que Virginia fez. Ele virou as costas para Hugh, para que o paramédico pudesse retirar as bandagens.

— Mm. — disse Hugh. Dai fez uma careta quando os dedos enluvados do paramédico levemente sondaram a ferida.

— Para referência futura, Dai, 'bem' é uma descrição apropriada, quando não se tem um buraco grave no músculo. — Houve um farfalhar, enquanto Hugh tirava uma de suas luvas.

— Agora fique parado.

Dai sentiu a palma da mão do paramédico tocar sua pele, mas apenas por um breve momento. Hugh agarrou a mão com uma maldição.

— Algo errado? — Dai perguntou com preocupação. Hugh tinha mostrado desconforto ao curá-lo antes, mas nunca tão veementemente.

— Só fui pego de surpresa. — disse Hugh com os dentes cerrados. Ele estava segurando seu pulso como se ele tivesse colocado a mão em um fogão quente. Seu olhar aflito se moveu rapidamente para Virginia.

— Ainda que eu devesse ter imaginado. — Apertando sua mandíbula, ele colocou a palma da mão atrás sobre a ferida de Dai. — Agora segure.





Um calor familiar se espalhou através dos músculos de Dai, quando Hugh fez... o que quer que fosse que ele fazia. Apesar de seus anos trabalhando juntos, Dai ainda não tinha idéia de como o talento de Hugh acontecia, ou mesmo que tipo de shifter ele era. Ainda assim, mesmo misterioso, ele era certamente eficaz. Em menos de um minuto, a palpitante dor da ferida havia se transformado em apenas uma leve pontada.

— Isso terá que servir. — disse Hugh, parecendo insatisfeito. Ele recuou, tirando um pequeno pacote de toalhas desinfectantes e começando a limpar as mãos.

— Por favor, tente não se machucar de novo. Por mim.

Virginia tocou o ombro de Dai, enviando um tipo muito diferente de calor por seu corpo.

— Está quase completamente curado. — Ela se virou para Hugh, com os olhos arregalados de espanto.

— O que....

— Senhores, vocês têm as suas tarefas. — Ash interrompeu, levantando-se. Cadeiras raspam o chão, quando o resto da equipe reflexivamente se levantou também. Dai incluído.

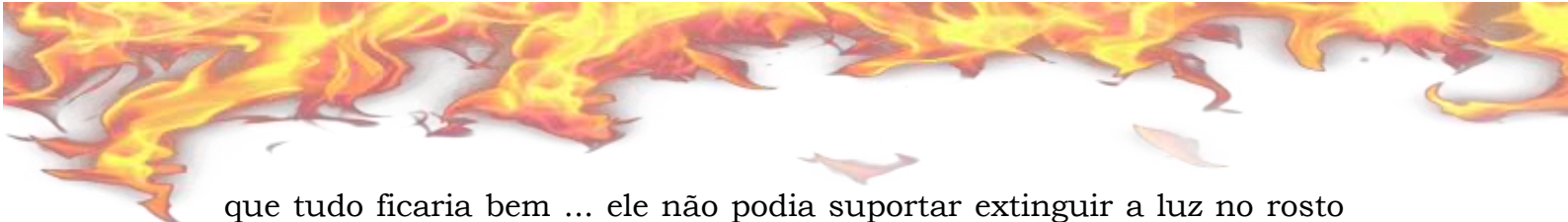
— Vamos todos cuidar delas. — Seus olhos penetrantes repousaram sobre Dai por um momento mais longo do que era confortável.

— E Daifydd, você não negligencie a sua. — Com um pequeno aceno para Virginia, ele saiu.

— O que ele quis dizer com isso?— Virginia perguntou a Dai, quando os outros saíram depois de Ash.

Culpa enrolou as entranhas de Dai. Ele sabia *exatamente* o que Ash tinha dito. Mas Virginia parecia tão feliz, finalmente percebendo





que tudo ficaria bem ... ele não podia suportar extinguir a luz no rosto dela, tão cedo.

— Meu trabalho é cuidar de você. — disse ele, odiando-se por mais uma meia verdade. — Nós ainda temos que passar por hoje. Eu não vou sair do seu lado.

— Bom. — O olhar de Virginia caiu para seu peito nu, e seus lábios macios se curvaram em um sorriso malicioso. — Eu tenho certeza que vamos pensar em alguma coisa para fazer.





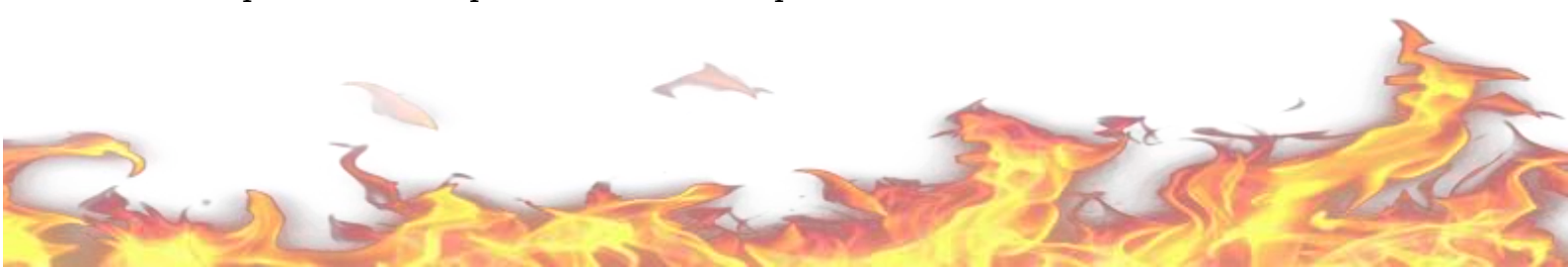
Capítulo Onze

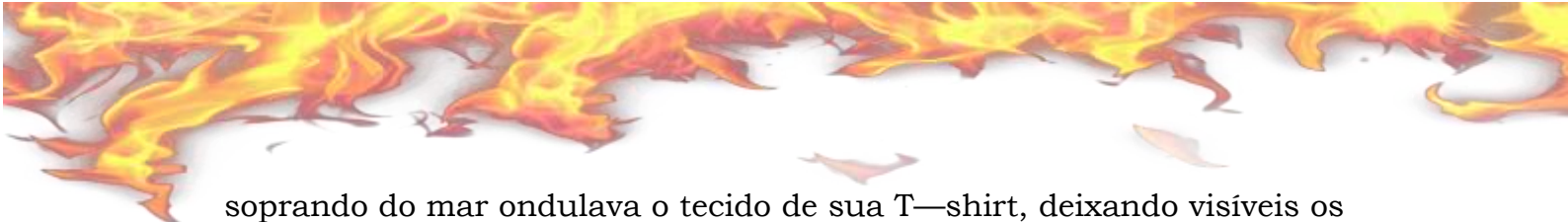
Quando eu disse que teríamos de encontrar algo para fazer, — Virginia pensou, — eu não quis dizer exatamente uma caminhada pelo litoral.

Em qualquer outro momento, Virginia teria apreciado a caminhada ao longo da avenida. Ela não passou muito tempo na cidade ao longo das últimas semanas. Estava muito ocupada com caminhadas para a zona rural nas proximidades, procurando o local do túmulo de Brithelm. O mar juntamente com a grandeza desbotada dos antigos edifícios vitorianos, compunham um cenário imponente para as bancas alegres e para os parques de diversão que se alinhavam pela praia. Certamente valia à pena uma visita. E, infelizmente, Dai parecia preferir um longo e agradável passeio.

Se alguém tivesse me dito há alguns dias atrás que eu estaria sendo guiada através de uma das principais atrações turísticas de Brighton por um homem extremamente atraente, eu não teria acreditado.

Virginia suspirou. Ela assistiu os músculos na parte superior do braço de Dai se movimentarem, enquanto ele gesticulava no cais, apenas meio que ouvindo sua palestra sobre a história. A brisa





soprando do mar ondulava o tecido de sua T—shirt, deixando visíveis os duros músculos de seu peito.

E se eles me dissessem que eu estaria aproveitando, eu teria rido na sua cara.

O problema era que Dai não parecia estar se divertindo tanto. Seu passo era um pouco rápido demais, constante, enquanto seu monólogo contínuo nunca dava a ela uma chance de pronunciar uma palavra em resposta. Virginia teve a sensação de que Dai a estava levando nessa caminhada, não porque ele queria compartilhar sua cidade ... mas porque ele não queria ficar sozinho com ela.

Depois que a equipe de bombeiros de Dai tinha oferecido a sua ajuda para pegar Bertram, Virginia sentiu como se um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros. Ela até se atreveu a começar a pensar além dos próximos dias. No pub acolhedor, com Dai ao seu lado, se sentiu tão em casa, que teve um breve, louco devaneio, que talvez isso poderia ser o início de algo mais.

Se eles parassem Bertram antes de destruir o local e ela recebesse o financiamento para uma escavação adequada, poderia se instalar em Brighton durante os próximos meses. Anos até, se o terreno fosse tão significativo quanto suspeitava. Ela e Dai poderiam conhecer um ao outro adequadamente. E se jogasse suas cartas direito, poderia ser capaz de usar a notoriedade acadêmica resultante disto, para obter o seu emprego dos sonhos no Museu Britânico. E se ela conseguisse isso ... talvez os dois pudessem ter um futuro juntos.

Claro, havia um monte de “ses”, mas por um momento, tudo parecia ser possível. Quando saíram, ela tentou pegar a mão de Dai, e ele saltou para a porta tão rápido, que parecia que tinha levado um choque. Desde então, Virginia tentou um par de vezes tocar casualmente seu braço, mas ele sempre a evitou, casualmente se afastando, a fim de apontar um edifício interessante, uma vista





encantadora, ou uma gaivota voando. Por alguma razão, ele definitivamente queria manter distância.

Virginia forçou-se a desviar o olhar do perfil de Dai. Não havia nenhum bem em se atormentar com memórias dela correndo as mãos pelo seu cabelo vermelho ouro, ou a sensação daqueles lábios nos dela.

A noite passada, não necessariamente significou algo. Nós dois estávamos no alto da adrenalina e estresse. Era apenas um sentimento pós—traumático. Conforto com sexo, isso é tudo.

Ela olhou para a praia, empurrando algumas conchas do mar com a ponta da bota.

Aposto que isso acontece com ele o tempo todo. Ele deve resgatar um monte de mulheres de incêndios e dragões. Ele é um cara bom, deve sempre tentar afastá-las sem ferir seus sentimentos.

Bem, ela não ia se agarrar a ele como uma donzela em perigo estúpida, chorando e implorando para que ele a amasse. Tinha seu orgulho. Virginia endireitou as costas, impiedosamente esmagando seu desapontamento.

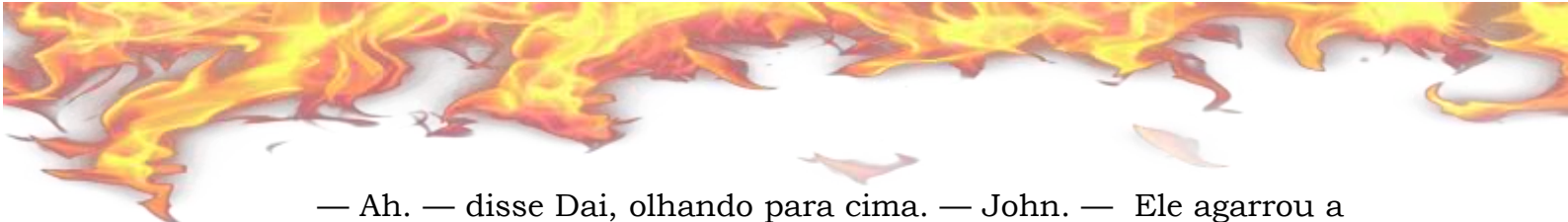
Estou prestes a anunciar a maior descoberta de tesouro de Sutton Hoo. Eu não tenho tempo para me envolver com algum bombeiro/caçador de dragão, não importa o quão quente ele seja. Ou doce, ou corajoso, ou...

Um estrondo de trovão quebrou seu inútil pensamento. O céu estava escurecendo com nuvens negras ameaçadoras, vindo do mar tão rapidamente, que parecia efeito especial.

— Huh. — disse Virginia, interrompendo o monólogo de Dai sobre erosão costeira. Ela protegeu os olhos quando o vento aumentou. Ao longo de toda a praia, as pessoas estavam às pressas dobrando cadeiras e embalagens de piquenique.

— Essa tempestade com certeza está chegando rápido.





— Ah. — disse Dai, olhando para cima. — John. — Ele agarrou a mão dela, e toda a determinação de Virginia em não se deixar apaixonar por ele, virou fumaça no calor de seu toque.

— Corre!

— Por que... Virginia começou, e em seguida, a chuva veio.

Era como se alguém tivesse pego metade do mar em um balde e o derramasse sobre a cidade. Os pingos de chuva desciam tão fortes e rápidos, que picavam como granizo. Ela cambaleou sob o impacto chacoalhando debaixo dos seus pés.

Sem sequer um grunhido de esforço, Dai a pegou em seus braços, se curvando sobre ela, em uma tentativa inútil de protegê-la da chuva. Virginia se agarrou ao seu pescoço, enquanto Dai corria da praia em direção à avenida. O lugar estava repleto de pessoas que tentavam se esconder. Em vez de tentar forçar o seu caminho através deles, Dai encontrou abrigo na base de uma parede, sob um dos arcos altos sobre os tijolos.

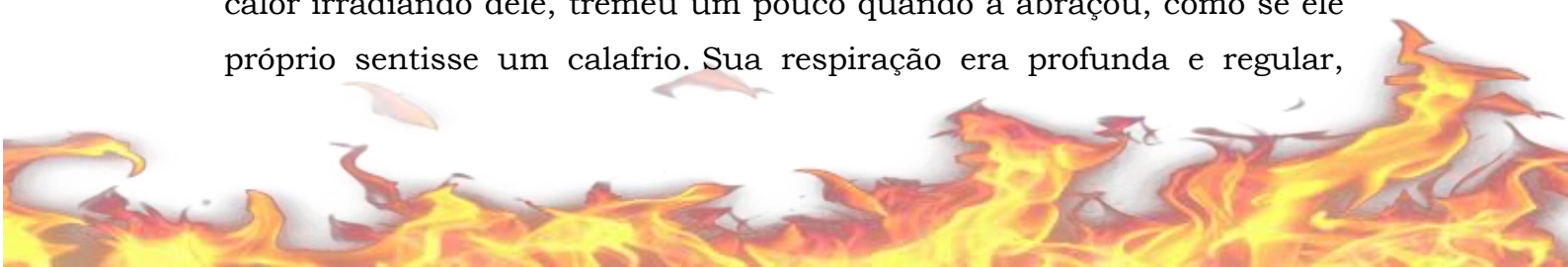
— Melhor esperar um momento, para a força diminuir um pouco. — disse ele, sua respiração próxima à orelha de Virginia. Ele a colocou de pé, embora seus braços ainda a mantivessem pressionada contra ele, suas costas largas protegendo seu corpo do pior da tempestade. Ele soltou uma risada curta e triste.

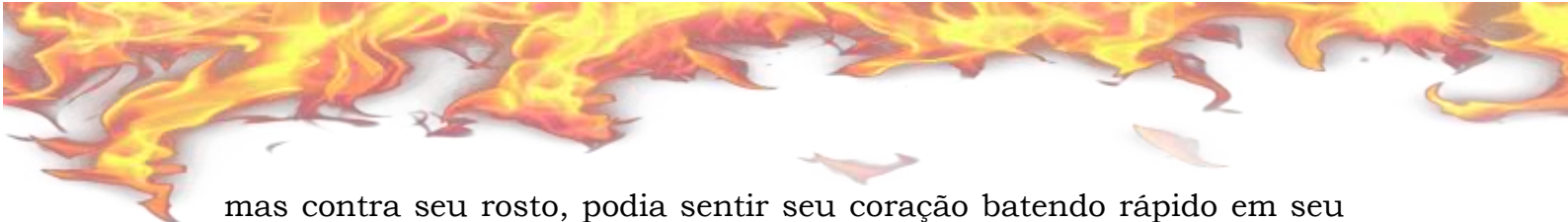
— Eu deveria ter trazido um guarda-chuva.

— Eu não tenho certeza se seria de grande ajuda. — Virginia riu também.

— Os capangas de Bertram certamente não serão capazes de trabalhar com isto.

Ela estava molhada até os ossos. Aninhada contra o corpo musculoso de Dai, sua proximidade a aqueceu até o núcleo. Apesar do calor irradiando dele, tremeu um pouco quando a abraçou, como se ele próprio sentisse um calafrio. Sua respiração era profunda e regular,





mas contra seu rosto, podia sentir seu coração batendo rápido em seu peito.

Virginia inclinou um pouco para trás a cabeça para encontrar seus olhos. Encontrou-os amplos e escuros, sua íris com uma faixa verde fina, em torno de suas pupilas dilatadas. Encorajada pelo fogo de seu olhar, Virginia estendeu a mão para tirar o cabelo molhado da sua testa, a ponta dos dedos continuando para baixo para traçar a linha de sua bochecha. Sua respiração engatou. Ele pegou a mão dela, pressionando a palma da mão no lado de seu rosto, seus olhos se fechando, como se quisesse se concentrar na sensação de sua pele na dele.

— Virginia. — ele respirou.

A chuva era uma cortina de prata através do arco, os deixando em seu próprio mundo privado. Ela capturou seu rosto entre as mãos, o puxando para baixo para um beijo longo e profundo. Fogo correu através de seu sangue, enquanto seus braços apertavam ao redor dela, sua língua explorando sua boca com desejo e fome.

Virginia recuou um pouco, terminando o beijo. Ela manteve a apreensão em sua cabeça.

— Por que você esteve me afastando esta tarde?

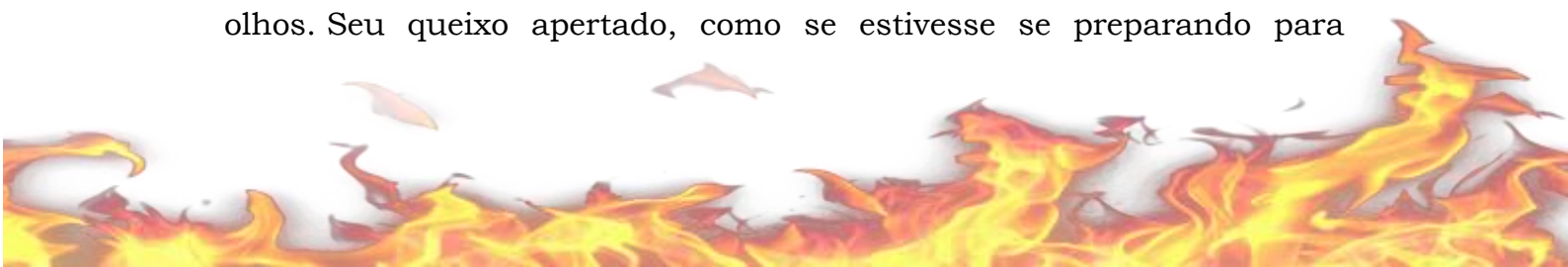
Dai soltou um longo suspiro.

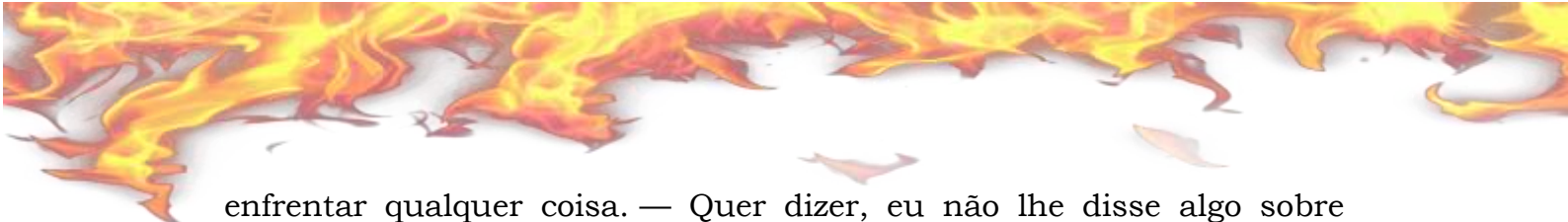
— Porque eu tenho sido muito, muito estúpido. — Ele encostou a testa contra a dela, os olhos ainda fechados. — E eu estou com medo de que você vá fugir, quando você descobrir isso.

— Eu não vou a lugar nenhum. Não se você não quiser que eu vá.
— Virginia o abraçou, entrelaçando os dedos atrás de seu pescoço.

— Então sim, você tem sido estúpido.

— Não, não é isso. — Dai levantou a cabeça, abrindo os olhos. Seu queixo apertado, como se estivesse se preparando para





enfrentar qualquer coisa. — Quer dizer, eu não lhe disse algo sobre mim. Algo muito importante.

Virginia levantou as sobrancelhas.

— Você quer dizer, quando você foi deliberadamente vago sobre sua 'ascendência shifter', porque você não queria que eu descobrisse o quão dragão você realmente é? — Ela não podia deixar de rir de sua expressão totalmente chocada. — Dai, eu percebi algo há muito tempo.

Sua boca se abriu, trabalhando como se ele estivesse tendo dificuldades para encontrar palavras.

— Quando? — disse por fim.

— Oh, no momento em que Bertram começou a jogar os jogos de dominância. A força do seu lado dragão se tornou bastante óbvia. — Inclinou a cabeça para ele. — Ela vem de sua mãe ou seu pai?

— Pai. — Dai disse fracamente. Ele olhou para ela. — Isso não te incomoda? Sério?

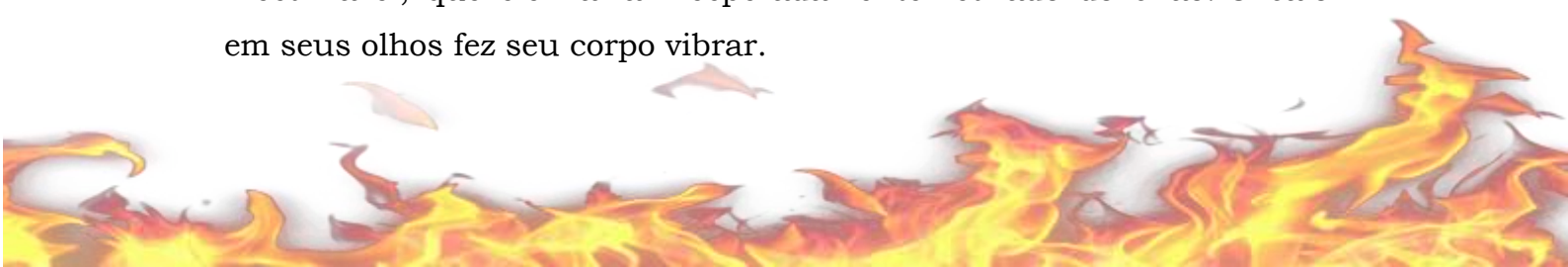
Virginia deu de ombros.

— Bem, se você fosse um dragão como Bertram... — Ela se perguntou se ele era realmente um dragão, mas os insultos de Bertram sobre 'não ser um dragão bom', tinha deixado muito claro que Dai não era um shifter. — Mas você não é.

— Minha linhagem não é sequer relacionada com a sua. — disse Dai, com grande determinação. — Eu posso jurar, eu não sou nada como Bertram.

— Assim. — Virginia relaxou contra ele. — Esta sou eu, não fugindo.

Virginia olhou para ele, um pouco timidamente. Ele estava olhando como se ela fosse um artefato há muito tempo perdido e inestimável, que ele havia inesperadamente retirado do chão. O calor em seus olhos fez seu corpo vibrar.





— O que acontece agora?

Dai recuou, pegando sua mão.

— Agora, — ele disse com firmeza, — ficaremos extremamente molhados. Há algo em minha casa que eu quero te mostrar.

Rindo, Virginia deixou que a puxasse para a chuva. A sensação de seus dedos fortes entrelaçados com os dela, foi suficiente para aquecer todo o seu corpo. Sentia—se leve, como se só o aperto firme de Dai a impedisse de flutuar nas nuvens.

Como ele poderia pensar que eu ficaria assustada se eu descobrisse que ele é um meio dragão? Como ele disse, ele não é como Bertram.

Ele não é um dragão shifter .





Capítulo Doze

Dai sentiu—se estranhamente tímido, enquanto ele conduzia Virginia até as escadas para seu apartamento. Ele raramente tinha visitantes para com os quais tinha instintos possessivos. Apenas com seu dragão, o que significava que ele não podia relaxar com qualquer outra pessoa em seu espaço privado. Agora no entanto, seu dragão estava se enrolando em nós, ansioso, desesperado para ver se seu território era do agrado de sua companheira.

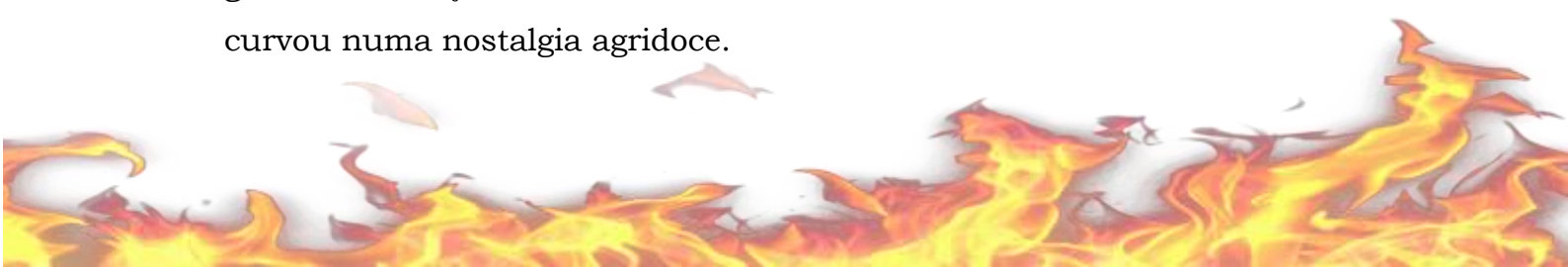
— Oh! — Virginia exclamou com surpresa, quando eles entraram no quarto.

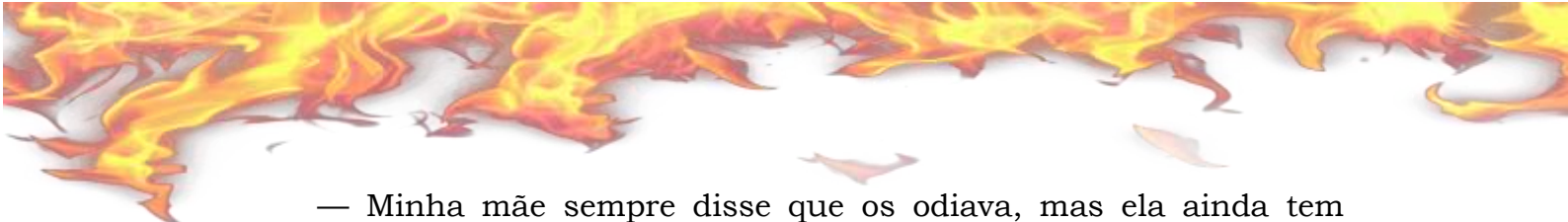
A ansiedade de Dai diminuiu, enquanto ela olhava com aprovação à sala arejada. A casa de Dai era pequena, mas tinha transformado todo o andar superior em um grande espaço aberto, iluminado por grandes clarabóias fixadas acima da cama.

— Isso é bonito. — disse Virginia. Para sua diversão, ela foi direto para as estantes do chão ao teto ao longo de uma parede, tomando cuidado para não tocar nos volumes encadernados em couro, enquanto lia seus títulos.

— Atlas e Roteiros vintage?

— Eles não são particularmente valiosos, mas eu gosto deles. A maioria dos dragões têm algum tipo de coleção pessoal. O meu pai gostava de ficção científica B e cartazes de cinema. — Sua boca se curvou numa nostalgia agri-doce.





— Minha mãe sempre disse que os odiava, mas ela ainda tem todos eles em exibição.

Ele pegou a mão dela.

— Mas eu queria te mostrar outra coisa.

Os olhos de Virginia brilharam, enquanto ele a puxava para a cama.

— Eu estava esperando que você...

Dai colocou o polegar em um sensor escondido na cabeceira da cama. Com um clique e um silvo, gavetas de aço com tampo de vidro deslizaram para fora, debaixo da cama, exibindo luzes ao se abrir.

— ...fizesse. — Virginia terminou fracamente. Reflexos do tesouro brilhavam sobre seu rosto atordoado. — Ok. Eu tenho que admitir, que não era bem o que eu estava esperando.

— Dragões gostam de dormir com seus tesouros, então eu tenho o cofre embutido na cama. É um pouco mais confortável do que uma pilha literal de ouro. — Dai se mexeu, tentando avaliar a expressão de Virginia, quando ela se ajoelhou para inspecionar seus tesouros.

— Você gosta dele? Eu sei que não é muito, mas....

— Não é muito? — Virginia falou, um olhar meio divertido, meio chocado, por cima do ombro.

— Se isso é o que um dragão considera “*não muito*”, eu tenho pavor de pensar o que tesouro que Bertram deve ter.

Ela colocou um dedo cuidadoso sobre o vidro à prova de balas, sobre o torque de ouro requintadamente trabalhado, que tinha lugar de destaque no centro de sua coleção.

— Isso é o que eu penso que é?

— O torque do príncipe Dafydd ap Llewelyn, sim. Um antepassado distante. — Dai engoliu, a boca seca.





— Você quer... pegá-lo?

— Oh, não, não, eu não poderia. — Virginia recuou, parecendo tão culpada como uma criança pega mexendo em um bolo proibido.

— Um artefato como esse, não deve ser manuseado com frequência. Ele deve estar em um museu, não debaixo de uma cama!

Dai tinha medo que ela dissesse algo assim.

— Eu sei. Mas ... eu não posso desistir de qualquer tesouro. É mais do que apenas a possessividade do meu dragão, embora isso seja um fator, é claro. — Ele estendeu as mãos. — Estas são heranças da família, recolhidas por gerações de meus antepassados. Elas são parte da minha herança. Parte de quem eu sou.

Virginia mordeu o lábio.

— Bem ... não é como se você tivesse pessoalmente roubado os artefatos, como Bertram. E você não pode lutar contra seus instintos de dragão. — Um sorriso lento se arrastou de volta para seu rosto, enquanto ela lançou um olhar de lado para o torque.

— Posso realmente tocá-lo?

Dai deixou escapar um suspiro de alívio.

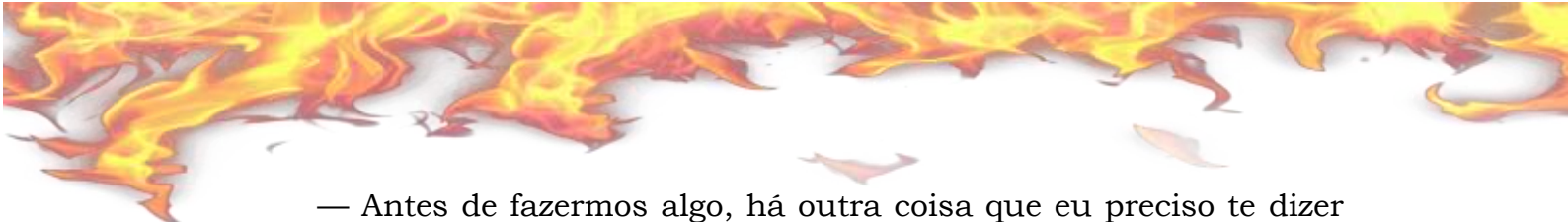
— Eu quero que você toque neles. Eu quero que você toque em tudo. — Ele a puxou até que ficasse em pé, segurando com força em seus braços.— Você não tem idéia de quanto.

Os quadris de Virginia pressionaram contra os dele.

— Oh, eu tenho alguma idéia. — Ela puxou a sua t—shirt. — Vamos tirar essas roupas molhadas?

Dai colocou as mãos em seus ombros, dando meio passo para trás, embora ele mal pudesse suportar ficar longe de suas curvas deliciosamente suaves.





— Antes de fazermos algo, há outra coisa que eu preciso te dizer sobre dragões.

— Oh. — Todos flerte desapareceu da expressão de Virginia, sendo substituído por cautela.

— Uh..ok.

— Essa é realmente uma coisa boa. — *Eu espero que você pense que é, pelo menos.* Dai respirou fundo. — Você se lembra que eu mencionei que os dragões, às vezes, tem uma companheira?

Levando-se em conta o vinco formado entre os olhos de Virgínia, ela não lembrou.

— Uma companheira?

— Sim. Todos os dragões têm uma companheira de verdade, apenas uma pessoa em todo o mundo, que é a sua parceira ideal. O vínculo é inconfundível e inquebrável. Muitos dragões nunca sequer conhecem sua companheira, mas aqueles que a conhecem, a reconhecem imediatamente.

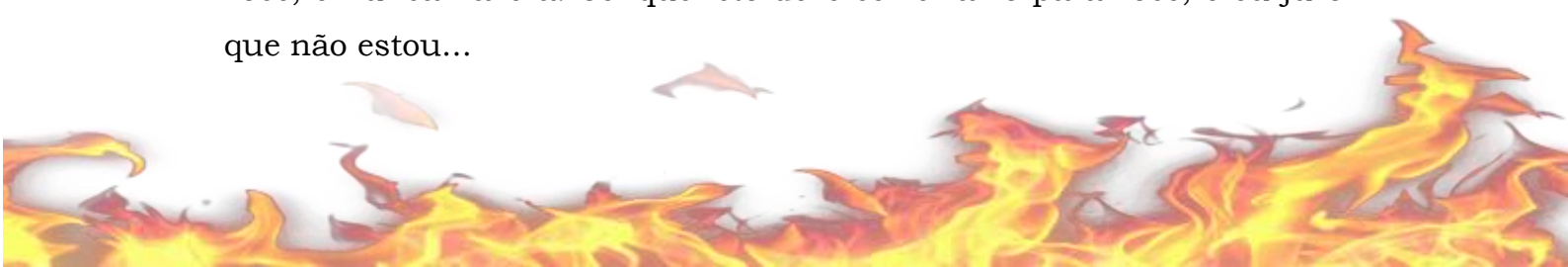
Ele apontou para seu próprio coração.

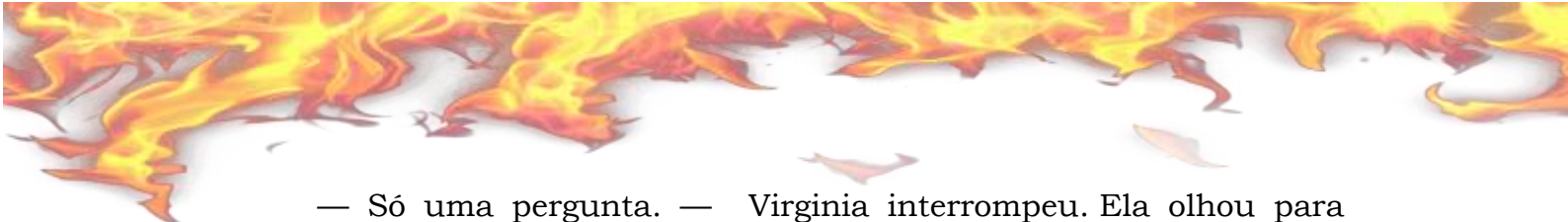
— É ... apenas um conhecimento lá no fundo, tão simples e instintivo como respirar. Sendo totalmente certo, quando você a encontra, ela é a única.

Virginia estava escutando tudo. Seus grandes olhos escuros nunca deixando o seu.

— Parece que você está falando de uma experiência pessoal. — disse ela lentamente.

— Eu estou. — Dai levou suas duas mãos na sua própria, as segurando com muito cuidado, como se embalasse um pássaro. — Você é minha companheira, Virginia. Não há ninguém para mim, apenas você, e nunca haverá. Sei que isto deve ser bizarro para você, e eu juro que não estou...





— Só uma pergunta. — Virginia interrompeu. Ela olhou para suas mãos unidas. — Esta ligação companheiros... Será que a companheira do dragão sente isso também?

— Eu... — Pego de surpresa, Dai hesitou. Ele não conseguia se lembrar de sua mãe mencionar como ela se sentiu quando conheceu seu pai. Ele enviou uma consulta mental para o seu próprio dragão, mas foi recebido por um silêncio inútil.

— Na verdade, eu não sei.

— Bem. — Virginia encontrou seus olhos. Lentamente, os cantos de sua boca se curvaram para cima. — Eu sei.

O coração de Dai perdeu uma batida. Será que ela... pode realmente...?

Virginia riu tristemente, sacudindo a cabeça.

— É uma espécie de alívio saber que eu não estou ficando louca. Eu nunca acreditei em amor à primeira vista antes.

— E agora? — Dai respirou, a puxando para perto novamente.

— Agora eu acredito nos dragões. Em você. — Ela sorriu para ele. — Em nós.

— Se você realmente quer dizer isso, então há algo que eu gostaria de fazer. — Ele afastou o cabelo do seu rosto, ainda incapaz de acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Seu dragão irradiava presunção, misturado com antecipação e um toque de exasperação. Tinha levado muito tempo para chegar à este ponto.

— É uma espécie de ritual que veda o vínculo de companheiros.

Os olhos de Virginia brilharam com interesse para a palavra – *ritual*. — Portanto, você está familiarizado com a sua cultura? Eu adoraria que....





Ele se inclinou para capturar sua boca, cortando o que ela iria dizer. Ele sentiu a curva do lábios de Virginia e ela o beijou de volta, abandonando sua curiosidade acadêmica por agora. Suas mãos foram para a frente da sua blusa. Seu dragão queria apenas arrancá-la, mas ele se obrigou a ir devagar, a beijando enquanto cuidadosamente desfazia cada pequeno botão. Até o momento em que ele retirou a roupa para fora de seus ombros exuberantes, ele já estava tremendo de desejo. Seus dedos acariciavam cada curva de Virgínia, enquanto ele desabotoava o sutiã e o deixava cair no chão.

Virginia estendeu a mão para a bainha de sua camiseta, mas ele interceptou suas mãos.

— Por favor, me deixe despir você primeiro. — ele disse, sua voz tão baixa que era quase um rosnado. — Eu quero fazer isso direito, e eu não serei capaz de me conter tempo suficiente, se você me tocar.

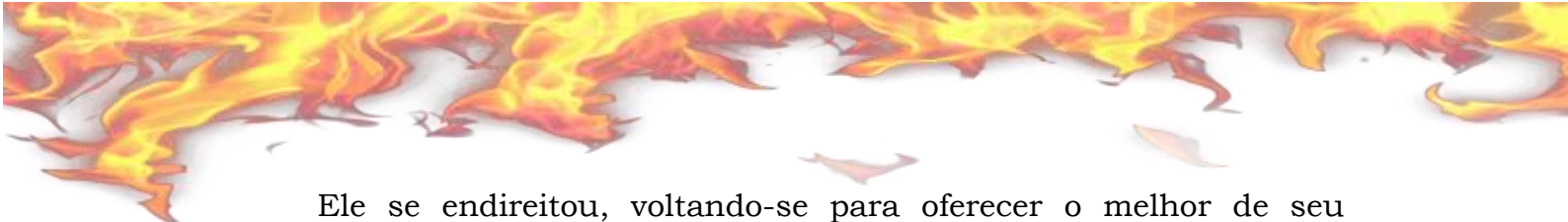
Virginia assentiu sem palavras. Com o mais leve dos toques, ele a guiou para a cama. Tirou os sapatos e as meias, os polegares acariciando o arco de seu pé, enquanto o fazia. Não havia nenhuma maneira graciosa para lidar com os jeans molhados que se agarravam às amplas curvas de suas pernas. Virginia reprimiu uma risada, contorcendo os quadris para ajudá-lo, enquanto ele cuidadosamente puxava o material apertado para baixo de suas coxas e panturrilhas. Com a mesma lentidão, ele retirou sua calcinha também.

Virginia passou a língua sobre seu lábio superior. Nunca quebrando o contato visual, ela se inclinou para trás na cama, o deixando se deleitar com cada pedaço dela.

— E agora? — ela disse, com voz rouca.

— Agora eu quero enfeitar você. — Dai abriu uma gaveta enquanto falava, enchendo as mãos com ouro e pedras preciosas. — Eu quero enfeitar você, e te adorar.





Ele se endireitou, voltando-se para oferecer o melhor de seu tesouro.

— Virginia. — disse ele formalmente. — Eu te mostrei o meu tesouro, de modo que você pode julgar se eu sou digno de você. Meu tesouro a agrada? Você vai me aceitar como seu companheiro?

Ela não hesitou por um segundo sequer.

— Eu vou.

Cuidadosamente, ele prendeu o torque de ouro no pescoço de Virginia. O ouro brilhava contra sua pele escura, linda e preciosa, mas não tão preciosa quanto o seu suspiro de prazer, ou tão linda quanto a batida de seu pulso no oco suave de sua garganta.

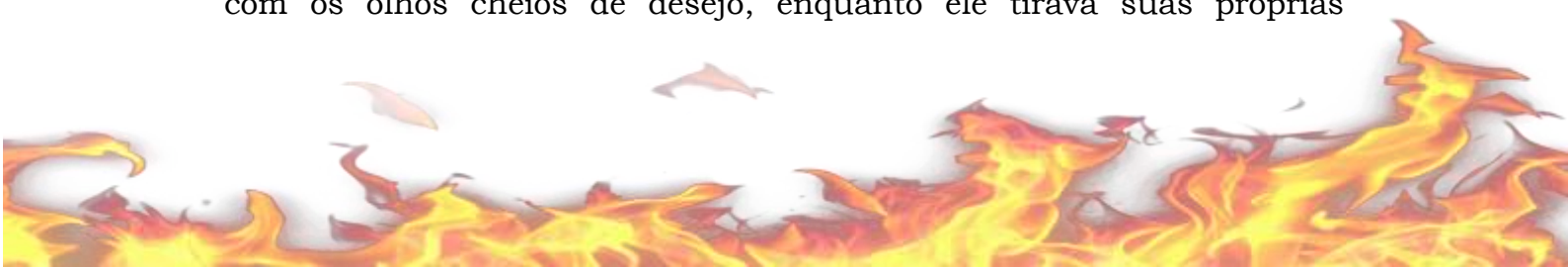
— Minha Virginia. — disse ele com a voz rouca, coroando-a com diamantes e pérolas. Ela ficou perfeitamente imóvel para ele, permitindo-lhe colocar esmeraldas em torno de seus pulsos e cercar seus dedos com anéis de ouro e platina.

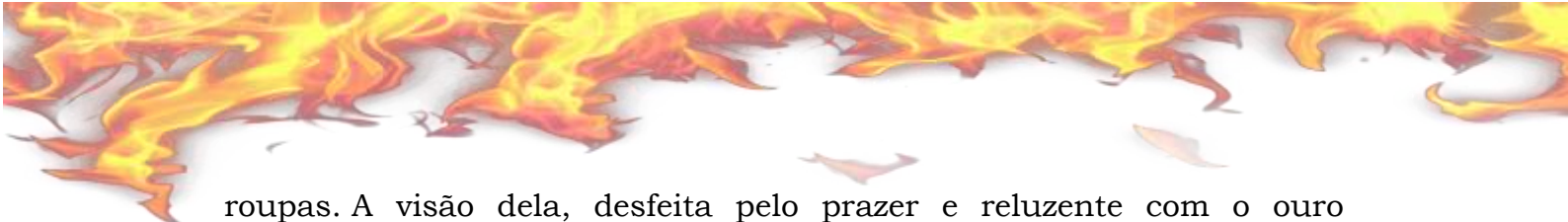
— Minha companheira. — Ajoelhou-se para colocar pulseiras sobre seus pés, até que ela brilhasse inteira. Ele se sentou nos calcanhares, sem fôlego ao vê-la adornada como a deusa que era. — O meu maior tesouro.

Ele abriu as coxas, inclinando a cabeça para adorá-la com a língua. Ela passou os dedos em seus cabelos, envolvendo suas pernas em volta dele. Ele a lambeu com movimentos lentos, fazendo seus calcanhares circularem deliciosamente suas costas, as coxas se apertando, enquanto estremecia de prazer.

— Dai. — Virginia engasgou, quando conseguiu falar novamente. — Oh, por favor. — Suas mãos agarradas em sua camiseta, pedindo para tirar. — Por favor, eu preciso de você agora.

Ele não precisou de outro convite. Virginia se deitou, observando com os olhos cheios de desejo, enquanto ele tirava suas próprias





roupas. A visão dela, desfeita pelo prazer e reluzente com o ouro espalhado por seu corpo, quase o enlouqueceu de desejo.

Virginia jogou a cabeça para trás, o acolhendo com um grito de êxtase, quando ele penetrou nela com um impulso profundo. Seus dedos arranhando as marcas do dragão em suas costas, colocando chamas em seu sangue. Moveu—se com urgência, rápido e forte, impulsionado por seus gemidos e sua própria necessidade profunda. Suas paredes internas se apertando ao redor dele.

— Minha companheira. — ele engasgou, quando ele se perdeu completamente.

— *Minha companheira!*

E finalmente, ela realmente era.

— Dai. — Virginia disse hesitante algum tempo depois, quando estavam deitados juntos. — Sinto... algo estranho, na minha cabeça.

— *Olá.* — disse ele, e sorriu quando ela pulou. Ele se apoiou nos cotovelos.— Desculpe. — disse ele em voz alta.— Eu esqueci de avisá-la.

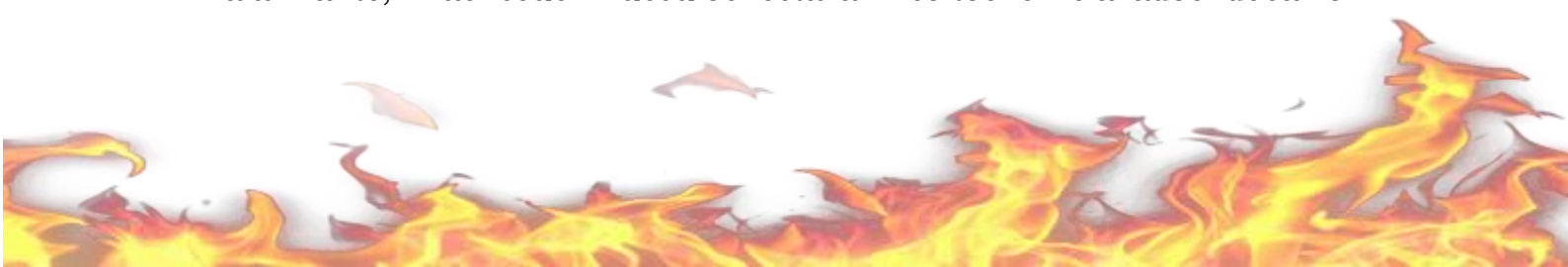
— Eu não estou entendendo. Eu ouvi você na minha mente?

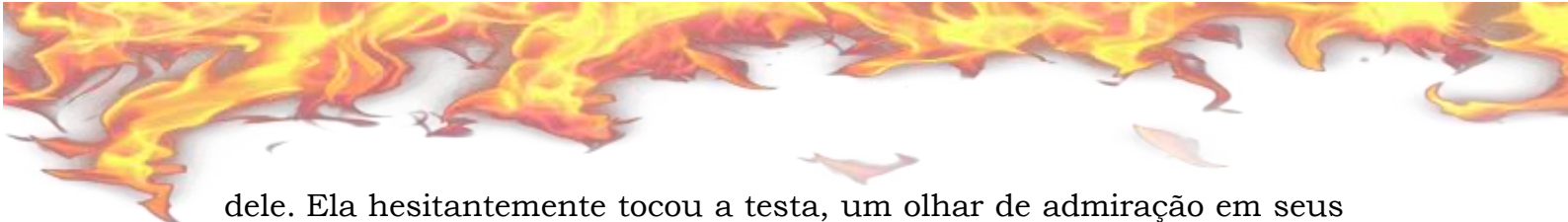
— É uma coisa de dragão. Podemos nos comunicar mente a mente com outros dragões, e alguns outros tipos de shifters também. —

Ele correu um dedo sobre o torque em torno de seu pescoço. Ele tinha aquecido à temperatura exata de sua pele, como se o ouro tivesse se tornado parte dela. Era intensamente erótico.

— Agora que você é verdadeiramente minha companheira, de alguma forma, você é parte dragão também. Então eu posso enviar mensagens mentais para você agora.

Ele estava com medo de que Virginia pudesse achar tudo isso alarmante, mas seus músculos estavam soltos e relaxados debaixo





dele. Ela hesitantemente tocou a testa, um olhar de admiração em seus olhos.

— Eu acho ... Eu acho que eu posso sentir o você está sentindo.

— Bem, eu espero que você não precise de poderes psíquicos para isso. — Ele virou a cabeça para beijar o interior de seu pulso. — Mas sim, a comunicação entre companheiros, nos dá a sensação do que o outro sente. — O calor de sua mente era mais forte do que um sol de verão. Ele queria ficar ali e gozar para sempre.

— Você é capaz de falar comigo quando quiser, também. — *Por que você não experimenta?* — Dai enviou.

Virginia tinha uma expressão peculiar, como se ela estivesse tentando fazer aritmética mental. Dai podia sentir sua tentativa desastrada de comunicação, enviando ondas de sensações aleatórias, sem nexos para ele. Era como uma criança experimentando um instrumento musical desconhecido pela primeira vez.

Depois de um momento ela desistiu, sacudindo a cabeça.

— Isso é muito estranho.

— Vai se tornar uma segunda natureza antes de você perceber. — Sentindo que ela estava começando a se sentir um pouco sobrecarregada, ele relutantemente rolou de cima dela, a colocando perto, contra o seu lado. Ele enterrou o rosto na curva de seu pescoço, respirando seu perfume delicioso.

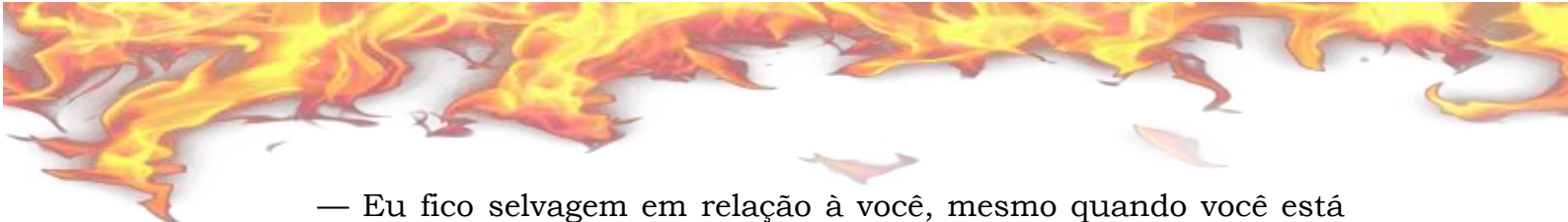
— Minha Virginia. Minha companheira.

Virginia riu, maliciosamente mexendo sua parte traseira contra seu pênis endurecendo.

— Você tem que estar brincando comigo. Novamente?

— Eu não posso ajudar. — Ele traçou as correntes de ouro e esmeraldas em seus braços.





— Eu fico selvagem em relação à você, mesmo quando você está completamente vestida. Você não tem idéia do que vê-la adornada corretamente, faz para mim.

— Hmm. — Para sua surpresa, Virginia se afastou para longe. Ele ficaria consternado, se a comunicação de companheiros não o assegurasse de que nada estava errado. Ela apenas tinha acabado de pensar sobre algo.

— Espere aqui um minuto?

Dai cruzou os braços atrás da cabeça, toda a respiração saindo fora dele, no balanço sedutor de seus seios enquanto ela se levantava.

— Eu vou esperar e olhar para você.

Fiel à sua palavra, ela voltou em alguns minutos, entrando no quarto com uma expressão tímida e algo escondido em uma mão.

— Você me mostrou o seu. — Uma mistura de orgulho com uma pitada de nervosismo irradiava de sua companheira, quando estendeu a mão, abrindo os dedos.

— Parece justo que eu mostre o meu.

Dai sentou-se na posição vertical.

— Foda-me!!

Virginia começou a rir.

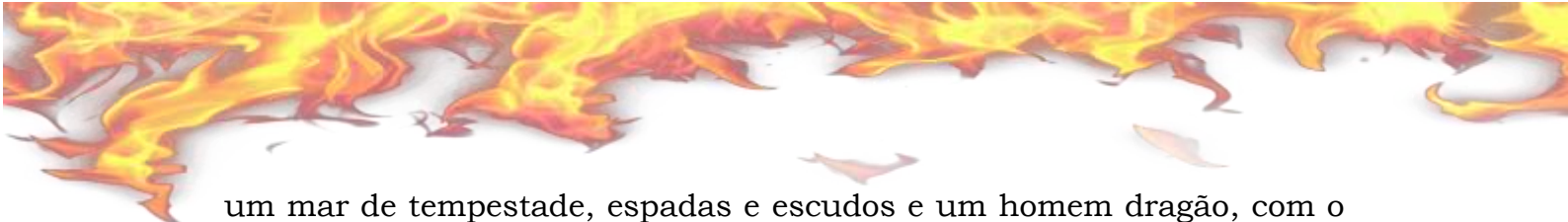
— Essa era a minha intenção inicial.

— Não, quero dizer, sim, mas... — Dai agarrou a sua própria cabeça, quase ensurdecido pelos rugidos de seu dragão. O animal estava em uma tempestade de fogo, suas asas batendo freneticamente.

A jóia, a jóia perdida, o olho do dragão!

Uma torrente de imagens inundaram sua mente. Guerreiros em mantos vermelhos, navios com cabeça de dragão, que mergulhavam em





um mar de tempestade, espadas e escudos e um homem dragão, com o olho coroadado com ouro e rubis ...

— Dai? — Virginia tocou seu ombro nu. — O que foi?

Dai se tornou consciente de que ele tinha se debruçado sobre a cama, como se ventos estivessem uivando em torno de seus ouvidos. Levantando-se, reprimiu a agitação de seu dragão. Ele olhou para o enorme rubi na mão de Virginia com descrença.

— Esse é o artefato que você encontrou? É chamado olho do dragão, e é importante. Ele pertencia a... um rei.

As sobrancelhas de Virgínia arquearam.

— Estou bastante certa de que é do capacete do rei Brithelm. Ele era um guerreiro saxão que fundou o primeiro assentamento aqui, que eventualmente se tornou Brighton.

— Ele também era um shifter dragão. — Dai esfregou a testa, tentando se situar através do súbito fluxo de memórias raciais.

— Talvez o primeiro dragão branco nas Ilhas Britânicas. Dragões vermelhos são nativos aqui, mas os dragões brancos vieram da Europa, juntamente com os invasores saxões. Não é de se admirar que Bertram esteja desesperado para obtê-lo. Qualquer dragão que o tiver, ganha um domínio incrível.

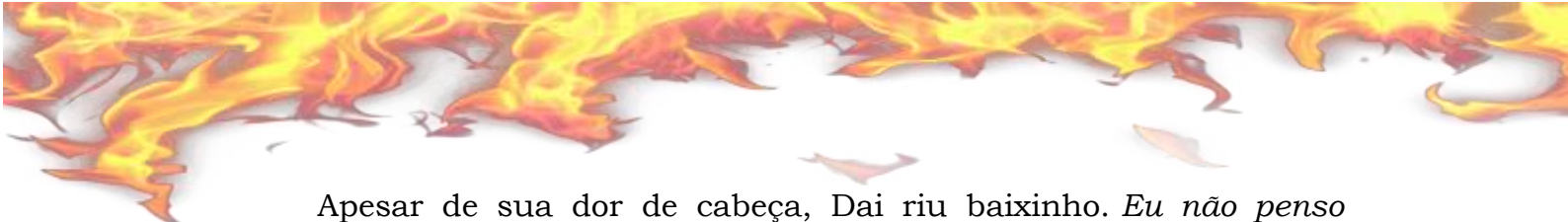
Os dedos de Virgínia fecharam reflexivamente sobre o artefato.

— Dai, se eu pudesse te dar, eu daria, mas...

— Não, não. — Dai sacudiu a cabeça enfaticamente. — É seu. Eu não vou deixar meu dragão tentar roubar isso de você.

Seu dragão o atacou com a cauda, indignado. *O tesouro de nossa companheira é uma maravilha como ela. Nós nunca iríamos tentar diminuí-la.* Ele parou por um momento, olhando melancolicamente através de seus olhos para o rubi. *A menos que ela desejasse negociar...*





Apesar de sua dor de cabeça, Dai riu baixinho. *Eu não penso assim*, ele disse.

— Na verdade, meu dragão está muito impressionado com você. Essa peça é um tesouro espetacular por conta própria. Você teria um enorme poder e status, se você fosse uma shifter.

Virginia sentou-se de pernas cruzadas na cama em frente a ele, segurando o artefato em suas mãos, pensativa.

— Você fala como se seu dragão fosse um ser separado de si mesmo.

— Bem, é e não é.— Dai hesitou.

— Se você realmente quer ter uma discussão séria sobre a natureza metafísica dos shifters agora, você se importa se nós colocarmos algumas roupas? — Ele apontou timidamente para sua virilha. — É realmente difícil para mim pensar em linha reta, quando a maior parte do meu sangue está longe do meu cérebro.

A expressão de Virginia ficou consternada.

— Sinto muito, eu matei o momento. — Ela levantou o Olho do Dragão.

— Eu pretendia perguntar se você gostaria que eu o adornasse com ele.

— Oh. — Dai respirou, quando seu dragão subiu.

— Oh, sim. Eu gostaria disso. — Deu um breve olhar para baixo, em Virginia e um repentino sorriso de satisfação apareceu em seu rosto. Ele podia ver exatamente muita coisa que ele gostaria. No entanto, ele se levantou.

— Mas, depois.

— Mais tarde? — Virginia perguntou, fazendo beicinho um pouco.





Beijou-a, enquanto começava a remover seu tesouro de seu corpo lindo, peça por peça.

— Porque a nossa ligação me diz que você está com fome.

— Eu estou? — As sobrancelhas de Virginia foram para baixo, então ela soltou uma risada surpresa.

— Eu estou. E você também.

— Então, vamos comer, e falar sobre dragões, e então... — Ele a beijou de novo, mais demoradamente.

Apesar da tentação de fingir que nenhum deles estava com fome, eles se vestiram, embora tenha levado um pouco mais de tempo do que o necessário. As roupas de Virgínia ainda estavam molhadas. Ela vasculhou seu guarda-roupa, e pegou uma de suas camisas, que cobria seu corpo até os joelhos.

— Eu me sinto como uma Cinderela às avessas. — disse ela com tristeza, arregaçando as mangas. — De princesa, a trapos.

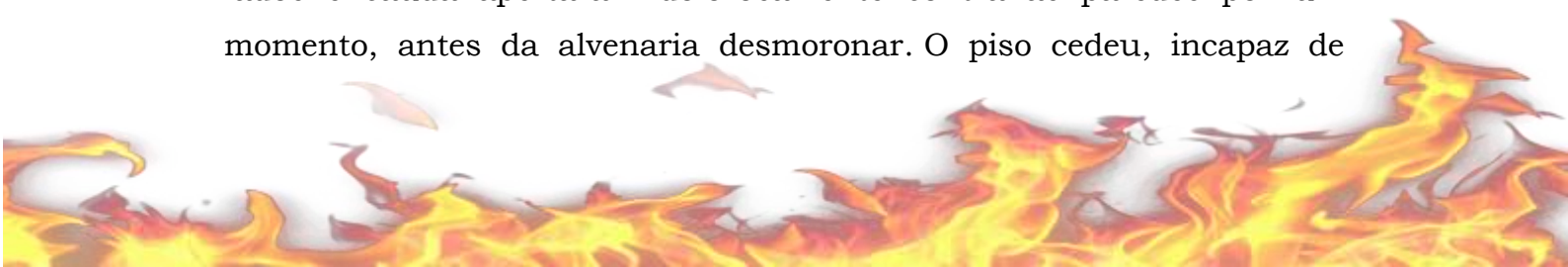
— Você parece adorável. — Dai disse, segurando seu roupão de banho para ela. Lançou um olhar incrédulo, quando deu de ombros para ele. Ele estendeu as mãos, sorrindo.

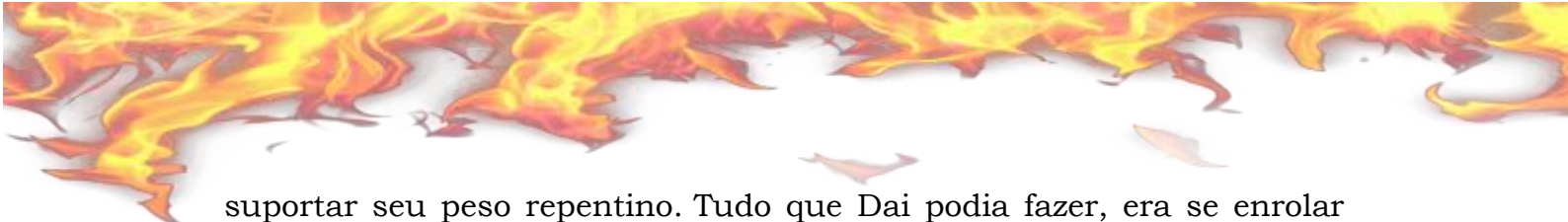
— Basta verificar o vínculo se você não...

PERIGO!

O grito de seu dragão veio apenas à tempo. Dai se jogou em cima de Virginia, quando a clarabóia acima deles acendeu com uma chama incandescente. O vidro resistiu um segundo, antes de explodir em uma chuva de estilhaços, tempo suficiente para Dai fazer a mudança mais rápida de sua vida. O instinto básico de auto preservação substituindo a ira por Bertram.

O espaço era muito pequeno para a sua forma de dragão. Seus lados e cauda apertaram dolorosamente contra as paredes por um momento, antes da alvenaria desmoronar. O piso cedeu, incapaz de





suportar seu peso repentino. Tudo que Dai podia fazer, era se enrolar em uma bola apertada de asas e escamas ao redor de Virginia, desesperadamente tentando protegê-la, enquanto eles despencavam.

O impacto de bater no chão, o fez desmaiar por um momento. Quando voltou a si, a primeira coisa que ele percebeu, era Virginia se contorcendo em seu aperto, as mãos empurrando inutilmente seu peito. A segunda foi o peso da casa desmoronada. Com um esforço tremendo, Dai forçou suas asas abertas, tijolos e vigas saindo de suas costas.

Ele torceu o pescoço, a chuva correndo sobre seus espinhos e em seus olhos, enquanto examinava o céu. Como não havia nenhum sinal de outro ataque iminente de cima, ele dolorosamente se desdobrou, sua cauda varrendo os detritos. Ele conseguiu rolar para um lado, apenas o suficiente para permitir que Virginia ficasse livre de seu alcance.

Sem se importar com os destroços ao redor, Virginia tropeçou para trás, seus grandes olhos fixos nele. Seu terror e pânico o golpearam na comunicação companheiro.

— Dai! — ela gritou, olhando ao redor descontroladamente. — Dai!

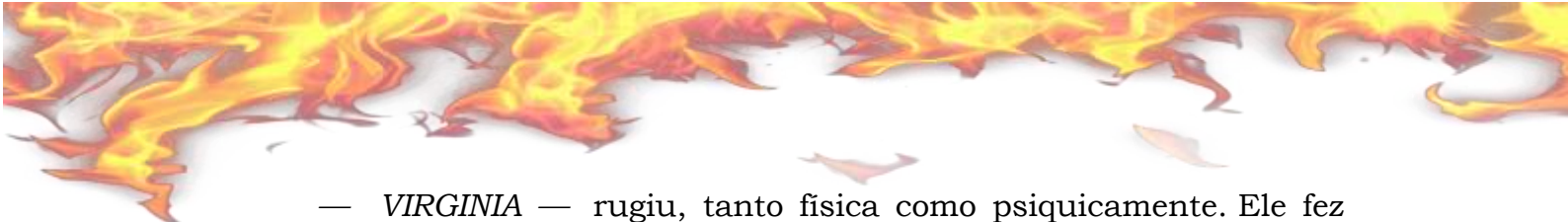
Seu coração congelou no peito. Impossível. Ela sabia, me disse que sabia! No entanto, não havia nenhum vestígio de reconhecimento na expressão de Virginia.

— *Eu estou aqui.* — enviou urgentemente para ela. Ele tentou chegar a seus próprios pés, mas as vigas caídas ainda seguravam seu traseiro no chão.

— *Virginia, sou eu!*

Virginia balançou a cabeça em negação, se afastando dele e, em seguida, Dai viu o que estava à espreita, os olhos de shifter, bem atrás dela.





— *VIRGINIA* — rugiu, tanto física como psiquicamente. Ele fez uma investida desesperada, mas não conseguiu alcançá-la.

— *NÃO!*

Virginia fugiu em linha reta na direção de Bertram, que tinha as garras estendidas.





Capítulo Treze

Virginia voltou à consciência em um campo frio, lamacento. Seu primeiro pensamento foi: *Ele é um dragão. Dai é um shifter dragão.*

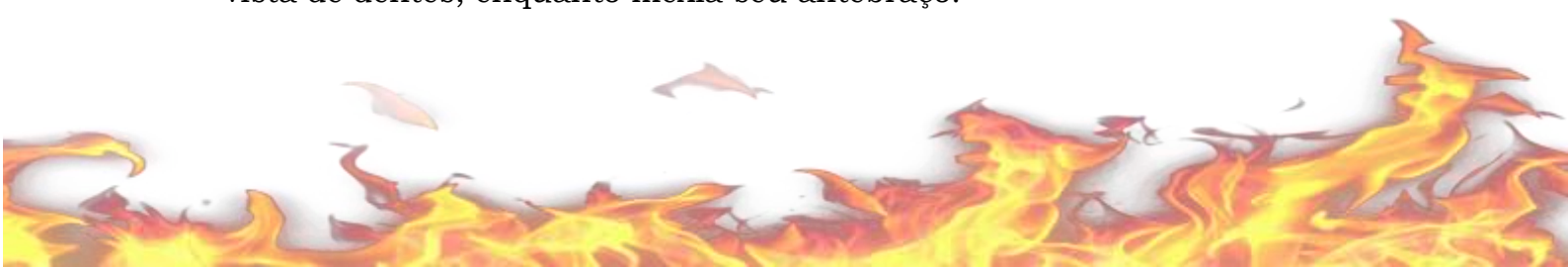
Seu segundo pensamento foi: *Eu realmente gostaria que ele estivesse aqui agora.*

Um dragão branco estava agachado à sua frente, pernas e asas dobradas ordenadamente. Com um gemido involuntário, Virginia se arrastou para longe dele, suas costas batendo contra uma parede antes que ela mal tivesse se mexido. Os grandes olhos ardentes ficaram fixos nela com um fascínio, sem piscar, como um gato que olha um rato encurralado. A ponta da cauda do dragão se contraía ligeiramente.

Virginia engoliu em seco.

— Eu sei que é você, Bertram. — ela disse, sua voz tremendo apesar de seus esforços. Suas pernas haviam se transformando em borracha. — E você não está enganando ninguém, então você pode muito bem parar com isso. Eu sei que você não irá realmente me comer.

O dragão branco bocejou expansivamente, dando-lhe uma bela vista de dentes, enquanto mexia seu antebraço.





— *O faz você ter tanta certeza?*

A pele de Virginia se arrepiou na sensação da voz de Bertram em sua cabeça. Obrigou-se a se sentar ereta, pelo menos tentando reunir a dignidade que podia, mesmo que estivesse descalça e em um roupão de banho.

— Porque você estaria em um monte de problemas com os outros shifters.

— *O Parlamento de Shifters?* — A língua negra, bifurcada de Bertram pendeu para fora em diversão.

— *Minha cara deliciosa Virginia... políticos shifter são muito parecidos com os políticos em qualquer lugar — preocupados apenas em manter seus apoiadores felizes. E minha família é extremamente generosa.*

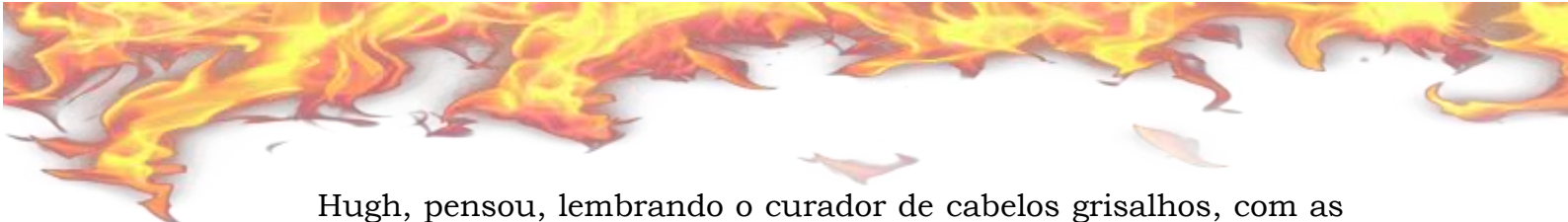
— Eu não quis dizer o governo shifter. — disse Virginia, esperando que ela soasse muito mais corajosa do que realmente se sentia. — Se você não me deixar ir agora, você não vai durar o suficiente para enfrentar qualquer tribunal formal de justiça. Dai vai rasgar você.

Bertram agitou uma asa em um encolher de ombros, despreocupado.

— *Da última vez que verifiquei, o pequeno vermelho estava ocupado com assuntos mais urgentes. Tal como, a casa em cima dele.*

O sangue de Virginia gelou, quando recordou a sua última visão do corpo de Dai, seu dragão preso sob tijolos e vigas, golpeado e quebrado. Mesmo agora, ele poderia estar sangrando até a morte, preso nos escombros... mas o vínculo era uma presença firme no centro do seu peito. Mesmo que ela estivesse muito longe de Dai para dizer o que ele estava pensando ou onde ele estava, sabia que ele não estava gravemente ferido.





Hugh, pensou, lembrando o curador de cabelos grisalhos, com as mãos mágicas. Hugh e o resto da tripulação devem tê-lo ajudado.

— Ele está bem. — disse ela, desafiadora.— E eu aposto que ele já está a caminho daqui.

— *Que fé comovente. Você sempre teve um talento especial para rejeitar os fatos.* — Bertram inclinou a cabeça para um lado, ainda parecendo divertido. — *Como você exatamente acha que ele vai encontrá-la?*

Virginia arriscou tirar os olhos de Bertram, tempo suficiente para olhar ao redor. Ela tinha desmaiado durante o voo aterrorizante, então não tinha idéia de para onde ele a levou. Eles pareciam estar em um pasto, podia ver um pequeno grupo de cavalos amontoados mais distante de onde o dragão estava, embora curiosamente eles não parecessem totalmente em pânico com a sua presença. A parede atrás dela parecia parte de algum tipo de edifício.

Havia anoitecido, mas não estava ainda totalmente escuro, então ela deve ter ficado inconsciente por cerca de uma hora. Não estava chovendo mais, por isso ou John tinha parado a tempestade ou, mais provavelmente, Bertram a levou para bem longe de Brighton.

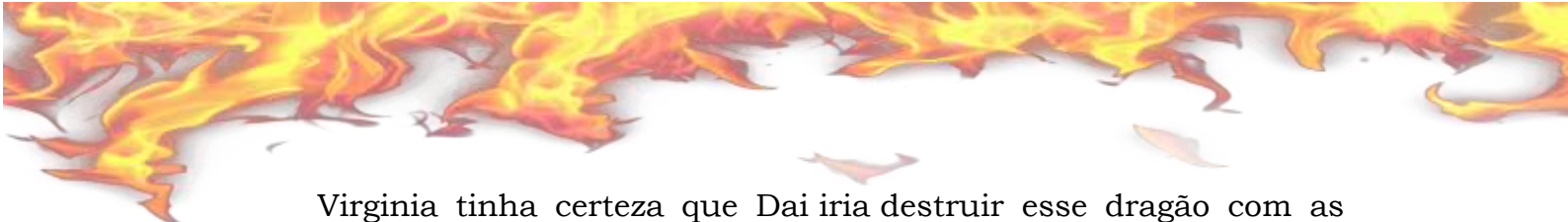
Como é que Dai vai me encontrar?

— Ele vai me encontrar. — ela disse, e ficou bastante surpresa ao descobrir que acreditava que ele iria, com uma fé absoluta. — Ele é meu companheiro, ele vai me encontrar.

Bertram bateu sua cauda com desdém.

— *Então eu vou matá-lo.* — Seu queixo caiu em um sorriso feral inconfundível. — *Ainda sou dominante sobre ele, graças ao seu tesouro patético. Eu posso impedi-lo de se deslocar.* — Sua cabeça serpentou para baixo, para que seus olhos estivessem na altura de sua cabeça. — *Diga-me, minha querida Virginia, quanta chance você acha que um ser humano tem contra um dragão?*





Virginia tinha certeza que Dai iria destruir esse dragão com as próprias mãos, se ele estivesse aqui. A equipe dele, recordou-se. Eles vão ajudá-lo. Ele não estará sozinho.

— Eu acho que, se tratando de você ou Dai, eu apostaria nele.

Os lhos laranja de Bertram estreitaram-se um pouco.

— *Dê-me o artefato.* — ele perguntou abruptamente. — *Agora.*

A mente de Virginia disparou. Ela envolveu o roupão de Dai mais apertado em torno de si, reunindo o pior olhar que conseguia nessas circunstâncias.

— Bertram, eu estou vestindo um roupão de banho. Você honestamente acha que eu tenho um artefato de valor inestimável frágil no meu bolso?

Jatos de fumaça saíram das narinas de Bertram.

— *Cadê?*

Virginia respirou fundo, se preparando.

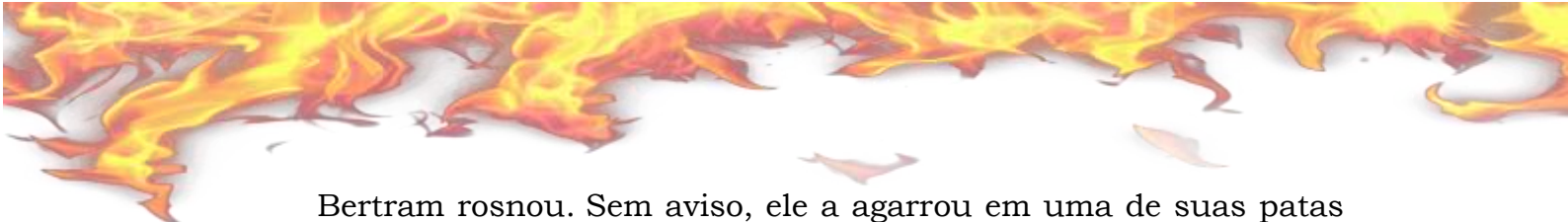
— Com Dai.

Bertram recuou, como se tivesse sido cortado com uma espada. Ele rugiu em afronta, a explosão de sua respiração a empurrando contra a parede.

— *O QUÊ?!*

— Eu mostrei a ele, e ele reconheceu o que era. Como você me avisou, ele quis para si mesmo. — Ela cruzou os braços sobre o peito, colocando suas mãos em suas axilas, para que Bertram não pudesse ver como elas estavam tremendo. — Você chegou muito tarde, Bertram. Com o Olho do Dragão, Dai tem um tesouro mais valioso do que você. Você terá que se submeter a ele. Apenas desista agora, enquanto você ainda pode.





Bertram rosnou. Sem aviso, ele a agarrou em uma de suas patas dianteiras, as garras brancas se fechando ao redor dela com tanta força, que Virginia não pôde nem mesmo tomar um fôlego para gritar.

Mancando desajeitadamente em três patas, Bertram a levou para fora do pasto, em um pátio cercado por estruturas estáveis. O complexo era grande o suficiente até mesmo para um dragão entrar. Virginia presumiu que deveria ser um celeiro, até que Bertram abriu a porta e seus olhos foram cegados pelo brilho do ouro.

Meu Deus. E eu pensei que Dai tinha muitos tesouros debaixo da cama.

Bertram não brincou sobre dormir no topo de seu tesouro. O exterior simples do celeiro, escondia um enorme monte de ouro, prata e pedras preciosas. Uma dor quase física bateu no peito de Virginia, com a visão de todos esses artefatos tão casualmente jogados juntos. Era muito diferente da coleção meticulosamente armazenada e estimada de Dai.

As garras de Bertram passaram descuidadamente através da pilha, quando ele subiu sobre as moedas no centro da sala. Alongando em suas patas traseiras, ele deixou Virginia em uma das vigas de aço que seguravam o telhado. Com o coração martelando, Virginia agarrou o metal empoeirado, lutando contra a vertigem, com a visão do piso tão longe. Não havia dúvidas de que não dava para saltar. Ela estava presa.

Virginia forçou sua respiração a se acalmar. Cuidadosamente, montou na viga, tentando não olhar para baixo. Ela se concentrou em vez disso, na sensação do seu companheiro em sua mente.

— Dai está vindo para mim. — disse em voz alta.

O dragão branco, diminuiu para a forma humana.

— De fato. — Bertram sorriu para ela, enquanto ele tirava o celular do bolso. — Na verdade, eu estou contando com isso.





Capítulo Quatorze

— Eu não tenho tempo para isso. — Dai rosnou para Ash. — Eu tenho que encontrar Virginia!

— Se você se mover novamente, eu pessoalmente vou quebrar a sua outra perna. — Hugh gritou. Seus dedos nus escavaram a panturrilha de Dai, quando sua cura juntou o osso e músculos de volta.

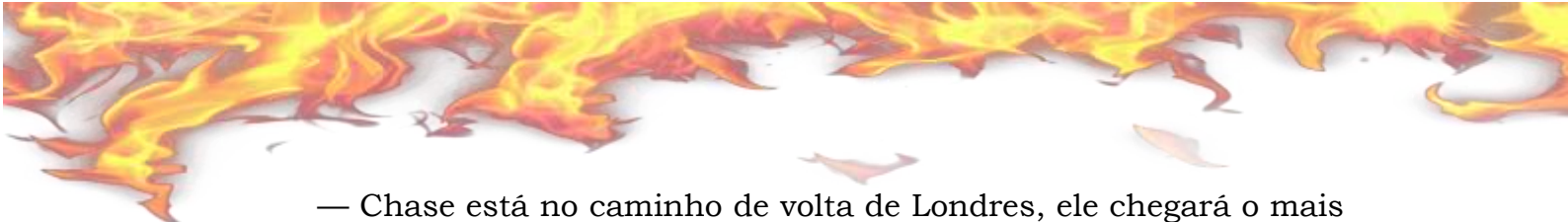
— Você quer rastejar para o resgate de sua companheira?

— Se eu tiver que fazer, sim!

— Você não sabe para onde ele a levou. — disse Ash. Dai poderia ter estrangulado o comandante, por sua voz nivelada e expressão calma.

Atrás do comandante, outra equipe de bombeiros trabalhavam para apagar os restos de fogo na casa de Dai. Graças à chuva de John e da chegada de Ash, o fogo não teve a chance de se espalhar para propriedades vizinhas. A polícia estava isolando a rua, mantendo curiosos bem para trás.





— Chase está no caminho de volta de Londres, ele chegará o mais rápido que ele pode voar. — disse Ash.

— Assim que ele estiver aqui, será capaz de nos levar a ela.

— Eu não posso esperar tanto tempo! — Dai tentou escapar, mas as enormes mãos de John em seus ombros, o mantiveram firmemente preso ao chão.

— Eu não posso ficar aqui sem fazer nada. Virginia precisa de mim agora. — Seu medo cortava sua alma, através da ligação de companheiros. — Se você já conhecesse a sua companheira, você entenderia!

Ash olhou para ele. Embora sua expressão nunca tenha mudado, até seu dragão recuou, à partir do breve vislumbre do inferno escondido por trás daqueles olhos negros.

— Eu entendo muito bem. — o comandante disse calmamente.

— Mas isso não muda o fato de que você não pode fazer nada para ajudá-la agora.

Dai foi salvo de dizer algo potencialmente sem volta ao seu comandante, quando o telefone de Ash tocou. Ash tocou a mão no fone de ouvido, escutando. Suas sobrancelhas subiram.

— Eu vejo. — disse Ash. Soltando o telefone, passou para Dai.

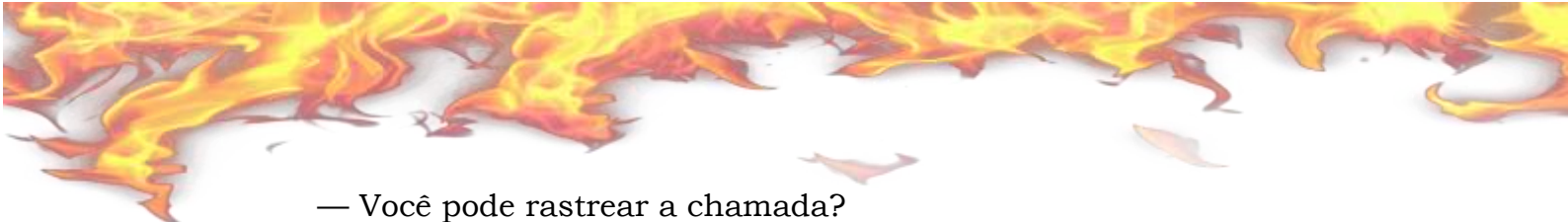
— É Griff.

— Dai? — O sotaque escocês de Griff estava mais pronunciado do que o habitual, um sinal claro de agitação.

— Acabamos de receber uma chamada de emergência muito estranha aqui. Ele chamou o 999 e, em seguida, pediu por você pessoalmente. Não vai dar seu próprio nome ou localização, mas estou certo de que é o seu shifter dragão.

A adrenalina percorreu o sangue de Dai.





— Você pode rastrear a chamada?

— Eu estou trabalhando nisso, mas ele está ligando de um telefone celular, por isso não é fácil. — Dai podia ouvir as teclas de computador ao fundo.

— Você quer que eu o mantenha esperando, ou o coloque para falar com você?

— Coloque — o para mim. — Dai rosnou. Houve um clique, enquanto Griff o fazia. — Bertram?

— Vou fazer-lhe esta oferta uma vez, e apenas uma vez. — O tom gelado de Bertram atingiu Dai, como um golpe. Ele praticamente podia provar o dragonfire subindo em sua garganta em resposta.

— Sua companheira pelo olho do dragão.

— Eu não o tenho. — Dai olhou por cima do ombro, para a pilha de destroços que tinha se tornado sua casa.

— Mesmo que ainda esteja intacto, está enterrado sob uma tonelada de tijolos.

A risada desdenhosa de Bertram soou em seu ouvido.

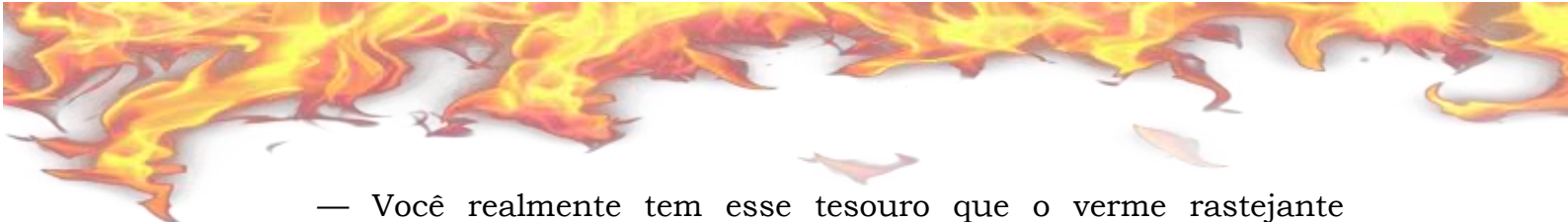
— Você me acha um tolo? Eu sei que ela deu para você, por isso deve estar com você neste momento. Seu dragão não teria se separado de tal tesouro por um segundo sequer. Você tem trinta minutos para trazê-lo para o local do túmulo de Brithelm. Venha sozinho. Se você tentar me enganar, sua companheira vai queimar.

— Espere! — Dai se viu falando com uma linha muda. Ele baixou o telefone, franzindo a testa. Olhou para cima para encontrar o resto da sua tripulação, o observando com preocupação.

— Vocês todos pegaram isso?

John assentiu.





— Você realmente tem esse tesouro que o verme rastejante procura?

— Não. — Dai disse lentamente.

— E agora eu estou tentando lembrar onde Virginia o colocou.





Capítulo Quinze

Os pés de Virgínia estavam congelando, e ela tinha uma cãibra na mão que segurava a viga de metal frio. Bertram parecia ter ido embora há horas. Com malícia infantil, ele apagou as luzes quando saiu, deixando-a na escuridão.

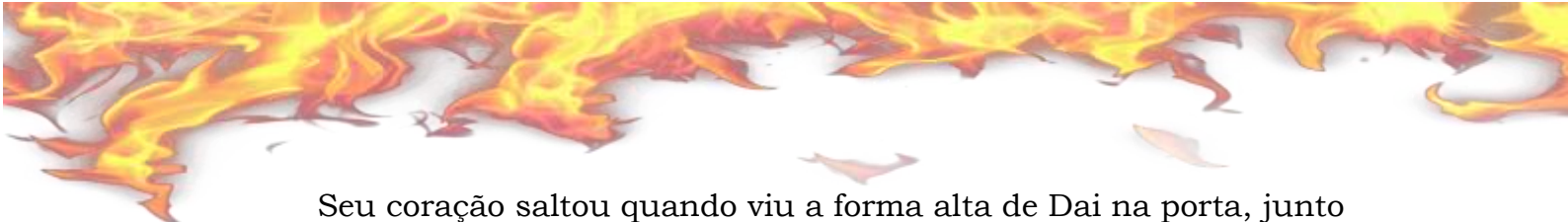
Virginia enterrou o rosto no material macio do roupão de Dai, respirando o leve rastro de seu cheiro, para se manter calma. Ela sabia que ele estava se aproximando. A ligação de companheiros estava crescendo mais brilhante, de uma mera brasa, para uma fogueira que rugia em sua alma. Através dela, podia sentir a raiva feroz e determinação de Dai, e também um medo terrível.

— *Apenas venha para mim.* — tentou enviar mentalmente para seu companheiro, mais e mais. Ela não sabia se suas palavras o alcançaram. Tudo o que podia fazer, era se concentrar em irradiar encorajamento e confiança em sua ligação mental.

— *Confie em mim. Venha.*

A enorme porta abriu novamente. Virginia olhou quando as luzes se acenderam novamente, a cegando após a escuridão total.





Seu coração saltou quando viu a forma alta de Dai na porta, junto com Bertram em sua forma de dragão, bem atrás dele, o incitando à entrar, com suas viçosas garras de marfim. Pelo cabelo bagunçado de Dai e pela sua camisa rasgada, percebeu que Bertram deve tê-lo trazido pelo ar, em vez de permitir que voasse por si mesmo.

— Dai! — Virginia chamou por ele. — Aqui em cima!

— Virginia! — Dai correu para a frente, mas teve que parar quando Bertram chicoteou sua cauda para a frente, para barrar o seu caminho. Dai deu um murro com impaciência contra as escamas brancas.

— Eu preciso chegar mais perto para falar com ela, desde que você me proibiu de trazer alguém. — disse ele, olhando para a cabeça com presas, acima dele. — Eu não te darei o Olho do Dragão, até que eu esteja absolutamente convencido de que está ilesa.

Bertram chiou, mas relutantemente levantou a cauda para permitir a Dai passar. Os olhos do bombeiro ficaram fixos em Virginia, sem dar sequer um olhar para as moedas de ouro esmagadas sob suas botas.

— Eu estou aqui, Virginia.

Virginia encontrou seus olhos, refletindo a fé e amor de volta para ele. O vínculo tão incandescente que quase podia vê-lo no ar entre eles.

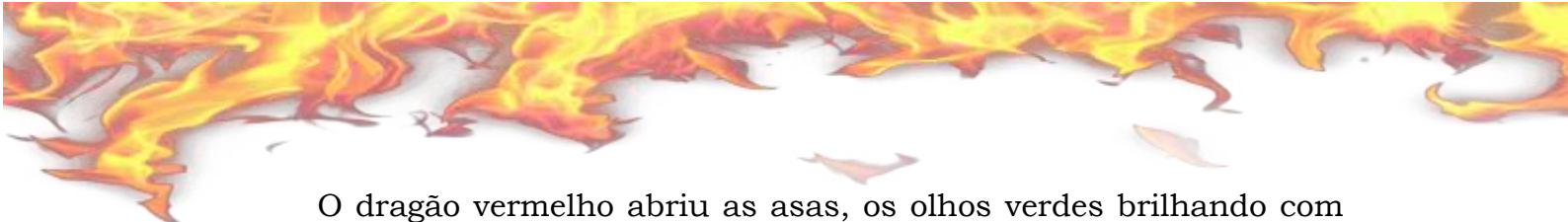
— Daifydd Drake, meu companheiro.

Ela tirou a mão do bolso, abrindo os dedos. Ouro e rubis brilharam enquanto ele caía.

— Eu te dou o olho do dragão como seu tesouro.

Bertram pulou com um grito de raiva, mas Dai foi mais rápido. Ele saltou, agarrando olho do dragão no ar. Antes que seus pés tocassem o chão novamente, eles estavam brilhado em garras.





O dragão vermelho abriu as asas, os olhos verdes brilhando com raiva e triunfo.

— *Bertram Russell, eu desafio você!*

O dragão branco se contorceu desajeitadamente, quando ele abortou seu voo. Ele olhou para o dragão vermelho por um segundo, e em seguida, seus espinhos baixaram submissos.

— *O seu tesouro é superior. Admito seu domínio.*

— *Eu rejeito sua submissão!* — O dragão vermelho se equilibrou, suas garras o segurando.

Bertram mal conseguiu ficar longe a tempo.

— *Você... você não pode fazer isso!* — Ele recuou rapidamente, quase tropeçando em sua própria cauda.

— *Você não pode me machucar. Você seria banido!*

— *E você estaria morto.* — O grunhido de Dai fez Bertram congelar no chão, em terror.

— *Eu vou matar você, por tocar a minha companheira!*

— Dai, espere! — Virginia chamou, mas o dragão vermelho a ignorou, com a intenção de perseguir Bertram. Virginia andou pé ante pé, quase caindo fora da viga. Ela não sabia o que acontecia com shifters fora da lei, mas estava apostando que não era bom.

— Não, ele não vale à pena!

O dragão branco fez uma pausa na porta, mas o vermelho disparou uma rajada de fogo, que o forçou a ir para longe dele novamente. Bertram gritou de dor, quando os dentes de Dai se fecharam em sua garganta. O dragão branco se contorcia, inutilmente tentando arranhar Dai, mas o dragão maior o prendeu. Virginia podia ver os músculos grossos da mandíbula de Dai, esforçando-se para provocar a morte de Bertram.





Se Dai o matasse...Virginia respirou fundo, fechando os olhos. Concentrando-se na comunicação de companheiros, ela jogou seu coração e alma para alcançar seu companheiro.





Capítulo Dezesseis

— *DAI! PARE!*

Dai parou quando a voz de Virginia ecoou em sua mente. Seu grito mental, quebrou a sede de sangue do seu dragão, deixando espaço para a razão humana assumir. Ele podia sentir o pulsar da jugular de Bertram, sob seus dentes. Seria tão fácil morder... mas então ele seria declarado desonesto. Sua própria equipe de caça teria que caçá-lo.

Um momento de vingança, não vale uma vida com nossa companheira, ele disse a seu dragão. A raiva do dragão ferveu em seu sangue... e depois lentamente, a contragosto, começou a diminuir.

Dai abriu sua mandíbula, permitindo a Bertram a liberdade. Ele olhou com desdém para baixo, para o dragão branco encolhido por um momento, e então virou as costas. Esticando-se para cima, ele estendeu a parte dianteira da pata para Virginia.

Virginia entrou em seu alcance sem hesitação, e Dai a baixou cuidadosamente no chão. Solto um suspiro aliviado quando seus pés





descalços tocaram o tesouro empilhado de Bertram. Ela balançou, e Dai mudou de forma rapidamente, a apoiando.

— Você está bem? — ele perguntou.

Virginia inclinou a cabeça contra seu braço.

— Nunca estive melhor. — Ela estendeu a mão ao seu rosto, traçando as contusões e cortes que Hugh não teve tempo de curar. — Você?

— Estou bem. — Ele beijou a ponta de seus dedos, suspirando com alívio. — Virginia. Minha companheira.

Tardiamente, ele percebeu que ainda segurava o Olho do Dragão, agora que ele tinha mudado para a forma humana novamente. Ele riu quando o guardou no bolso, libertando as mãos para abraçá-la com força.

— Minha inteligente companheira. Descobriu como interromper o domínio de Bertram sobre mim.

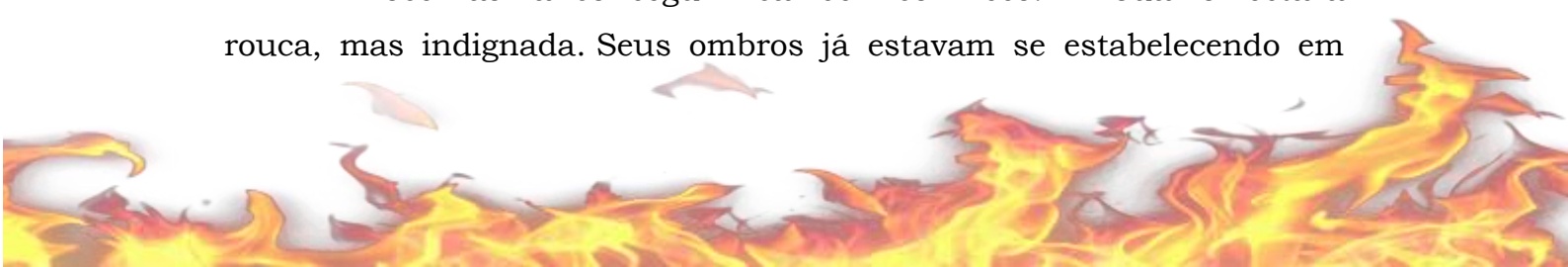
— Eu não tinha certeza se iria funcionar. — disse Virginia, um pouco abafada contra seu peito. — Mas eu pensei que, se o Olho do dragão é tão valioso ... — Ela parou de falar, e Dai sentiu seus ombros se moverem em um pequeno suspiro, uma pontada de arrependimento sendo percebida na ligação de companheiros. Antes que ele pudesse perguntar por que, se afastou um pouco, olhando para Bertram.

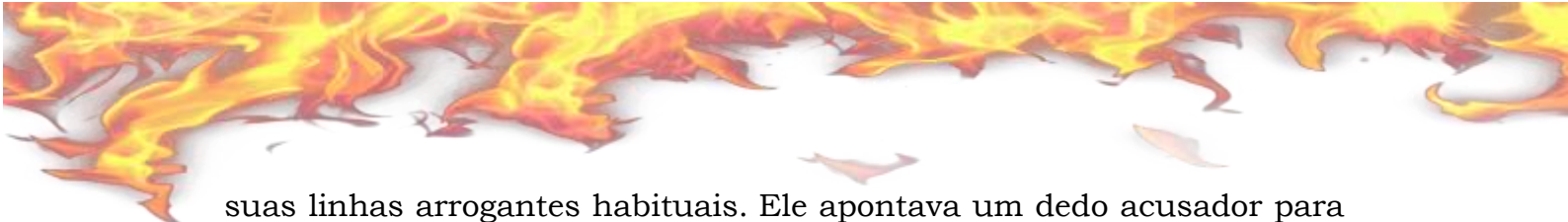
— E quanto à ele ?

O dragão branco olhou malignamente para os dois. Dai enviou um comando sem palavras para Bertram, exercendo o seu domínio, a fim de forçar o outro shifter a voltar para a forma humana.

Bertram se esforçou para se sentar ereto, o sangue manchando a frente de seu terno.

— Você não vai conseguir ficar bem com isso. — Sua voz estava rouca, mas indignada. Seus ombros já estavam se estabelecendo em





suas linhas arrogantes habituais. Ele apontava um dedo acusador para Dai.

— Você me atacou depois de submetido. Verei você sendo arrastado perante o Parlamento. — Seu dedo trêmulo apontando para Virginia. — E quanto a você....

Exatamente quando Bertram planejava dizer algo a Virgínia, uma forma de fogo alado entrou pelas portas abertas, de modo tão brilhante, que Dai instintivamente apertou os olhos com força. Quando os abriu de novo, o comandante Ash estava na frente de Bertram, com as mãos cruzadas atrás das costas.

— Bertram Russell? — o comandante perguntou, perfeitamente composto.

Bertram olhou para ele.

— Quem diabos é você?

— Comandante Ash, da Fire and Rescue Serviço, de East Sussex. — Tufos de fumaça subiam em torno dos pés de Ash. Atrás dele, as tábuas de madeira estavam negras, com esboço de asas emplumadas.

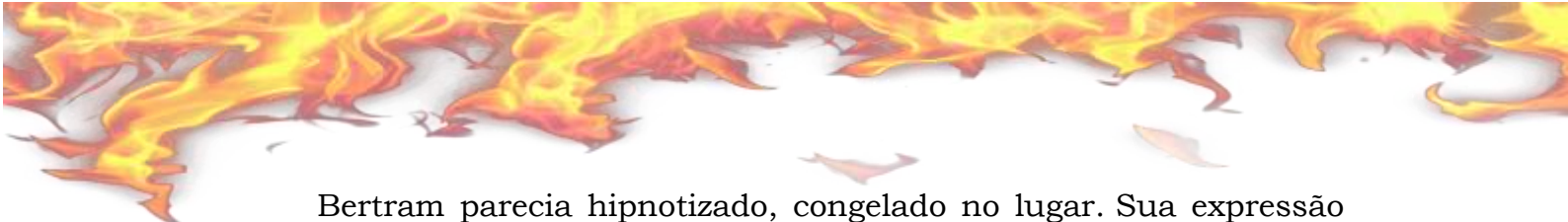
— Eu sou um Fênix, e você está na minha jurisdição.

— Eu não tenho que responder a alguma shifter de pássaro. — Bertram cuspiu. — Eu sou um dragão, da linhagem de reis! Você não tem nenhuma autoridade sobre mim.

— Por nascimento, pelo sangue, e por ordem do Parlamento dos Shifters, eu tenho. Todos os incêndios florestais são meus, e aqueles que os acendem também. Você cometeu um crime, colocando fogo em alguns lugares, e assim colocou-se sob meu poder. — Os olhos de Bertram se arregalaram, e Ash se agachou para que seus rostos estivessem no mesmo nível.

— Você vem procurando queimar os outros, então, você deve se queimar.





Bertram parecia hipnotizado, congelado no lugar. Sua expressão traía sua total incompreensão, mas sua respiração acelerava com submissão instintiva.

— Você, você não pode me queimar. Eu sou um dragão. Sou à prova de fogo.

— Eu sou uma Fênix. Não há nada que eu não possa queimar. — Muito gentilmente, Ash colocou um dedo no centro da testa de Bertram.

— Das cinzas, você vai voltar novamente.

Uma luz branca queimou. Dai pressionou Virginia contra seu peito, virando-se para protegê-la da onda de calor intenso.

— O que foi isso? — Virginia exclamou, quando a chama desapareceu. Ela olhou para Bertram, que agora estava caído de olhos fechado, mas ileso. Então virou-se para Ash. — O que você fez com ele?

O comandante levantou, sua expressão impassível como sempre, quando ele olhou para Bertram.

— Eu queimei seu dragão.





Capítulo Dezesete

— O que vai acontecer com ele? — Virginia perguntou, observando os paramédicos uniformizados escoltando Bertram para a ambulância.

O ex shifter dragão tropeçou docilmente entre os assistentes. Seu rosto ainda estava em branco, parecendo como um bebê recém-nascido.

— Eles vão cuidar dele na ala psiquiátrica. Vai levar um pouco para ele se ajustar à perda de seu dragão. — Dai envolveu um braço ao redor de seus ombros, a segurando perto.

— Eu já vi isso antes. Vai dar tudo certo no final. Só... é muito diferente.

Virginia estremeceu, se encolhendo contra o lado de Dai. Ela estava feliz que o Comandante Ash estava totalmente ocupado conversando com os outros trabalhadores do serviço de emergência que ele tinha convocado. Estava grata a ele, é claro ... mas agora, preferia ser grata à distância. Havia algo profundamente inquietante sobre uma





criatura que poderia tão facilmente transformar as pessoas contra a sua vontade.

— Acabou agora? — ela disse, esperançosa. — Podemos ir para casa?

Dai inclinou a cabeça, presumivelmente se comunicando telepaticamente com seu comandante. Do outro lado do pátio, Ash nunca parou sua conversa, mas depois de um segundo, Dai concordou.

— Ele diz que devemos sair agora. — Com um toque no seu cotovelo, Dai a guiou para longe. — O comandante vai lidar com os parentes de Bertram e a polícia. É melhor se ficarmos fora do caminho.

— Sem brincadeiras. — Virginia percebeu que eles estavam indo mais para o campo. — Uh..Dai... a estrada está do outro lado.

Ele lhe deu um sorriso irônico.

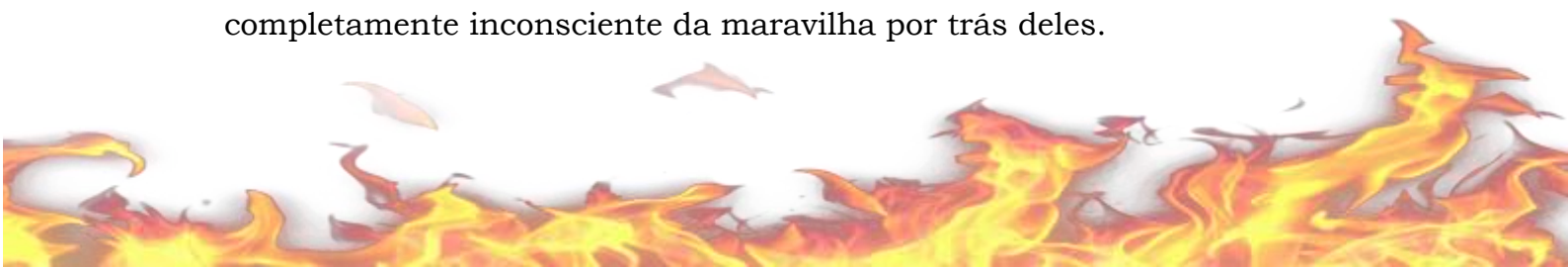
— Eu não costumo ir à lugares por estradas. E eu notei que há um lindo parque atrás de sua casa. Perfeito para o pouso. — Ele hesitou, sua expressão se tornando sombria. — A menos que você prefira que eu chame um táxi. Eu entenderia se você já tivesse o suficiente de dragões por uma noite. Ou vida.

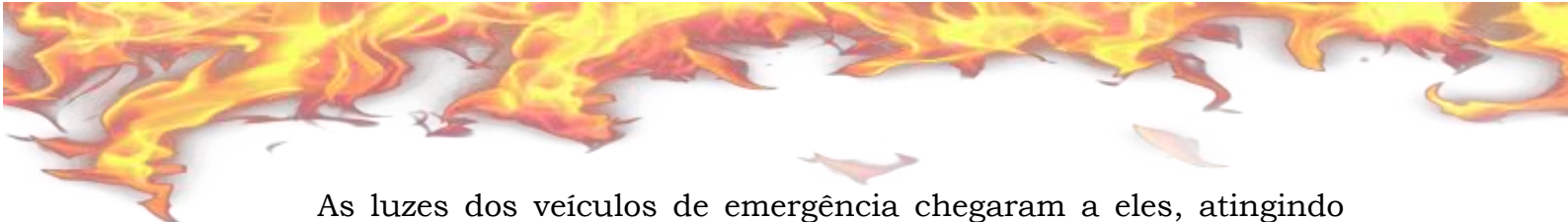
Virginia entrelaçou seus dedos nos dele.

— Há um dragão do qual eu nunca vou obter o suficiente. — Ela apertou suas mãos, e então o soltou, recuando.

— E eu quero olhar para você corretamente, agora que eu não estou com medo por nossas vidas. Vá em frente.

O contorno de Dai ondulou. Uma luz brilhou estranhamente ao seu redor e, em seguida, o dragão vermelho estava em seu lugar, posando como um animal nobre. Toda a respiração congelou nos pulmões de Virginia. Ela lançou um olhar por cima do ombro, mas a polícia e os paramédicos estavam ainda preocupados com a ocorrência, completamente inconsciente da maravilha por trás deles.





As luzes dos veículos de emergência chegaram a eles, atingindo Dai fazendo brilhar em vermelho suas escamas, como jóias. A cabeça com chifres do dragão, curvou-se para baixo, e os luminosos olhos verde ouro a perseguiram ansiosamente, enquanto ela circulava ele. Virginia passou a mão em todo seu vasto ombro, sentindo o calor que emanava através da armadura chapeada. O dragão rugiu, encostando na palma da sua mão. Com um farfalhar, ele abriu as asas, uma pata dianteira inclinando-se, para oferecer um caminho para subir.

Sentindo-se como se tivesse entrado em um conto de fadas, Virginia subiu. Ela sentou entre os espinhos vermelhos que percorriam sua espinha, abrangendo a base de seu pescoço. Sentiu os enormes músculos de Dai mudarem sob suas coxas. Então, com um salto poderoso, eles estavam no ar.

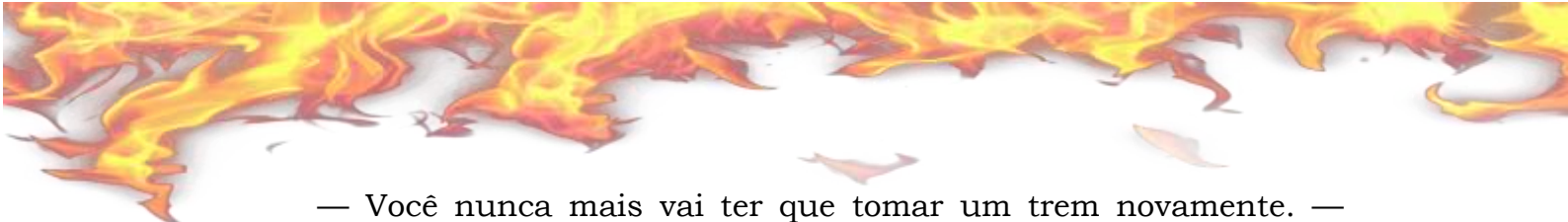
Não era nada como a viagem com Bertram. Dai a levou suavemente, com o máximo cuidado. Suas asas batendo suavemente, como se estivesse flutuando sobre a superfície do oceano. Virginia se inclinou para olhar o movimento, eufórica com o vento passando através deles. Seus olhos foram para chão abaixo deles. Ela gritou, e Dai rugiu, ecoando seu deleite.

Rapidamente, eles chegaram à cidade. As luzes de Brighton se espalhavam como uma constelação, brilhando debaixo deles. Virginia preparou-se contra os espinhos antes de Dai descer em um espiral. Apesar de sua massa, ele caiu de forma tão leve, que nem sequer percebeu que ele havia tocado o solo, até que as asas dobradas se fecharam. Saiu de suas costas, rindo com o vento, recuando para deixá-lo voltar à forma humana.

— Oh, foi maravilhoso! — Não conseguia parar de sorrir como uma louca, enquanto caminhavam a curta distância do parque para seu apartamento.

— Será que podemos realmente fazer isso sempre que eu quiser?





— Você nunca mais vai ter que tomar um trem novamente. —
Dai prometeu, com os olhos brilhando de satisfação com a reação dela.

— Eu temo que você ainda estará presa a aviões, para vôos transatlânticos, embora. — Ele hesitou em sua porta. — Ah...Sabe, como todos os problemas em relação à Bertram se foram, você não precisa de mim ao seu lado mais. Se você preferir alguma privacidade, eu posso ir para...

Virginia se esticou na ponta dos pés para beijá-lo, cortando-o no meio da frase.

— Rose estava certa — ela disse, pegando em sua mão. — Você realmente pensa demais nas coisas.

Ele sorriu com tristeza, enquanto a levava para o quarto.

— Faço isso, não faço? — Ele a pegou em seus braços, colocando o topo de sua cabeça sob o queixo. — Minha linda, valente companheira. Me desculpe, se eu não lhe disse tudo imediatamente.

— Eu não tornei exatamente fácil para você. — Virginia se inclinou contra ele. Mesmo em forma humana, ele mantinha um certo calor. Ela se aconchegou mais perto de seu peito, apreciando seu calor mais que humano, contra sua pele gelada.

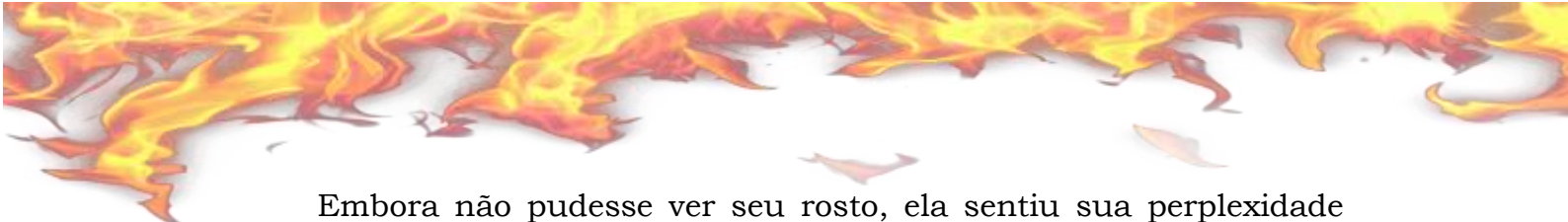
— Eu também sinto muito.

Dai ficou em silêncio por um momento. Ele tinha a sensação de que havia algo incomodando sua mente, tentando atrapalhar seu humor.

— Você ainda está triste com alguma coisa. — disse ele finalmente.

— Não, não é triste. — Virginia suspirou, ainda pressionada contra ele. — Só um pouco arrependida. Eu gostaria de examinar o Olho do dragão.





Embora não pudesse ver seu rosto, ela sentiu sua perplexidade na sensação de companheiros.

— Por que não pode?

— Eu apreciaria se você me deixasse olhar para ele, é claro. Mas não será o mesmo que ser capaz de estudá-lo corretamente. — Ela suspirou novamente. — E isso ficaria espetacular como peça central no museu.

Inesperadamente, Dai riu baixinho.

— Oh. — Seus dedos longos e fortes circularam seu pulso, virando sua mão.

— Virginia. — disse ele, pegando o Olho do dragão do bolso. Sem o menor sinal de hesitação ou dúvida, ele colocou o artefato de valor inestimável na palma da sua mão.

— Você não achou que eu iria mantê-lo, não é?

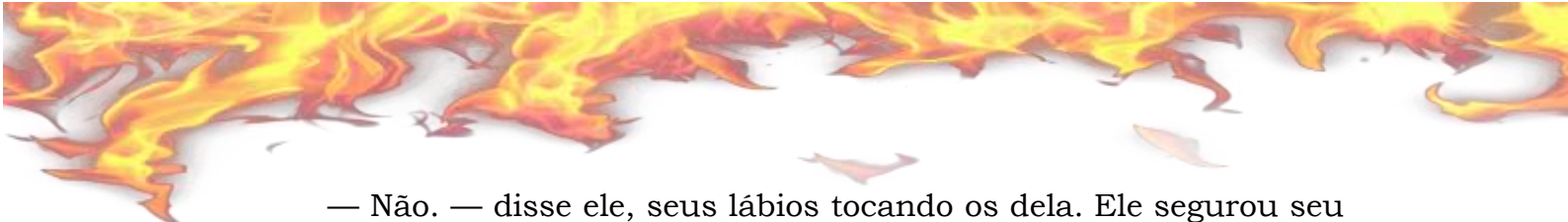
— Mas... — Virginia gaguejou. Ela olhou para o ouro cravejado de rubis, depois para cima, em seus quentes olhos verdes. — Eu dei a você, livremente. É parte do seu tesouro. Eu pensei que dragões nunca davam seus tesouros.

— Nós não damos.— Ele inclinou o queixo para cima, dobrando o seu rosto para o dela. — Mas nós fazemos comércio. Então você vai ter que me dar algo de igual valor.

Ele a beijou, longa, profunda e lentamente. Virginia derreteu contra seu corpo forte, o fogo doce ardendo em suas veias. Ela podia se sentir respondendo ao calor de Dai, o seu desejo comum ecoando e ampliando ao longo do vínculo de sua paixão. O fogo varrendo todos seus pensamentos, tudo no mundo, exceto os dois. Flutuou em um perfeito momento interminável, ciente de nada, exceto da sensação de êxtase de sua boca na dela.

Dai recuou.





— Não. — disse ele, seus lábios tocando os dela. Ele segurou seu rosto com as palmas das mãos, o polegar reverentemente acariciando sua bochecha. — Isso parece um comércio justo para mim.

— Ah, não. — Virginia empurrou seu peito, o guiando para baixo até se sentar na cama. Ela ficou na frente dele, entre as suas pernas esparramadas, e levantou o Olho do dragão para que o enorme rubi cabochão chamasse a luz. A estrela de seis pontas escondida em seu coração queimando.

— Eu não gostaria que os outros dragões pensassem que eu enganei você. — Ela balançou a cabeça solenemente. — Isso vale muito mais do que apenas um beijo.

Os olhos verdes de Dai brilharam maliciosamente, quando ele permitiu que ela o empurrasse de volta para os cotovelos. Seus pés ainda estavam no chão, seu longo e musculoso corpo estirado sobre a cama.

— Será que vale dois beijos, então?

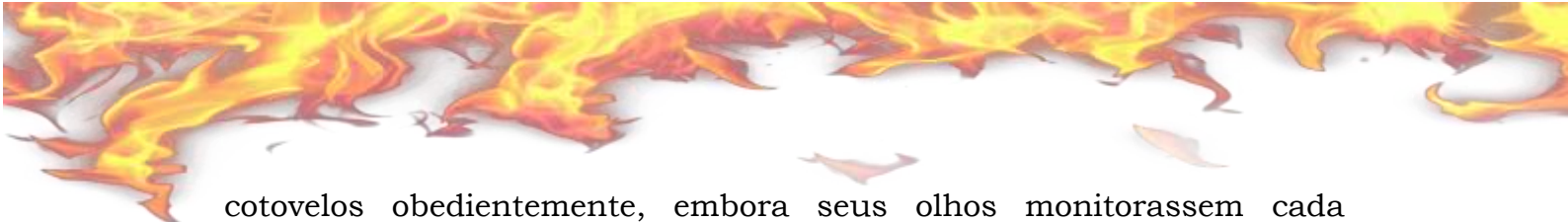
— Eu vou te mostrar o que vale. — Virginia deixou seu roupão escorregar pelos ombros. Usava nada além de calcinha e uma de suas camisas por baixo.

Ele assistiu avidamente, enquanto ela lentamente abria cada botão, até que a camisa estava aberta. Dando de ombros, foi recompensada por um longo suspiro de Dai. Sua necessidade tomou conta dela, enquanto lentamente empurrava sua calcinha para baixo. Podia sentir o quanto Dai queria tocar, adorá-la.

— *Espere.* — disse a ele em silêncio.

Com o final de seu medo e desamparo, ela queria recuperar o poder em pelo menos uma área pequena de sua vida. Com o brilho suave de aceitação e amor que recebeu de Dai, sabia que ele sentiu sua necessidade de assumir o controle, e entendeu. Recostou-se nos





cotovelos obedientemente, embora seus olhos monitorassem cada movimento dela com desejo intenso.

Virginia montou nele, sentindo sua grossa ereção, mesmo através de seu jeans. Seus quadris se sacudiram involuntariamente, o atrito enviando deliciosas ondas de prazer através dela.

— Espere. — ela disse novamente, em voz alta neste momento. Tocou seus lábios com a ponta dos dedos, i

— Sim. — Dai disse com voz rouca. Seus olhos ficaram com bordas douradas ao redor de sua íris. Suas mãos fortes apertavam a colcha. — Oh, sim .

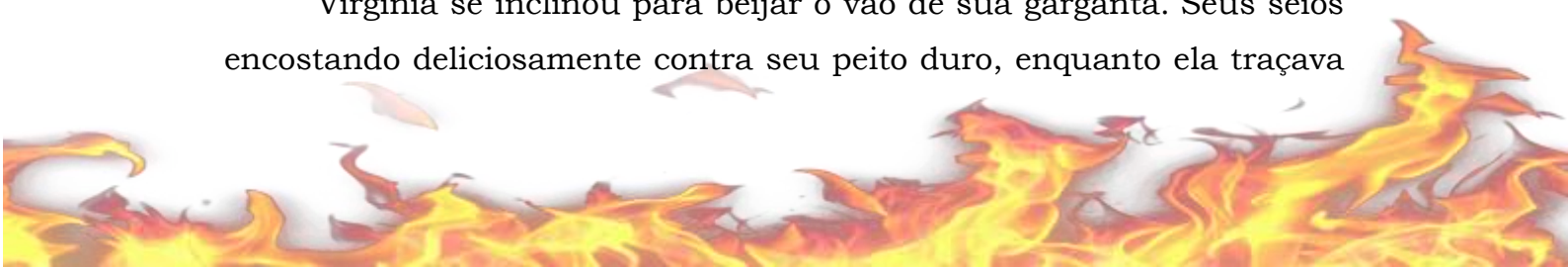
Erguendo-se um pouco sobre os joelhos, ela libertou a bainha de sua camiseta. Seu abdômen agrupado em cumes duros, ficou evidente quando ele se inclinou para a frente para deixá-la puxar a camiseta sobre sua cabeça. Empurrando-o para baixo novamente, se sentou sobre os calcanhares por um momento, apenas admirando as linhas deslumbrantes de seu corpo.

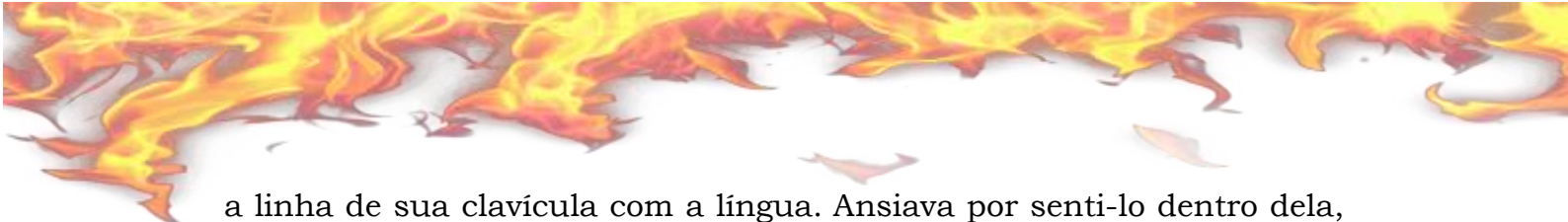
— *Meu.* — disse admirando, e nem sequer percebeu que enviou o pensamento para ele, até que sentiu a onda de assentimento de seu coração voltando para ela pela ligação de companheiros. Ele era dela. Tudo dele, sempre, dela e só dela.

Com muito cuidado, Virginia colocou o Olho do dragão no centro do peito de Dai, direto sobre o coração. O ouro e pedras preciosas brilhavam com sua ingestão aguda de respiração. A estrela no centro de rubi, dançava com seu batimento cardíaco.

— Daifydd Drake, eu enfeito você. — Ela bateu o artefato com um dedo, atirando-lhe um sorriso malicioso. — Agora fique adornado. Se você puder.

Virginia se inclinou para beijar o vão de sua garganta. Seus seios encostando deliciosamente contra seu peito duro, enquanto ela traçava





a linha de sua clavícula com a língua. Ansiava por senti-lo dentro dela, mas se forçou a fazê-lo lentamente e sem pressa, saboreando a forma como sua respiração acelerava, enquanto se dirigia até seu mamilo.

Ele gemeu, quando ela mordiscou seu mamilo com os dentes, cada músculo se contraindo.

— Virginia!

— Cuidado. — Virginia murmurou contra sua pele bronzeada. Ela bateu no Olho do dragão com um dedo. — Não o deixe escapar.

Se segurou novamente, embora ela pudesse sentir o tormento requintado que era para ele, ter de segurar ainda. Ter um homem tão poderoso colocando-se voluntariamente, inteiramente ao seu comando, era tão emocionante como voar em um dragão. Seu próprio batimento cardíaco estava acelerado, igualando ao dele, enquanto ela percorria seu corpo ainda mais para baixo, lambendo ao longo de seu abdômem duro.

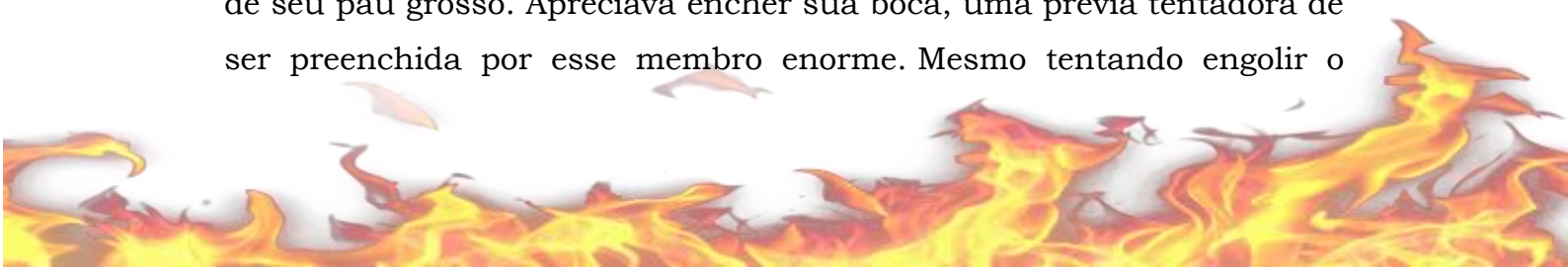
— Virginia. — Dai engasgou, quando ela desabotoou sua calça jeans. A cabeça estava levantada, olhando por sobre o ouro reluzente entre eles. Temor e agonia se misturavam em sua face. Levantou os quadris um pouco, para permitir que arrancasse seu jeans para baixo.

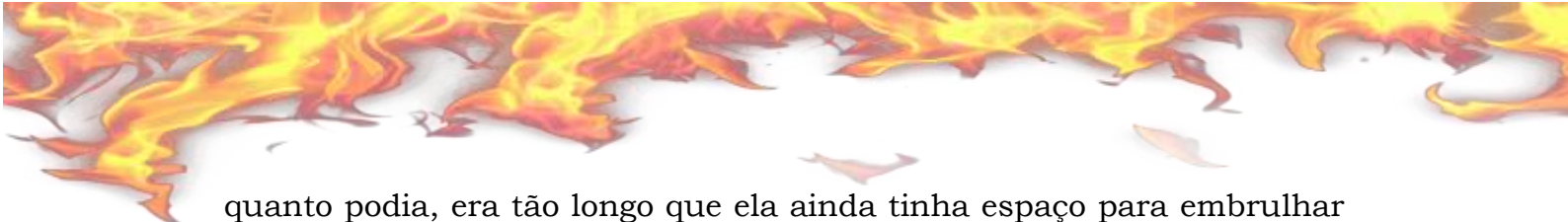
— Oh Deus. Virginia.

Suas mãos se fecharam em punhos, quando ela passou a língua ao longo do osso ilíaco até a base do seu pênis rígido.

— Por favor. Eu não posso aguentar muito mais disto.

Em resposta, Virginia abriu a boca e envolveu a cabeça de seu pênis. Ele jogou a cabeça para trás com um grito, as veias do seu pescoço se destacando. Virginia rodou sua língua ao redor dele, saboreando seus gemidos indefesos, enquanto explorava cada polegada de seu pau grosso. Apreciava encher sua boca, uma prévia tentadora de ser preenchida por esse membro enorme. Mesmo tentando engolir o





quanto podia, era tão longo que ela ainda tinha espaço para embrulhar seu punho em torno da base e trabalhar com a mão, juntamente com sua boca.

Ela podia sentir que o estava levando ao orgasmo. Um intenso prazer tomou conta dela, cada golpe de sua língua ou a mão em cima dele, ecoava em seu próprio corpo.

Ela sabia o ponto em que não podia mais esperar, porque a sua urgência era a dela própria. Ergueu-se, montando novamente. Suas mãos chegando para se entrelaçar com a dela, seus braços fortes a apoiando, enquanto ela finalmente, finalmente se encaixava em seu pênis.

Estava tão pronta, que o primeiro impulso a mandou diretamente para seu orgasmo. Ondas de prazer tomaram conta dela. Montou-o em um ritmo forte, rápido, seus quadris a impulsionando para frente. Montaram picos mais elevados de êxtase, como um dragão em espiral para o céu, e quando Dai finalmente se arqueou debaixo dela, chamando seu nome, enquanto ela se engasgava com o nome dele, era como se eles estivessem voando juntos no próprio coração do sol.

Satisfeita em cada fibra do seu ser, encharcada de suor, Virginia entrou em colapso sobre o peito largo de Dai. Por um longo momento, ela só ficou ali com seus batimentos cardíacos diminuindo vagarosamente. Então, se mexeu. O olho do Dragão estava cavando em seu peito. Tirou-o de entre seus corpos.

— Bem. — ela disse com tristeza, colocando o artefato na cama ao lado deles. — Meu professor de arqueologia realmente não aprovaria isso.

A risada de Dai retumbou no fundo do seu peito.

— Eu sim, no entanto.— Seus dedos traçaram caminhos para baixo de suas costas nuas. — Mesmo meu dragão, acha que fiz o melhor negócio nesta troca.



Virginia se apoiou nos cotovelos, olhando para ele.

— Oh, não, não. O Olho do Dragão vale muito mais do que isso.
— Ela tentou colocar seu rosto em uma expressão séria, mas um canto de sua boca se levantou, apesar de seus esforços. — Isso foi apenas a primeira parcela do meu plano de pagamento.

— Oh, é? — Dai sorriu para ela. Seu amor era um farol radiante. — E exatamente quanto tempo é que este plano de pagamento dura?

— Bem, ele é um artefato de valor inestimável. — Virginia se inclinou para reivindicar a sua boca novamente. — Que tal para sempre?
